



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

LEONILDES PESSOA FACUNDES

**DAS CATEGORIZAÇÕES AOS VALORES REFERENCIAIS: A
(IN)DEFINIÇÃO LINGUÍSTICA EM CONSTRUÇÃO**



Universidade Federal de São Carlos

LEONILDES PESSOA FACUNDES

**DAS CATEGORIZAÇÕES AOS VALORES REFERENCIAIS: A
(IN)DEFINIÇÃO LINGUÍSTICA EM CONSTRUÇÃO**

São Carlos-SP

2021

LEONILDES PESSOA FACUNDES

**DAS CATEGORIZAÇÕES AOS VALORES REFERENCIAIS: A
(IN)DEFINIÇÃO LINGUÍSTICA EM CONSTRUÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Ensino de Línguas.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Blundi Onofre

São Carlos-SP

2021

FACUNDES, Leonildes Pessoa

Das categorizações aos valores referenciais: a
(in)definição linguística em construção / Leonildes
Pessoa FACUNDES -- 2021.
135f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Marília Blundi Onofre

Banca Examinadora: Marília Blundi Onofre, Maria
Auxiliadora Ferreira Lima, Marcos Luiz Cumpri,
Luzmara Curcino Ferreira, Lidiany Pereira dos Santos

Bibliografia

1. Linguística. 2. Enunciação. 3. Contos fantásticos. I.
FACUNDES, Leonildes Pessoa. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Leonides Pessoa Facundes, realizada em 05/04/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Marília Blundil Onofre (UFSCar)

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI)

Prof. Dr. Marcos Luiz Cumpri (UNEMAT)

Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira (UFSCar)

Profa. Dra. Lidiany Pereira dos Santos (UFPI)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

A Deus e à minha amada Família.

À minha mãe, Constança, e a meu pai Lourival (*in memoriam*).

A meu marido, Adalmir (*in memoriam*).

Às minhas filhas, Lígia e Leila.

Ao meu netinho, Luís Filipe.

A meus irmãos, Lourival, Lilian, Lucídio e Luissandra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente ao nosso Deus, criador e renovador de todas as coisas, vida da minha vida.

A Nossa Mãe Santíssima Nossa Senhora de Fátima, que adoro, agradeço, amo e sou grata pela iluminação, pelo dom da sabedoria, da fé e da proteção da saúde, minha e da minha família, neste período de pandemia. Agradeço, Maria Santíssima, por todas as graças recebidas.

A minha querida família: minha mãe, Constança, minhas filhas, Lígia e Leila, e ao meu netinho Luís Filipe.

À Profa. Dra. Marília Blundi Onofre, pelas orientações, paciência, carinho, dedicação, prudência e muita competência para a elaboração deste trabalho. Minha infinita gratidão e respeito.

À Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima e ao Prof. Dr. Marcos Luiz Cumpri, por aceitarem participar do Exame de Qualificação deste trabalho. Obrigada pelas contribuições, que foram bem-vindas. Gratidão especial à Profa. Auxiliadora, por me mostrar o caminho com os fundamentos da TOPE.

Ao Prof. Dr. Antonie Culioli (*in memoriam*), Prof. Dr. Jean Jacque Franckel, Profa. Dra. Letícia Rezende, Profa. Dra. Marília Onofre, Profa. Dra. Auxiliadora Lima, Profa. Dra. Márcia Romero, Profa. Dra. Topa Valentim, dentre outros, pelas contribuições de livros, de artigos, de Cursos, de Palestras e demais eventos (ENUNCIAR, LÉXICO E ENUNCIACÃO), com o objetivo de aprofundar e divulgar a TOPE, os quais valeram para aumentar meu interesse pela presente pesquisa. Minha gratidão!

Às amigas, Profa. Dra. Marlene Mantovani, pela doçura e unidade; Profa. Dra. Soraya Melo, pelo incentivo; Profa. Dra. Lidiany Santos, pela amizade sincera; Profa. Dra. Elizabeth Rocha, pela mão amiga; e Profa. M.Sc. Andreana Barros Araújo, pelas leituras discutidas e traduções. E a todas, pelas traduções, leituras, trocas dos textos do Culioli e conversas sobre pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Maranhão, pelo apoio financeiro; e aos meus colegas professores do Departamento de Letras, do *Campus* Centro de Ensino Superior de Timon - MA - CESTI-UEMA.

Aos professores e funcionários do PPGL e do Departamento de Letras da UFSCar, pelo apoio e contribuições.

Ao Movimento dos Focolares (Obra de Maria), agradeço o apoio das voluntárias: Marlene e seu esposo Ângelo, Olívia, Helena, Railda, Zenaide, Maria, pelo acolhimento e pela unidade na cidade de São Carlos.

Ao Movimento dos Focolares em Teresina, agradeço as orações e toda a unidade do meu núcleo com as voluntárias Raquelúzia, Nara Lúcia, Fábía, Gislane e Iracema. E a todas as outras voluntárias do meu regional PI, CE e MA.

Às minhas amigas de viagem, Evana, Elsa, Amparo e Maria, por compreenderem minha ausência.

Aos meus afilhados: Layanne, Lukas e Lara, e aos cunhados, Bill, Eronilda e Conceição, e aos sobrinhos, Leonardo, Lidianny, Leandro, Lessandro, Laércio, Liuerbeth, Léryda, Lenara, Lorena, Gabriel, Gustavo e Maria das Graças. Olha aí uma predominância da figura de linguagem aliteração. Tal escolha deve-se a uma homenagem ao meu pai Lourival (*in memoriam*) que formou minha linda e abençoada família.

Um agradecimento muito especial aos meus irmãos Lourival, Lilian, Lucídio e Luissandra, especialmente a minha irmã, “a querida” Lilian, pelo espírito de fé, de devoção, de alegria, de muito carinho comigo. Sou grata pelo apoio da minha família.

Meus futuros genros, Roniel e Walber, pelo carinho e respeito, e à Dona Jesus, por cuidar da minha casa e família nos períodos de ausência. Gratidão!

O fantástico implica, pois, uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados. [...] Quando o leitor sai do mundo das personagens e volta à prática própria (a de um leitor), um novo perigo ameaça o fantástico. Perigo que se situa ao nível da *interpretação* do texto.

Tzvetan Todorov

RESUMO

Na Tese proposta, desenvolvemos um estudo sobre a noção de “indefinição”, vista sob a perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), referencial teórico em que nos apoiamos. Tal perspectiva confronta-se com abordagens gramaticais predominantes no ensino, que, desvinculando a gramática do texto, atribuem à *noção* de indefinição as classes de palavras, tais como o artigo indefinido e os pronomes indefinidos. O que nos levou a estudar essa questão foi, por um lado, a nossa insatisfação como docente, em curso de Letras, em relação às abordagens gramaticais prescritivistas e descritivistas predominantes no ensino de língua, uma vez que tais abordagens são incongruentes quando se visa ao desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, objetivo primeiro do ensino segundo as propostas curriculares oficiais. Por outro lado, o contato com a TOPE nos fez ver a problemática em torno dos conceitos gramaticais prescritivistas e descritivistas, ao considerarmos o processo de enunciação linguística. A TOPE ressalta a articulação *léxico-gramatical*, o que significa que os tradicionais campos linguísticos fono-morfo-sintático-semântico-enunciativos são reconhecidos em articulação. Dessa forma, questionamos a *noção de indefinição* aplicada às classes do artigo e do pronome indefinido. Para analisar essas classes em enunciação, e assim compor nosso *Corpus*, consideramos ocorrências desses marcadores, artigos indefinidos e pronomes indefinidos, nos contos fantásticos “Uma Casa”, de Moacyr Scliar (2006) e “O Espelho”, de Machado de Assis (2002). Procuramos, assim, analisar tais ocorrências em enunciação articulando a gramática ao texto. A seleção do gênero conto fantástico justifica-se à medida que ele se apresenta como conteúdo de ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, nosso referencial de observação, analisando a gramática na proposta pela TOPE. Em uma primeira observação, tais marcadores mostraram-se muito presentes nestes contextos, o que nos indicou um possível papel léxico-gramatical-enunciativo dessas noções a ser investigado, pois na TOPE os valores referenciais dessas marcas de (in)definição são operações dos papéis enunciativos e discursivos nas construções dos textos. O pronome indefinido tem o mesmo papel que não precisaria estar em classe distinta, o seu papel referencial é o mesmo dos artigos morfológicos, ou seja, são marcadores da mesma natureza na fronteira entre *definição/ indefinição*. Concluimos que são movimentos léxico-gramaticais que estão em todas as classes gramaticais, na verdade, são *noções de indefinições* geradas no texto.

Palavras-chaves: Noção de indefinição. Enunciação. Contos fantásticos. Ensino de Língua Materna.

RÉSUMÉ

Dans cette thèse, nous avons développé une étude sur la notion d'« indéfinition » vu sur l'approche de la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives (TOPE), un cadre théorique sur lequel nous nous appuyons. Cette perspective est confrontée à des approches grammaticales qui prédominent dans l'enseignement qui, dénouant la grammaire du texte, attribuent à la notion d'indéfinition aux classes de mot, telles que l'article indéfini et les pronoms indéfinis. Nous avons décidé d'étudier ce sujet à cause de, d'un côté, notre insatisfaction en tant qu'enseignant dans un cours de lettres par rapport aux approches grammaticales prescriptives et descriptives qui prévalent dans l'enseignement de langue, puisque ces approches sont incongrues quand nous visons le développement de la compétence discursive des élèves, objectif principale de l'enseignement selon les propositions des programmes officiels. D'autre côté, le contact avec la TOPE nous a fait voir la problématique autour des conceptions grammaticales prescriptives et descriptives, quand on considère le processus d'énonciation linguistique. La TOPE met l'accent sur l'articulation lexico-grammatical, ce qui signifie que les traditionnels champs linguistiques fonno-morpho-syntaxique-sémantique-énonciatif sont reconnus en articulation. De cette façon, nous nous questionnons sur la notion d'indéfinition appliquée aux classes de l'article et du pronom indéfini. Pour analyser ces classes dans l'énonciation, et ainsi composer notre corpus, nous considérons les occurrences de ces marqueurs, des articles indéfinis et des pronoms indéfinis, dans des contes fantastiques. Ainsi, nous cherchons à analyser de telles occurrences dans l'énonciation en articulant la grammaire au texte. Le choix du genre conte fantastique se justifie au fur et à mesure qu'il se présente comme un contenu d'enseignement du 6e au 9e année du primaire II, notre cadre d'observation, en analysant la grammaire dans la proposition de la TOPE. Dans une première observation, ces marqueurs étaient très présents dans ces contextes, ce qui nous indiquait un possible rôle lexico-grammatical-énonciatif de ces notions à étudier, car dans la TOPE les valeurs référentielles de ces marques de (in)définition sont des opérations des rôles énonciatifs et discursifs dans les constructions des textes. Le pronom indéfini a le même rôle qu'il n'aurait pas besoin d'être dans une classe différente, son rôle référentiel est le même que celui des articles, au niveau morphologique, c'est-à-dire, qu'ils sont des marqueurs de la même nature à la frontière entre définition/indéfinition. Nous concluons que ce sont des mouvements lexico-grammaticaux qui sont dans toutes les classes grammaticales, en vrai ce sont des notions créées dans le texte.

Mots-clés: Notion d'indéfinition. Énonciation. Contes fantastiques. Enseignement de Langue Maternelle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Uso das formas definidas e indefinidas.....	35
Figura 2	- Conceito de artigo em anúncio - livro didático, 6º ano.....	41
Figura 3	- Conceito morfológico de artigo em enunciado - livro didático, 6º ano...	42
Figura 4	- O artigo na construção do texto, no livro didático - 6º ano.....	43
Figura 5	- Função sintática dos artigos e dos pronomes indefinidos - livro didático, 7º ano.....	44
Figura 6a	- Semântica e discurso - livro didático, 6º ano.....	45
Figura 6b	- Anúncio publicitário -Semântica e discurso no livro didático - 6º ano...	46
Figura 7	- Conceito morfológico de pronome indefinido em tira - livro didático, 6º ano.....	48
Figura 8	- Pronomes indefinidos variáveis e invariáveis no livro didático - 6º ano.	48
Figura 9	- Coesão e coerência em pronomes, no livro didático - 7º ano.....	50
Figura 10	- Semântica e discurso, com ambiguidade, no livro didático - 6º ano.....	51
Figura 11	- Níveis da linguagem.....	69
Figura 12	- Representação do domínio nocional das ocorrências da noção <vestido>.....	81
Figura 13	- Representação do domínio da noção <casa>.....	81
Figura 14	- Esquema para explicar a representação dos nomes discretos.....	81
Figura 15	- Representação dos nomes <i>compactos</i> no domínio nocional.....	83
Figura 16	- Nomes compactos, por De Vogüé (1989).....	84
QUADROS		
Quadro 1	- Critérios morfossemântico e funcional.....	30
Quadro 2	- Usos de “ninguém”.....	39
Quadro 3	- Categorias para quantificação e qualificação.....	84
Quadro 4	- Níveis morfológico e sintático dos artigos e pronomes indefinidos.....	93
Quadro 5	- Determinação do artigo definido.....	105
Quadro 6	- Sequências de relações observadas.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Programa de Educação para Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LD	Livro Didático
LT	Linguística Textual
MEC	Ministério da Educação
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SN	Sintagma Nominal
TOPE	Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A GRAMÁTICA SOB DIFERENTES ABORDAGENS LINGUÍSTICAS	20
2.1 A gramática sob a abordagem prescritivista.....	20
2.2 A gramática sob a abordagem descritiva.....	28
2.3 A gramática sob abordagens interacionistas.....	33
2.4 As contribuições das abordagens linguísticas para o ensino e aprendizagem de língua de herança.....	39
2.4.1 Os artigos definidos e indefinidos.....	40
2.4.2 Pronome indefinido.....	47
3 PRINCÍPIOS TEÓRICOS DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS	55
3.1 Linguagem e língua.....	55
3.2 A formalização em linguística.....	63
3.3 Processos de predicação.....	67
4 A OPERAÇÃO DE DETERMINAÇÃO NOMINAL: O ARTIGO INDEFINIDO E O PRONOME INDEFINIDO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL	78
4.1 Os modos de construção dos valores referenciais.....	78
4.1.1 O nome discreto.....	80
4.1.2 O nome compacto.....	82
4.1.3 O nome denso.....	83
5 ANÁLISE DA NOÇÃO DA DEFINIÇÃO/INDEFINIÇÃO NO EXERCÍCIO DO ENSINO LÉXICO-GRAMATICAL	87
5.1 Procedimentos metodológicos.....	87
5.2 Análise na perspectiva da abordagem tradicional.....	90
5.3 Análise sob a perspectiva da TOPE.....	94
5.3.1 A noção <ser CASA>.....	94
5.3.2 A noção <ser HOMEM>.....	103
5.4 As marcas das noções de indefinição com pronomes indefinidos.....	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	121
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	126
ANEXO B – CONTO “UMA CASA”	129
ANEXO C – CONTO “O ESPELHO”	133

1 INTRODUÇÃO

A forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade, mas primeiro a condição de realização do pensamento. Não captamos o pensamento a não ser já adequado aos quadros da língua. Fora isso, não há senão obscura volição, impulso que se descarrega em gestos, mímica.

Benveniste

O nosso contato com a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), proposta pelo linguista Antoine Culioli, trouxe-nos um novo viés de reflexão com os estudos linguísticos de base enunciativa. Embora essa teoria não trate especificamente das questões de ensino, seus pressupostos estabelecem um diálogo com a abordagem *construtivista*,¹ que vem a ser relevante para se pensar o ensino. Isso se verifica nas reflexões de Rezende (2006, p. 13-14, grifo nosso), ao afirmar:

Somos conduzidos a procurar nas atividades de ensino de línguas, princípios unificadores, indistintos, pertencentes à linguagem e não à língua dada, a uma cultura dada, a um hábito e a um treinamento específico. Assim, precisamos nos esforçar para encontrar pontos comuns entre língua materna e línguas estrangeiras; língua de adulto e língua de criança; língua oral e língua escrita; escrita e leitura; etc. As diferenças entre essas atividades são óbvias, e por isso pouco importantes. [...] Mas o desafio para o ensino de língua, em nossa abordagem teórica, não é procurar os elementos que dificultam o aprendizado, mas os elementos facilitadores do aprendizado.

Do exposto pela autora, a linguagem é o ponto-chave da questão. Visto que a linguística,² institucionalizada, não coloca o problema da articulação da linguagem com as línguas; com essa separação, as questões que não são abordadas pela gramática de língua ficam no vazio. Segundo Rezende (2006, p. 19), “o objeto de estudo da Linguística não seria nem a língua nem a linguagem separadamente, mas as duas juntas”. Foi sob esse olhar que nos impulsionamos à elaboração desta Tese.

Justificamos nossa escolha pelas *noções de definição/indefinição*, veiculadas pelos *artigos indefinidos e pelos pronomes indefinidos*, por apresentarem mecanismos enunciativos pouco explorados no ensino e por serem marcadores que nos fizeram dar um olhar específico

¹ É válido ressaltar que a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli é fundamentalmente *construtivista* e se distingue da abordagem *mentalista* (cada língua constitui, à sua maneira, uma análise das mesmas propriedades de um mesmo pensamento). Em uma abordagem construtivista, o sentido é considerado como determinado e construído pelo material verbal (FRANCKEL, 2011, p. 16).

² A Linguística teórica, por meio do desafio de Saussure, delimitou seu objeto de estudo não com a linguagem, mas com a língua, para não contrapor com outras áreas do domínio da linguagem como: Filosofia, Antropologia, Psicologia etc., reduzindo, assim, a heterogeneidade do domínio, transformando-o em um campo neutro, homogêneo.

para nossas análises. O que de fato nos levou a essa questão de pesquisa foi, por um lado, a nossa inquietação por essas questões de (in)definição. Como docente do Curso de Letras, em relação às abordagens gramaticais prescritivistas e descritivistas predominantes no ensino de língua, uma vez que reconhecemos a importância de tais abordagens ao deixarem seus contributos para o ensino, quando se visa ao desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

As abordagens gramaticais predominantes no ensino, desvinculando a gramática do texto, atribuem a noção de indefinição a classes de palavras, tais como o artigo indefinido e os pronomes indefinidos, porque têm sido objetivo primeiro do ensino segundo as propostas curriculares oficiais. Por outro lado, o contato com a TOPE nos fez ver a problemática em torno dos conceitos gramaticais prescritivistas e descritivistas, ao considerarmos o processo de enunciação linguística que poderia ampliar esse diálogo entre as teorias, em uma busca de soluções para a problematização da (in)definição na linguagem.

Nesta Tese, o nosso objetivo foi desenvolver um estudo sobre a noção de “indefinição” vista sob a perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, referencial teórico em que nos apoiamos. A TOPE ressalta a articulação léxico-gramatical, o que significa que os tradicionais campos linguísticos fono-morfo-sintático-semântico-enunciativos são reconhecidos em articulação. Dessa forma, questionamos *a noção de indefinição* aplicada às classes do artigo e do pronome indefinido.

Observamos em nossas análises de textos produzidas por alunos do 6º ao 9º ano³ que eram relativamente comuns os usos heterodoxos, alguns até equivocados, segundo a gramática normativa, outros criativos; portanto, variados de certas ocorrências linguísticas de certos marcadores que na gramática tradicional são chamados como *artigos indefinidos e pronomes indefinidos*. A partir dessa observação inicial, decidimos investigar a hipótese, segundo a qual as narrativas desse tipo de texto podem explorar de maneira mais frequente e diversificada o uso dessas marcas linguísticas.

A seleção do gênero fantástico justificou-se como referencial de observação nesta pesquisa, porque é um texto narrativo curto e breve, o que facilitava a leitura do aluno. Cabe destacar, talvez o ponto mais importante, que os alunos dessa faixa etária gostam muito da criatividade do universo fantástico do gênero discursivo, posto que estimula a imaginação entre o conflito do real e do imaginário na busca da solução do mistério, isso os fascina.

³ Nossa pesquisa iniciou-se com a coleta de dados em sala de aula, com alunos de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Pública Luiz Falcão, com atividades de leituras e produções de textos do gênero conto fantástico, conforme autorização, que segue anexa, do parecer do Conselho de Ética e pesquisa-CEP.

Nessa medida, nos vieram muitos questionamentos. Será que o conto fantástico é um texto que explora bastantes marcas que envolvem a noção de *definição/indefinição* para construção do gênero? É possível o trabalho com essas marcas gramaticais sob a perspectiva da TOPE? Para responder a essas questões, submetemos o *corpus* à análise, cujos resultados irão mostrar duas perspectivas:

- (1) O papel enunciativo, léxico-gramatical, das marcas *definição/indefinição* no conto fantástico;
- (2) A relevância de se trabalhar essas marcas/noções pelos princípios da TOPE no ensino e aprendizagem de língua.

Procuramos, assim, analisar tais ocorrências em situação de enunciação para mostrar como as operações de linguagem, sobretudo a determinação que sustenta os valores referenciais a elas atribuídos a cada enunciado no conto fantástico.

Na busca desta pesquisa, articulando a gramática ao texto, os marcadores artigos e pronomes indefinidos mostraram-se muito presentes nesses contextos que analisamos com pesquisa de vários textos desse gênero. Também localizamos nos textos produzidos pelos alunos do 6º ao 9º ano, o que nos indicou um possível papel léxico-gramatical-enunciativo dessas noções a ser investigado. É válido ressaltar que a maturidade linguística desses alunos no domínio da escrita do gênero *conto fantástico* é um processo que buscamos investigar, mas não foi possível desenvolver neste momento, contudo, fará parte de nossas pesquisas futuras.

Rezende (2006, p. 27, grifo do autor) defende que podemos ampliar o objetivo do ensino de língua e sugere:

Puxar a experiência de dentro dos indivíduos, organizando-a e dando novas formas de expressão que o possibilitem efetuar novas experiências que terão novas formas de expressão e assim por diante... temos uma reflexão teórica sobre a linguagem e línguas naturais aptas a esse fim. Quer dizer, é preciso saber, em um nível teórico, como se liga *forma expressão a conteúdos experienciais* e como que é possível permitir ao indivíduo novas formas de experiência/percepção ajudando-o a organizar cada vez mais a sua própria forma de expressão, o seu pensamento e aperfeiçoar sua relação com o outro e, conseqüentemente, consigo próprio.

Rezende apoia-se nos postulados da TOPE que concebe a atividade da linguagem como uma atividade de produção e de reconhecimento de formas linguísticas. Para Culioli (1999a), o nível textual ou linguístico é resultante de um primeiro nível a que o linguista não tem acesso, o nível nocional, e, desse modo, a atividade de linguagem é gerada a partir da relação entre os níveis cognitivos e linguísticos.

No contexto de aprendizagem da Língua Portuguesa, mais especificamente em se tratando das atividades de léxico-gramaticais, as marcas enunciativas de pessoa, de espaço e de tempo são abordadas a partir do quadro formal da enunciação, vistas como categorias linguísticas. Por sua vez, a TOPE propõe um trabalho voltado para as *noções*⁴ de pessoa, espaço e tempo, veiculadas por diferentes marcadores enunciativos, uma vez que não se consideram categorias preestabelecidas.

Para Culioli (1999a), as formas de linguagem compreendem as atividades epilinguísticas, linguísticas e metalinguísticas. A atividade epilinguística é a atividade interna não consciente dessas formas de raciocínios que se materializam pela atividade linguística. Por sua vez, a atividade metalinguística é a tentativa de formalizações dessas operações. A proposta de tais operações de linguagem pela TOPE a coloca em relação com o Construtivismo por sua fundamentação linguístico-cognitiva.

De acordo com Rezende (2011, p. 708):

Poderíamos colocar a diversidade linguística (seja intralíngua, seja interlínguas, se é que esses contornos existem) como um agravamento de um estado original presente no interior de cada sujeito (relação intrassujeito). Essa opacidade é também transferida para as relações intersujeitos. Essa indeterminação original do homem e, conseqüentemente, essa *indeterminação da linguagem* e das línguas o impulsionam para a ação, para o movimento, para o diferente, aquilo que se opõe é constitutivo dessa organização. Essa determinação, definição ou identidade do homem são construídas por meio de sucessivos diálogos internos (consigo próprio) e externo (com o outro).

O que está dito pela autora é que a linguagem é indeterminada. A questão do ensino de língua perpassa pela alteridade entre os sujeitos.

Para dar sustentação aos propósitos dessa investigação, seguindo uma orientação de base enunciativa, fundamentamo-nos no referencial teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas,⁵ referenciando-nos em Culioli (1990; 1999a; 1999b e 2018), De Vogüé, Franckel, Paillard (2011); Rezende (2006; 2009 e 2011), Onofre (2006), Lima (1997), Romero (2006; 2018) e Cumprí (2019), dentre outros.

O desenvolvimento de nosso trabalho consiste em seis partes:

1 Introdução, na qual apresentamos o objeto de estudo, sua delimitação, sua justificativa e seus caminhos metodológicos, além do aporte teórico, do problema específico investigado e da hipótese inicial.

⁴ Noção, na posição de Culioli. Iremos explicar o conceito no capítulo que trata mais especificamente da TOPE, a seguir, nesta pesquisa.

⁵ Quando nos referirmos à Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, empregamos a sigla TOPE.

2 “A gramática sob diferentes abordagens linguísticas”, demonstra as noções dadas de *definição-indefinição* linguística nas perspectivas linguísticas das abordagens das diversas gramáticas como fonte de reflexão para esta pesquisa, seus fundamentos e implicações metodológicas em abordagens prescritivistas, descritivistas e interacionistas, bem como suas contribuições para o ensino e aprendizagem de língua.

3 “Princípios teóricos das operações predicativas e enunciativas” apresenta os fundamentos para este estudo, a TOPE,⁶ trata da explanação da importância da língua e da linguagem, levando em conta as operações enunciativas, organização do domínio nocional, quantificação e localização, responsáveis pela construção do sentido no enunciado.

4 “A operação de determinação nominal: o artigo indefinido e o pronome indefinido no processo de construção referencial”, propomos uma discussão da determinação nominal do artigo indefinido e dos pronomes indefinidos a partir de uma concepção de linguagem como atividade que permite a construção de representação, referenciação e regulação. Inicialmente, apresentamos como essas categorias nominais operam no modelo culioliano, com exemplos que resultam dessas marcas morfológicas em que se articulam como determinação na construção dos valores referenciais nos enunciados, lugar do acontecimento linguístico.

5 “Análises da construção da noção de indefinição no exercício do ensino”, faz dois tipos de análises no conto fantástico “Uma casa”: a primeira, seguindo os pressupostos da abordagem tradicional e a outra examina como se apresentam as marcas da noção de *definição-indefinição*, observando as operações primitivas, predicativas e enunciativas da linguagem, segundo a perspectiva da TOPE.

6 Considerações Finais desta Tese, retomamos pontos centrais da pesquisa, estabelecendo uma relação com as nossas análises de estudo: as marcas de determinação e de indeterminação como mecanismos enunciativos no processo de diálogo. Em seguida, fazemos uma reflexão sobre os resultados obtidos das análises. Não se tratou de localizar apenas uma invariância da unidade sob a forma de um conteúdo, mas de demonstrar como a variação de sentido é regida por uma organização regular. Observamos que os *pronomes indefinidos* têm o mesmo papel de construção de valor referencial que o artigo nos textos. E não precisariam estar em classes distintas de palavras morfológicas como se nos apresenta na Gramática Tradicional. Na TOPE tanto os artigos quanto os pronomes indefinidos são marcas da mesma natureza enunciativa em que se operam os movimentos entre a *definição*, a fronteira

⁶ Os conceitos mencionados neste capítulo são objeto de definições, comentários e desenvolvimentos em uma série de textos de Antoine Culioli (Tomes 1, 2, 3 e 4).

definição/indefinição e a *indefinição*, ou seja, as mesmas noções podem construir os mesmos valores referenciais.

Podemos ter um substantivo fazendo esta operação de definição e/ou todas as classes são passíveis de gerar essas noções de definição/indefinição nos textos. Observamos também que o que faz um artigo definido deixar de “ser definido”, conforme a normativa, e ficar na fronteira entre a fechagem e a varredura é a indefinição da modalização ou ausência da marca aspecto temporal. Para a conclusão de nosso trabalho, encontramos uma valorização da linguagem e da atividade epilinguística, pois é na prática de reflexão sobre a língua e a linguagem que pode ocorrer a construção de instrumentos que permitem ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler nas diversas situações de interação de linguagem.

Dar-nos-emos por bem pagos se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da Língua Portuguesa, em uma perspectiva da linguística da enunciação.

2 A GRAMÁTICA SOB DIFERENTES ABORDAGENS LINGUÍSTICAS

O ensino precisa ir além da apresentação de modelos, em geral, polarizados entre o ideal e o corrompido. Ainda que esses lugares polarizados sejam reconhecidos, eles não podem ser centrais e únicos referenciais para o ensino. Tendo em vista que nosso interesse é o exercício com a enunciação, apoiamos-nos, para tanto, na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), destacando a relação proposta entre a invariância linguística e as variáveis linguísticas, o que permite o intercâmbio entre várias possibilidades de estruturação de um enunciado e uma dada significação.

Marília Onofre

Iniciamos a nossa Tese discutindo conceitos de gramática, seus fundamentos e implicações metodológicas em abordagens prescritivistas, descritivistas e interacionais, bem como suas contribuições para o ensino e aprendizagem de língua. A nossa reflexão tem como referencial as noções de definição e de indefinição linguística, nosso tema de pesquisa. À medida que nosso interesse se volta para o ensino de gramática articulado à produção textual, visando ao desenvolvimento da competência discursiva do aluno, objetivo primeiro do ensino e aprendizagem de língua, levantamos questionamentos sobre trabalhos gramaticais propostos pela escola que se mantêm alheia a esse objetivo. Pretendemos mostrar a relevância que as noções de definição e de indefinição assumem na Teoria das Operações Enunciativas, quadro teórico em que nos apoiamos, e, assim, demonstrar que tais noções, pelo papel enunciativo que exercem, vão além de apêndices de classes gramaticais como os artigos e os pronomes, tal como são tratados, em geral, no ensino.

2.1 A gramática sob a abordagem prescritivista

As discussões sobre a linguagem e sua relação com o pensamento e com o mundo vêm antes de Cristo. Primeiro, vista como a imagem imediata do pensamento e das coisas, a linguagem figurava nos estudos filosóficos como o meio para que se entendessem o homem e o mundo. Na busca por explicar os “estados da alma”, próprios à natureza humana, Aristóteles identificou dez categorias gramaticais relativas a tudo o que diz respeito ao ser.

Aristóteles propõe, assim, a classe dos nominais, composta por seis categorias, *substantivo*, que nomeia as *substâncias*, três tipos de *adjetivos*, identificados como *qual*, *quanto* e *relativamente a que*, e dois *advérbios*, de lugar, *onde*, e de tempo, *quando*; e a classe dos verbais composta por quatro categorias, representadas por *estar em posição*, *estar em estado*, *fazer* e *sofrer*. Depois de examinar tais categorias, Benveniste (1995, p. 71) afirma:

Aristóteles apresenta assim a totalidade dos predicados que se podem afirmar do ser, e visa a definir a conotação lógica de cada um deles. Ora, parece-nos [...] que essas distinções são em primeiro lugar categorias de língua e que de fato Aristóteles, raciocinando de maneira absoluta, reconhece simplesmente certas categorias fundamentais da língua na qual pensa.

Embora não trazendo aqui os argumentos e questionamentos apresentados por Benveniste (1995), esses estão postos a partir da comparação entre línguas cujas estruturas não se aproximam e suas conclusões são convincentes para demonstrar que a relação entre as categorias do pensamento e as categorias da língua não se explicam de fato, que as categorizações propostas resultam de observações sobre a língua e não sobre a linguagem, e, ainda, que essas categorias gramaticais edificam-se a partir de uma determinada língua de prestígio.

As reflexões de Benveniste denunciam a problemática em torno da concepção gramatical prescritiva que, entre várias questões, hierarquiza as categorias priorizando os nomes e verbos, bem como as funções centrais que essas vão assumir como termos nucleares nos sujeito e predicado gramaticais, como se tratassem de universais linguísticos, o que se revela falacioso. Nesse quadro, se considerarmos as noções de definição e de indefinição linguística, verificaremos que não há um lugar de análise explícito para tais traços, que em estudos gramaticais posteriores serão atribuídos à classe dos artigos – (in)definidos – e dos pronomes (in)definidos. Ao mesmo tempo, é possível pensar que essas noções poderiam estar entre as categorias aristotélicas adjetivas, identificadas como *qual* e *quanto*. Essa função lhes será atribuída, tempos mais tarde, sintaticamente, como adjuntos adnominais. Aqui, como se vê, ainda se misturavam as categorias morfológicas e suas funções sintáticas. De qualquer forma, é questionável o papel menor que se atribui aos adjuntos e com eles a noção de (in)definição linguística.

Uma vez superada a concepção da linguagem como imagem do pensamento e do mundo, e, então, concebida como forma de representação do pensamento e das coisas, a perspectiva gramatical mentalista⁷ foi se mantendo ao longo da história, confrontando-se entre posições empíricas ou racionais, passando por diferentes configurações. Entre essas citamos, por exemplo, as definições propostas na Gramática de Port-Royal⁸ (1992), que estabeleceram

⁷ A formalização da abordagem mentalista, segundo Franckel (2011, p. 20), “permite extrair do arsenal dos modelos que existem em outros domínios (modelos lógico-matemáticos, teoria dos protótipos, por exemplo) os conceitos suscetíveis de uma adequação à descrição e à análise dos fatos da língua”.

⁸ A Gramática Geral ou simplesmente “Gramática de Port-Royal”, como é conhecida pelos estudiosos da Linguística, é sem dúvida um ponto de referência muito importante na história da evolução dos estudos gramaticais. A Gramática era definida como “a arte de falar”. Estuda e esclarece os dois aspectos da linguagem –

as classes de palavras como representantes daquilo que o homem concebe no mundo, e as relações entre elas, por meio das quais se gera a proposição, como representante de um julgamento sobre as coisas. Arnauld e Lancelot (1992, p. 29) afirmam:

Tendo os homens necessidade de signos para exteriorizar tudo o que se passa em seu espírito, é indispensável que a distinção mais geral seja que uns signifiquem os objetos dos pensamentos e outros a forma e o modo de nossos pensamentos, embora esses signos não estabeleçam só a maneira, mas também o objeto [...].

Os autores, então, dividem as classes de palavras entre esses dois tipos, e colocam os artigos e pronomes no primeiro grupo, ao lado dos nomes. Definem o artigo como certas partículas que as línguas criaram para determinar a significação vaga de nomes comuns e apelativos, de outra maneira que não pelo número singular e plural. Ao discorrer sobre os artigos, os autores apresentam-no quanto à forma, suas relações com outras palavras, e nada dizem sobre suas funções enunciativas ou discursivas. Tais funções serão apontadas na discussão sobre as regras de uso do pronome relativo, quando, ao observar ocorrências, os autores dizem que:

É preciso lembrar-se que é possível distinguir duas coisas no nome comum: a significação que é fixa [...], e a extensão dessa significação, que está sujeita a variar conforme se toma o nome para toda a espécie ou para uma parte certa ou incerta. Somente em relação a essa extensão dizemos que um nome comum é *indeterminado*, quando nada há que indique se deva tomá-lo de modo geral ou particular; e sendo tomado de modo particular, se é um particular certo ou incerto. E, ao contrário, dizemos que um nome é determinado, quando há algo que lhe indique a determinação. [...] um nome comum deve passar por *determinado* quando houver alguma coisa que indique que ele deve ser tomado em toda a sua extensão, como nesta proposição: *Todo homem é racional* (ARNAULD; LANCELOT, 1992, p. 74).

E ainda afirmam que *este, isto, algum, vários*, os nomes de números, como *dois, três etc. todo, nenhum, algum* determinam tão bem quanto os artigos (ARNAULD; LANCELOT, 1992, p. 75). Das observações apresentadas na Gramática de Port-Royal (1992), podemos dizer, em síntese, que a noção de indeterminação é atribuída aos nomes comuns (que diferem dos nomes próprios) que, quando enunciados, não trazem marca de sua extensão (quer dizer, não se quantificam), o que se faz por meio da ausência de determinantes. E no caso da presença dos determinantes, esses são responsáveis por marcar ou a totalidade do nome comum enunciado (esse será determinado por apontar toda a sua extensão (Todo homem)) ou

o interno e o externo. Ou seja, detectaram enfoques utilizáveis pelo estudo contemporâneo do tipo estrutural dos estudos da linguagem, estabelecendo assim uma ponte entre a linguística filosófica, a partir de René Descartes, e a linguística da atualidade (ARNAULD; LANCELOT, 1992).

sua particularidade, que pode ser um determinado definido (o homem) ou um determinado indefinido (um homem).

Embora essas reflexões tivessem lugar há muito tempo, é possível observá-las muito presentes nas gramáticas ao longo do tempo. Nesta pesquisa, selecionamos as seguintes gramáticas de Bechara (2002), Mesquita (2007), Cunha e Cintra (2013) e Azeredo (2014), observando como são apresentadas as classes dos artigos e dos pronomes indefinidos nos níveis morfológicos e sintáticos. Justificamos a escolha das respectivas gramáticas por ressaltarem os critérios da visão da gramática normativa na perspectiva de um viés científico e de uma preocupação sincrônica sem romper com a tradição secular e firmam seguir a Nomenclatura Gramatical Brasileira - NGB.

Na “Moderna gramática portuguesa⁹”, de Bechara¹⁰ (2002), os artigos e pronomes indefinidos são identificados como determinantes nesta abordagem de gramática. Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: adjetivo, artigo e pronomes demonstrativos ou equivalentes de adjetivos, conforme conceitua Bechara (2002, p. 411). Veremos, a seguir, o que o autor apresenta sobre as duas classes de palavras, artigo e pronomes indefinidos, em dois níveis, morfológico e sintático.

Os artigos definidos e indefinidos, morfológicos, conforme Bechara (2002, p. 153), “chamam-se *artigo definido* ou simplesmente artigo, **o,a,os,as**, que se antepõem a substantivos com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos”. Segundo o autor, *os artigos indefinidos* **um,uns,uma,umas** se assemelham aos definidos pela mera circunstância de funcionarem como adjunto de substantivo, mas diferem pela origem, tonicidade, comportamento de discurso, valor semântico e papéis gramaticais. Vejamos como o autor explica essa classificação:

- (1) **Pela origem** *o,a,os,as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum, illa*), enquanto *um,uma,uns,umas* representam emprego especial de generalização do numeral um.
- (2) **Pela tonicidade** sendo um vocábulo átono, não pode funcionar sozinho na oração, como faz o artigo indefinido.

⁹ A seleção da Moderna Gramática Portuguesa deve-se a sua edição revisada e atualizada no plano teórico da descrição, sendo uma obra de referência ao universo da língua portuguesa.

¹⁰ Evanildo Bechara, professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. Neste estudo, seguimos o seu livro de referência para especialistas, “Moderna gramática portuguesa”, em sua 37. ed. 2002. Sua primeira edição foi em 1961. Informamos que todos os exemplos citados nesta seção seguem entre “aspas” e com os grifos do autor. Omitimos citar, no referido exemplo, a referência dada pelo autor, para se ter um melhor efeito didático do nosso texto.

- (3) **Do ponto de vista semântico**, decorrem os demais valores contextuais: o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, quer pela *dêixis* (que mostra, ordenando-o espacial e temporalmente) quer pelo contexto idiomático.
- (4) **Do ponto de vista sintático** o artigo é dispensado quando o valor atualizador já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (este homem), seja possessivo (meu livro).

A substantivação é outra função dos artigos para qualquer unidade linguística (BECHARA, 2002, p. 153).

Bechara (2002) afirma que “os *pronomes definidos e indefinidos* são os que se aplicam a terceira pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada”. Funcionam como *pronomes indefinidos substantivos* todos os invariáveis: **alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem**. São *pronomes indefinidos adjetivos*, todos variáveis, com exceção de *cada*: **nenhum, outro** (também isolado), **um** (também isolado), **certo, qualquer** (só variável em número: **quaisquer**), **algum, cada**. Os pronomes indefinidos aplicam-se a quantidades indeterminadas, todos variáveis, com exceção de **mais** e **menos**: **muito, mais, menos, pouco, todo, algum, tanto, vários, diverso** (BECHARA, 2002, p. 168).

Em nível sintático, os artigos e os pronomes indefinidos são considerados termos acessórios, classificados como adjuntos adnominais ou identificados como determinantes nominais.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por **determinantes** que têm por missão acrescentar ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal (BECHARA, 2002, p. 449, grifo nosso).

Do exposto, o sintagma nominal (SN) pode constituir-se por determinantes que são representados pelas classes que estamos estudando, artigos e pronomes. E, como foi apresentado pelo autor, há a classificação dos *pré-determinantes*, os que aparecem à esquerda do determinante identificados por *quantificadores* (algum, certo, vários, todo, qualquer, alguns etc.) que são palavras classificadas por pronomes indefinidos.

Na “Gramática da Língua Portuguesa”,¹¹ de Mesquita (2007, p. 231),¹² o nível morfológico, *o artigo* é a palavra variável que:

¹¹ Gramática da Língua Portuguesa, de Roberto Melo Mesquita foi selecionada porque tem como objetivo descrever e expor as inúmeras variedades do português contemporâneo, bem como capacitar o aluno com a diversidade de textos à linguagem jornalística e publicitária e a revistas de grande circulação nacional.

- a) Quanto ao sentido, define ou indefine o substantivo.
- b) Quanto à forma, apresenta variação de gênero e de número, em função do substantivo a que se refere.
- c) Quanto à função, determina, isto é, acompanha o substantivo.

Para Mesquita (2007, p. 272), “o pronome indefinido é o que se refere a 3ª pessoa do discurso, de modo vago ou impreciso ou exprimindo uma quantidade indeterminada”. O autor acrescenta que, dependendo da estrutura da frase ou do sentido que se quer dar ao contexto, algumas palavras podem funcionar como pronomes indefinidos, por exemplo: “**Mais** ações, menos palavras”; “gosto de **menos** açúcar no café”; “os **demais** alunos podem se retirar”. “**Uns** gostam da casca; **outros**, do caroço” e “**Uns** dizem sim; **outros**, não”. Para este último exemplo com “um”, o autor explica que “um” aparece associado ao termo “outro”.

Os pronomes indefinidos, em nível sintático, são classificados em termos acessórios da oração: os adjuntos adnominais, adjuntos adverbiais e aposto. O adjunto adnominal, segundo Mesquita (2007, p. 498), “é a palavra que acompanha um substantivo”. E constitui-se de: artigos, numerais, adjetivos, pronomes adjetivos, locuções adjetivas e uma oração com função de adjetivo (chamada de oração subordinada adjetiva). O autor cita os exemplos:

- a. “**As** padarias **de Blumenau** (SC) estão tirando poesia do forno todas as manhãs”. Sobre esse exemplo, explica: “As”: artigo, adjunto adnominal que caracteriza “padarias”; “de Blumenau”: locução adjetiva.
- b. “Em Blumenau, há um poema para **cada** saco **de pão**” e explica afirmando que “cada” é um pronome, adjunto adnominal que identifica “saco”; “de pão”: locução adjetiva.

Na “*Nova gramática do português contemporâneo*”,¹³ de Celso Cunha e Lindley Cintra¹⁴ (2013, p. 219, grifo do autor), e na mesma direção de Bechara (2002), sobre *os artigos* apresentam a seguinte definição:

¹² Roberto Melo Mesquita: Professor da PUC-SP, do Colégio Arquidiocesano de São Paulo. Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP e Especialista em Estudos Linguísticos e Literatura FFLCH-USP. Estudou Letras Neolatinas na PUC-SP. Sua Gramática da LP em questão, neste estudo, tem como objetivo descrever e expor as inúmeras variedades que o português contemporâneo apresenta e recorre à linguagem jornalística e publicitária e a revistas. E aqui revelo que adotei com companheiros de Profissão por mais de dez anos, como Professora de Ensino médio, no Liceu Piauiense e no Centro de Línguas Padre Antônio José, em Teresina-Piauí, a partir do início dos anos 2000.

¹³ Nova Gramática do Português Contemporâneo, de CUNHA & CINTRA, porque há uma preocupação com o ensino de língua portuguesa não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o idioma. É uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá.

Dá-se o nome de ARTIGOS às palavras *o* (com as variações *a,os,as*) e *um* (com as variações *uma,uns,umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar: a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos: Levanta-se, vai **à** mesa, tira um cigarro **da** caixa de laca, acende **o** cigarro no isqueiro, larga **o** isqueiro, volta **ao** sofá. (F. Botelho, X, 183) [...]; b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior: Era **uma** casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha **um** pomar pequeno de laranjeiras e marmeleiros e mais **uma** hortazinha, ao longo do rego que descia do morro (R. M. F. DE ANDRADE, V, 119).

Comparando-se a frase de Alceu Amoroso Lima “Foi chegando **um** caboclinho magro, com **uma** taquara na mão” às seguintes: “Foi chegando **o** caboclinho magro, com **a** taquara na mão” e “Foi chegando **este** caboclinho magro, com **esta** taquara na mão”, verifica-se que a determinação dos substantivos *caboclinho* e *taquara* vão se tornando mais precisa à medida que se passa do *artigo indefinido* (*um, uma*) para o *artigo definido* (*o, a*) e, depois, para o demonstrativo (*este, esta*). No primeiro caso, indica-se apenas a *espécie* dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se à extensão do significado dos substantivos, com função de *individualizá-los, defini-los*. No terceiro, limita-se ainda ao sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este caboclinho magro* não é *um caboclinho magro qualquer* (INDEFINIDO), nem *o caboclinho magro* que o interlocutor conhece (DEFINIDO), mas o que está, no momento, perto da pessoa que fala. Em outras palavras: *o artigo definido* é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado; *o artigo indefinido*, ao contrário, é por excelência um sinal de falta de desconhecimento individualizado por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

Para Cunha e Cintra (2013, p. 370), “chamam-se de **indefinidos os pronomes** que se aplicam a terceira pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado”. Sintaticamente, na oração, os termos acessórios (adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto), segundo os autores afirmam, “são termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhe o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles

¹⁴ Celso Cunha elaborou e publicou em sucessivas edições a sua “Gramática do português contemporâneo” (1. ed. 1970) e sua “Gramática da língua portuguesa” (1. ed. 1972), até chegar ao projeto “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, que trata do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Sem deixar de lado os fatos da linguagem coloquial, principalmente ao analisar os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas, Lindley Cintra redigiu o Capítulo 2, do *Domínio atual da língua portuguesa*, maior parte do Capítulo 3, *Fonética e fonologia*, e do tratamento contrastivo do Capítulo 13, *Verbo*, sendo autor parceiro de toda elaboração da “Nova gramática do português contemporâneo” (CUNHA; CINTRA, 2013).

indispensáveis ao entendimento do enunciado” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 163-164). Os artigos definido e indefinido, juntamente com os pronomes indefinidos, são considerados adjuntos adnominais.

Na “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa”,¹⁵ de acordo com Azeredo¹⁶ (2014, p. 180), “chama-se *artigo* a palavra gramatical variável em gênero e número que, no texto, se antepõe ao substantivo quando o enunciador se refere a uma entidade determinada, já conhecida do interlocutor”. O autor defende que, nesse sentido, o artigo tem, por isso, uma função remissiva no discurso e afirma que “o referente do substantivo determinado pelo artigo ocupa necessariamente um lugar na memória do interlocutor”.

É importante destacar que, em relação aos chamados “artigos indefinidos”, Azeredo (2014, p. 180) observa que são, “na realidade, uma variedade de pronomes indefinidos”. Nesses termos, define: “chamam-se de **pronomes indefinidos** as palavras gramaticais de *significação imprecisa e não dêitica – característica que os separa dos pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos – e que, como estes, integram o sintagma nominal*” (AZEREDO, 2014, p. 179, grifo do autor). Ainda, segundo o autor, “trata-se de um conjunto de unidades heterogêneo tanto pelo lugar que ocupa na estrutura do SN quanto pelos significados que expressam”. Sob essa ótica, a justificativa de classificação de “indefinidos” é o traço “quantidade indeterminada” associado a unidades como *um, algum, pouco, muito, vários, bastante* etc. No entanto, alguns deles se associam, às vezes, cumulativamente com o traço quantitativo, o valor de “remissão” (*mais, menos, outro, mesmo, demais*), o de “distribuição” (*cada, cada um, cada qual*) ou de “ênfase” (*próprio, mesmo*).

A abordagem é essencial para a compreensão do funcionamento da língua nas suas diferentes formas de realização. Vai além, no sentido de expor aspectos conceituais, permitindo compreender a variação e a mudança como elementos constitutivos dos fenômenos linguísticos.

Os gramáticos observados aproximam-se quanto ao fundamento mentalista em que se pautam, explicando as categorias linguísticas, relacionando-as à realidade tal como percebida pelos sujeitos. Retomando a crítica apresentada por Benveniste (1995), esse modelo gramatical, na verdade, é uma forma de prescrição sobre um recorte de língua de prestígio.

¹⁵ A Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, de Azeredo foi selecionada porque é indicada ao leitor médio, que é levado a compreender a língua de maneira clara e dinâmica. O autor procura ir além dos compêndios tradicionais, enfatizando uma concepção moderna de estudo científico da língua.

¹⁶ José Carlos de Azeredo é Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autor de *Iniciação à Sintaxe do Português* (1990), *Fundamentos de Gramática do Português* (2000) e *Ensino de Português: Fundamentos, Percursos, objetos* (2007), dentre outros.

Sobre as noções de definição e de indefinição características dos artigos e pronomes observadas neste modelo gramatical, podemos considerar, em síntese, quanto a seu papel morfológico, que esses atuam como determinantes-indeterminantes, adjetivos e ainda como substantivos; e, como tais, ocupam as mesmas funções sintáticas que essas categorias podem ocupar. Diante desse amplo contexto em que essas noções poderiam ser analisadas, as nossas análises centram-se nos artigos e pronomes (in)definidos, quando em posição de determinantes e, ao mesmo tempo, em função de adjunto adnominal, excluindo-se, assim, as demais formas e funções que possam assumir.

2.2 A gramática sob a abordagem descritiva

No século XX, uma nova concepção de linguagem propôs mudanças diversas no campo das ciências linguísticas formando a base do Estruturalismo a partir dos fundamentos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, difundida a partir da publicação da obra *Curso de Linguística Geral* (1916), na França. O autor negava a existência de uma estrutura inata.

Do movimento estruturalista seguiram duas grandes vertentes, principalmente em função da diferença na metodologia de estudo adotada: *estruturalismo europeu* e o *estruturalismo americano*, que implica o reconhecimento de que a língua é uma estrutura, ou sistema, e que é tarefa do linguista analisar a organização e o fundamento dos seus elementos constituintes.

Na concepção institucional da linguagem, ideia surgida originalmente em 1916, quando da primeira edição do *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2010, p. 17) desloca o programa de pesquisa da Linguística da linguagem para a língua. Língua e linguagem, de acordo com o autor, se definem:

Mas o que é a *língua*? Para nós, ela não se confunde com a *linguagem*; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social na faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Saussure problematiza o conceito de linguagem e afasta-o como complexo e multifacetado, estabelecendo a língua como objeto de estudo da Linguística. A gramática desenvolvida nessa perspectiva é a descritivista e se fundamenta na relação entre forma e

função (não no sentido funcional), trabalhando a partir das relações sintagmáticas e paradigmáticas. Tal perspectiva faz uma descrição da estrutura, do funcionamento, da forma e da função da língua enquanto sistema.

Nesse sentido, o linguista se interessa pela língua como ela é e não como deveria ser. Partindo assim sempre dos fatos, se muitos falantes brasileiros preferem o uso “me dá isso”, essa é uma estrutura legítima da língua falada no Brasil. Há, portanto, aqui uma oposição entre gramática normativa ou prescritiva, uma vez que esta tenta estabelecer como as pessoas devem falar ou escrever, e a gramática descritiva procura descrever como as pessoas realmente falam e escrevem.

No Brasil, Mattoso Câmara Jr.¹⁷ (2002) nos apresenta o conceito de vocábulo formal ou mórfico (formas livres e formas dependentes) e a maneira de identificá-lo. Ele também estabeleceu três critérios para sua classificação (semântico, formal ou mórfico e funcional) a qual chamou morfossemântica e apresentou a divisão do vocábulo formal em *nomes*, *verbos* e *pronomes*. Como nossa pesquisa centra-se no pronome, observemos o que o autor afirmou sobre eles:

Quanto ao pronome, o que o caracteriza semanticamente é que, ao contrário do nome, *ele nada sugere sobre as propriedades por nós sentidas como intrínsecas no ser cadeira* “um tipo especial de móvel para a gente se sentar”, ou flor “um determinado produto da planta”, ou homem “um animal racional possuidor de uma ‘cultura’ por ele produzida (em vez de ser uma mera manifestação da natureza com propriedade de locomoção etc.)”. *O pronome limita-se a mostrar o ser no espaço, visto esse espaço em português em função do falante: eu, mim, me “o falante qualquer que ele seja”, este, isto “o que está perto do falante”,* e assim por diante. Também, morfológicamente, inconfundivelmente se distingue do nome (CÂMARA JR., 2002, p. 78, grifo nosso).

Do exposto, podemos observar que a divisão morfossemântica revela que o sentido dos pronomes está limitado ao espaço em função do falante e que o autor o distingue completamente dos nomes. Nesse percurso interpretativo, ele chegou ao Quadro 1 a seguir:

¹⁷ Professor Joaquim Mattoso Câmara Jr. (13/04/1904 -04/02/1970) foi consagrado como o introdutor da Linguística Moderna no Brasil. Em 4 de setembro de 1967, foi eleito membro do Comitê Internacional Permanente de Linguística como representante da América Latina. Seus textos publicados: *Princípios de linguística geral* (1941). *Dicionário de fatos gramaticais* (1956), *Contribuição à estilística portuguesa* (1953), *Introdução às línguas indígenas brasileiras* (1965). E as obras póstumas: *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970), *História da Linguística* (1975) e *História e estrutura da língua portuguesa* (1975), escreveu ensaios e artigos sobre linguística geral, linguística descritiva portuguesa, linguística românica, estudo do português, dialetologia, filologia, estilística, técnica de verso, filologia clássica, lexicologia, línguas indígenas brasileiras. Traduziu a obra *A linguagem, Introdução ao estudo da fala* do linguista norte-americano Edward Sapir (1954). A obra do linguista brasileiro, de fato, representou um novo modelo de estudar a língua portuguesa, adotava a abordagem teórica estruturalista, sendo o primeiro a aplicá-la à descrição do português, não se pode ignorar a importante e relevante contribuição para os estudos de língua materna (UCHÔA, 2004).

Quadro 1 - Critérios morfossemântico e funcional

Nome	Substantivo	Termo determinado
	Adjetivo	Termo determinante de outro nome
	Advérbio	Termo determinante de um verbo
Verbo		
Pronome	Substantivo	Termo determinado
	Adjetivo	Termo determinante de um nome
	Advérbio	Termo determinante de um verbo

Fonte: Câmara Jr. (2002, p. 79).

No Capítulo XV de *O sistema de pronomes em português*, o autor não classifica a subclasse dos pronomes indefinidos, o que nos deixou desapontados, porém ele apresenta toda uma análise dos pronomes pessoais e da subclasse dos pronomes demonstrativos. Os pronomes indefinidos são subclasse dos pronomes, classe de unidade que acompanha os nomes. Essas unidades estão distribuídas entre dez classes gramaticais. Morfologicamente, compõem-se de palavras flexionáveis em gênero e número e de palavras invariáveis; semanticamente, podem indicar as pessoas do discurso, posse, demonstração, interrogação, indefinição ou estabelecer relação entre orações. Os pronomes são subdivididos em pronomes pessoais; possessivos; demonstrativos, interrogativos, indefinidos e relativos. O objeto de interesse de estudo desta pesquisa refere-se à subclasse dos pronomes indefinidos.

Perini¹⁸ (2006, p. 31) considera a gramática (entendida como a descrição da estrutura de uma língua) um conjunto de hipóteses. A função dessas hipóteses está em fornecer uma imagem compacta da língua, de maneira que se possa, até certo ponto, prever aquilo que os falantes aceitam e não aceitam. Ainda segundo o autor, o princípio da descrição gramatical é o de descrever as formas, os significados e as relações entre eles (relações simbólicas). Adiante, exemplifica com o verbo *abrir*, ilustrado pelas frases abaixo:

- (1) Rodolfo abriu a janela.
- (2) A janela, Rodolfo abriu.

¹⁸ Mário A. Perini é professor no Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC de Minas Gerais. Autor dos livros “Uma nova gramática de português”, “Gramática descritiva do português”, “Sofrendo a gramática”, “A língua do Brasil amanhã e outros mistérios”, “Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical”, dentre outros. Oferece-nos as técnicas de análises linguísticas: técnicas de obtenção de dados, de sistematização e interpretação, que permitem elaborar uma descrição da língua, que tem utilidade de levar ao conhecimento sistemático dos fatos de uma língua o que interessa aos estudiosos dessa língua e também aos que ensinam ou estudam para chegar a seu uso na prática; e, depois, fornece ao linguístico teórico uma base de dados confiável para construir e testar eventuais teorias (ver PERINI, 2006).

(3) A janela foi aberta por Rodolfo.

(4) A janela abriu.

Cada uma dessas frases apresenta traços semânticos e são fatos da língua. É possível que essa apresentação neutra deixe de capturar generalizações, mas como elas são afirmações gramaticais, são hipóteses, logo, dependem de dados para sua validação.

No modelo descritivista, as funções sintáticas, por sua vez, não se definem apenas no nível da oração. A classe do sintagma nominal tem em suas estruturas internas posições exclusivas em termos de ordem. De acordo com Perini (2006, p. 118), “existem palavras como *o, um, esse, aquele* (e seus femininos e plurais) que se caracterizam por aparecerem em primeiro lugar no SN”. São classificados com a função de *determinantes*, conforme os exemplos:

A última casa da rua. *¹⁹*Última a casa da rua.*

Um professor gordo. **Professor um gordo.*

Aquelas camisas horrorosas que você usa. **Camisas horrorosas aquelas.*

Em nota de observação, Perini (2006, p. 118) afirma que os falantes do Sul do Brasil utilizam *aquele* posposto: *o professor aquele*.

Há também o *predeterminante*, que é sempre o primeiro elemento do SN, e o *determinante* é o primeiro, se não houver predeterminante, por exemplo:

Todas essas camisas horrorosas.

Todos os professores.

Estamos aqui preocupados em demonstrar as análises de determinação apresentadas por Perini (2006) no modelo descritivo. O autor faz uma crítica ao modelo anterior, quando analisou o exemplo:

Todos esses cinco jogadores estão suspensos.

Nesse caso, o SN é *todos esses cinco jogadores*; o núcleo é *jogadores*. Segundo a análise tradicional, os termos pré-nucleares são classificados com a função de “adjunto adnominal”, mas (PERINI, 2006, p. 182) “essa análise é inadequada, pois ignora o fato de que eles se comportam cada um a sua maneira, e bem diferentemente uns dos outros”. Sendo assim, vejamos a análise do autor:

¹⁹ O uso *da marca estrela, antes dos enunciados, é para destacar que os enunciados são agramaticais.

1º Observar suas possibilidades de ordem. Vejamos:

*Esses todos cinco jogadores / *esses cinco todos jogadores (Todo é predeterminante e só pode aparecer na primeira posição).

Como se observa, os termos não podem ser colocados um na posição do outro, sob pena de não ser aceitável a proposição. Perini (2006, p. 182) conclui que “eles desempenham funções diferentes, e têm conseqüentemente potenciais funcionais diferentes”.

O sintagma nominal é uma construção sintática que tem por núcleo um substantivo ou um pronome; o primeiro, uma classe basicamente designadora, e o segundo, uma classe dêitica/fórica/substituidora²⁰. Assim,

SN – (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores)

O estudo do pronome parte do SN. Na nomenclatura linguística, os pronomes essenciais são considerados núcleo do SN, enquanto os pronomes acidentais possessivos, demonstrativos e indefinidos (juntamente com o artigo) são integrados na classe dos Especificadores.

Castilho (2010, p. 485), na sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, apresenta os seguintes exemplos de sintagmas nominais nucleados por pronomes neutros, separados por duas classes: demonstrativos neutros e quantificadores indefinidos. Vejamos os exemplos dos últimos:

- a) Aí você talvez você não faça **algo** por questões [de diplomacia].
- b) É **tudo** ou **nada**!
- c) Olinda **ninguém** mora [...].

Castilho (2010, p. 474) trata os pronomes de modo geral dos seguintes pontos de vista:

- a) *Do ponto de vista semântico-discursivo*, os pronomes: representam as pessoas do discurso, pelo caminho da dêixis; eles permitem a retomada, pelo caminho da anáfora e catáfora.
- b) *Do ponto de vista gramatical* – suas propriedades morfológicas são de: caso, pessoa, número e gênero.
- c) *Quanto à sintaxe* – quando a forma acompanha o substantivo, e a da substituição, quando a forma substitui o substantivo.

²⁰ Entende-se por *dêixis* uma categoria que depende crucialmente da situação discursiva, e não das propriedades intencionais necessárias à configuração das categorias de referenciação e predicação, para ficarmos nessas duas. A referência desses termos está no discurso, na situação social concreta que envolve os falantes, e não apenas nessas palavras (CASTILHO, 2010, p. 123).

A abordagem descritivista tem suas contribuições para o ensino de língua de herança, com suas variações fonética-fonológica, lexical, morfológica e sintática que, a partir de estudos e prática, acarretam sérios problemas de compreensão para o aluno. Nesse aspecto, Rezende (2009, p. 8) afirma que há uma “ausência do conceito de linguagem na reflexão linguística e no ensino de línguas”. Preceitua esse autor que “o conceito de linguagem para o estruturalismo é o conceito de língua” e que, nessa interpretação, “as descrições de línguas não têm poder explicativo [...] Não há como partir de um conceito restrito de linguagem e encontrar o conceito somatório” (REZENDE, 2009, p. 9). A língua vista como estrutura também perdeu força com outras abordagens psicolinguística, funcionalista, as teorias ditas enunciativas, linguística textual, análises da conversação etc. No item a seguir, discutiremos as abordagens interacionais.

2.3 A gramática sob abordagens interacionistas

Para entender melhor a abordagem interacional, vamos estabelecer como ponto de reflexão algumas questões básicas que permeiam este universo de teorias tais como: a concepção de sujeito, de língua, de texto.

Como já apresentamos neste capítulo, a primeira abordagem está centrada na concepção de língua como representação do pensamento que corresponde a um sujeito (*ego*) individual, que constrói representações mentais, sendo um sujeito social que detém o domínio de suas ações. O texto, nesta concepção, é o produto lógico do pensamento do autor. Já na segunda abordagem, a descritivista, a concepção de língua é considerada uma estrutura, corresponde ao sujeito determinado; a de texto como produto da codificação de um emissor a ser decodificada pelo receptor. Na abordagem interacional, também conhecida como dialógica, a concepção de língua corresponde a um lugar de interação, e nesse sentido o sujeito é dado como entidade psicossocial; o texto é considerado como o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos. O sentido do texto é construído na interação texto e sujeitos.

O fato é que o interacionismo em Linguística significou uma relação das posições teóricas contra o psicologismo. Segundo Morato (2004, p. 311-312), podem ser considerados os domínios da Linguística como interacionistas a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística, a Semântica Enunciativa, a Análise da Conversação, a Linguística Textual.

A noção de interação, mesmo quando concebida de maneira vaga e imprecisa, tem sido peça importante para a compreensão das contingências e vicissitudes do debate internalismo *x* externalismo no campo da Linguística,

No uso de expressões *nominais indefinidas* com *função anafórica*, como, por exemplo, “*um homem* de camisa branca calças pretas, *um chinês num oceano* de 1,1 bilhão de chineses, *um desconhecido*”, Koch afirma que “esse exemplo evidencia como o referente principal (protagonista) vai sendo construído textualmente, em primeiro lugar com o emprego de descrições indefinidas, depois de descrições definidas”. Na sequência, sobre o uso do artigo indefinido, Koch (2003, p. 104) afirma que “as expressões nominais introduzidas por artigo indefinido não são normalmente adequadas para a retomada de referentes já introduzidos no texto. Contudo elas podem, em certas circunstâncias, desempenhar tal função”. Nesses termos, a autora cita a classificação estabelecida por Schwarz (apud KOCH, 2003, p. 104):

- a. quando se seleciona um referente no interior de um conjunto já mencionado:
Exemplo: “***Um grupo de colegas*** entrou na sala. ***Um rapazinho*** loiro acenou para mim”; desse exemplo, não consideramos que “Um rapazinho” em relação a “um grupo colegial” não operam em retomadas, são construções de valores referenciais distintos.
- b. Quando se nomeiam partes de um referente previamente mencionado, por exemplo: “Preciso consertar o telhado. ***Uma telha*** está quebrada”, ou, então, conscientemente, não se especifica melhor o referente, para criar um efeito de suspense, por exemplo: “[...] À noite, ele recebe uma visita inesperada. No dia seguinte, ***um cadáver*** é retirado de um riacho próximo”.
- c. Quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula do que o prosseguimento da cadeia coesiva: “A velha senhora desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando sua amiga chega, não encontra a avozinha, mas ***um montinho de infelicidade, uma coisinha danificada e confusa***”.

Nessa perspectiva, os determinantes indefinidos operam, de certa forma, na integração da construção do texto com restrições anafóricas, sem levar em conta “as funções cognitivas, semânticas, pragmáticas e interativas das diversas formas de expressões referenciais, que precisam ser vistas como multimodais” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN *apud* KOCH, 2003, p. 106).

Numa visão geral da Linguística textual, as gramáticas ditas textuais, no seu início, se dedicam ao estudo da coesão e da coerência. Charolles, Koch, Fávero, Costa Val e Marcuschi aprofundaram os critérios da textualidade como objeto de pesquisa, tais como informatividade, situacionalidade, intertextualidade, aceitabilidade (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981). Nessa medida, o tratamento dado aos determinantes é considerado

questão acessória, pois é visualizado como critérios anafóricos de construção textual de uma forma geral.

Na Gramática de usos do Português, de Neves (2011, p. 391, grifo do autor), a autora apresenta o *artigo definido* no capítulo “A referenciação situacional e textual: as palavras fóricas” e o define da seguinte forma:

O **artigo definido** precede o **substantivo**. Ele ocorre, em geral, em **sintagmas** em que estão contidas informações conhecidas tanto do falante como do ouvinte. O que determina a sua presença, entretanto, é a intenção do falante e o modo como ele quer comunicar uma determinada experiência. O uso do **artigo** é, pois, extremamente dependente do conjunto de circunstâncias, linguísticas ou não, que cercam a produção do enunciado.

Desse ponto de vista, a autora afirma que o artigo definido ocorre em sintagmas referenciais em que a definição é obtida no contexto extralinguístico (exófora, ou referência situacional).

E tal como refere Neves (2011, p. 513), os *artigos indefinidos* são apresentados no capítulo “A quantificação e a indefinição”, onde esclarece: “são palavras não fóricas. Usam-se antes de substantivos quando não se deseja apontar ou indicar a pessoa ou coisa a que se faz referência, nem na situação, nem no texto”. O artigo indefinido tem como emprego bem característico a introdução, no texto, de um referente que, na sequência, poderá ser referenciado.

O valor do artigo indefinido em relação à posição sintática do SN por ele determinado na posição de sujeito, a condição de genericidade ou especificidade é condicionada pelo número gramatical (singular ou plural); na posição de predicado; o substantivo exerce o papel de classificador, por exemplo: “Ela é **uma deusa**”.

Neves (2011, p. 533) estrutura o *pronome indefinido* em quatro partes: a natureza, a função, o seu emprego e locuções pronominais indefinidas. Quanto à natureza, “os pronomes indefinidos são, em princípio, palavras não fóricas, isto é, não constituem itens com função de instruir a busca de recuperação semântica na situação ou no texto”; quanto à função, podem ser nucleares ou periféricos dentro do SN; e, quanto ao seu emprego, são marcados pelo gênero e/ou número.

Agora, demonstraremos como as teorias enunciativas se apresentam de uma maneira sintética, mas com um olhar de como elas teorias se preocupam ou não com as questões de (in)definição.

Fiorin (1999, p. 40), ao definir enunciação a partir de um eu-aqui- agora, afirma que para construir o discurso são importantes as categorias de pessoas, de espaço e de tempo.

Assim, nesse processo, faz uso de dois mecanismos: a *debreagem* e a *embreagem*. Nesse contexto, *debreagem* é a operação em que se projetam no enunciado a pessoa, o espaço e o tempo (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 79 apud FIORIN, 2014, p. 178), e a *embreagem* é “o efeito de retorno à enunciação”.

Em alusão ao tema, Benveniste (1989) discorre, em seu artigo “O Aparelho formal da enunciação”, que, nas categorias de pessoa, não há traços comuns entre as três pessoas. Ele apresenta duas correlações: a da pessoalidade, em que se opõem as *pessoas eu e tu* (pessoa enunciativa) e *não pessoa ele* (pessoa enunciva).

Nesse aspecto, Fiorin (2014, p. 165) ainda faz a seguinte afirmação: “três conjuntos de morfemas servem para expressar a pessoa: os pronomes pessoais retos e oblíquos; pronomes possessivos e as desinências número-pessoais dos verbos”. Assim, embora a abordagem seja de cunho enunciativo, deixa seu olhar totalmente fora das questões de definição e indefinição. A categoria de tempo vai marcar se um acontecimento é concomitante, anterior ou posterior a cada um dos momentos de referência. Por fim, discorre sobre a categoria de espaço linguístico, cuja marca linguística é o pronome demonstrativo. Por seu turno, Fiorin (2014, p. 175) assevera que “o demonstrativo partilha com *o artigo* a função de designar seres singulares, mas não tem como este a função de generalizar”. Posto isso, podemos observar que essa abordagem trata os indefinidos como algo menor na construção da enunciação.

Na abordagem teórica enunciativa, Benveniste (1995) faz uma tríade epistemológica da linguagem, estabelecendo uma relação entre homem, linguagem e cultura. Apresenta-nos a teoria da “dupla significação” da língua – o semiótico e o semântico –, utilizada para pensar a escrita, porém não da mesma forma como foi feita por Saussure, pois este se dedicou à aprendizagem da escrita e aos tipos constituídos, ao longo da história, menos para buscar a origem da escrita e mais para entender como o homem, em cada cultura, simbolizou sua escrita.

Em seu texto “A natureza dos pronomes”, afirma que “o problema dos pronomes é, ao mesmo tempo, um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de língua por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem” (BENVENISTE, 1995, p. 277). Embora sua análise centre-se nos pronomes pessoais, concordamos com o que afirma Flores (2013, p. 94): “a partir de sua [Benveniste] reflexão sobre os pronomes, ele fala [...] da posição que cada um é obrigado a ocupar na linguagem”. Isso nos coloca aqui também na possibilidade de estudos dos pronomes indefinidos; o autor defende que as palavras ditas dêiticas não remetem a posições objetivas no tempo ou no espaço, mas na enunciação. O

relevante é que Benveniste, neste artigo, busca elementos que lhe permitam circunscrever o objetivo (a não pessoa) e o subjetivo (a pessoa) na língua e os índices que os identificam.

Os pronomes indefinidos inserem-se na categoria de não pessoa, indicam conceitos, noções gerais que, na e pela enunciação, se especificam, pois têm referência em *eu, tu, aqui, agora*, a presente instância de discurso da qual decorre seus sentidos. São palavras que apresentam dois domínios: o domínio semiótico e o domínio semântico, na perspectiva benvenistiana. Quanto à significação, são de caráter duplo, uma vez que encerram significação relativa à língua como sistema coletivo e significação relativa à língua em ação, referência atribuída pelo sujeito que exprime sua atitude e a situação enunciativa (FLORES, 2013, p. 106).

Apresentaremos aqui o capítulo *Os indefinidos submetidos à enunciação*,²¹ do livro “Enunciação e gramática”, organizado por Flores et al. (2008, p. 105-132), que tem como objetivo a descrição de fatos da língua, ou seja, o seu funcionamento, buscando-se apreender sentidos promovidos pelos sujeitos, observáveis no enunciado, decorrentes de relações sintático-semânticas que nele se estabelecem. É válido ressaltar que os gramáticos consideram os indefinidos como palavras; neste estudo, os indefinidos também são assim considerados, mas sob outra perspectiva, a do linguista Benveniste. Foram selecionados os pronomes mais usuais como: *ninguém, nada, todo, algo, tanto, muito, qualquer*. Vamos aqui citar apenas um exemplo, referente aos usos de *ninguém*, podendo o leitor, de acordo com o seu interesse, retomar o livro *Enunciação e Gramática* (FLORES et al., 2008):

“Já quase ninguém sobrevive entre os que viram Lara”.

O SN é formado por *quase* e *ninguém*, e *ninguém* é o elemento nuclear do sujeito gramatical (Quadro 2).

²¹ O *corpus* de análise é formado de textos publicados em jornais e revistas, tendo em vista a ocorrência de palavras apresentadas classicamente como expressões de indefinição e as inter-relações que essas palavras mantêm com as demais palavras que constituem o enunciado (FLORES, 2008, p. 106).

Quadro 2 - Usos de “ninguém”

“quase ninguém”	significa <i>quase nenhuma das pessoas que viram Lara</i> .
“quase”	expressa <i>muito próximo de um limite</i> .
“e esse limite”	é <i>nenhuma pessoa das que viram Lara</i> .
“quase e ninguém”	constituem uma expressão quantitativa que se marca pela indefinição, pois tal quantidade não é conhecida nem precisa. Desse modo, há <i>os que viram Lara</i> , mas <i>são muito poucos</i> .
Para o LOCUTOR	o sentido de <i>quase ninguém entre os que viram Lara</i> é de <i>poucas pessoas que viram Lara</i> .
Para o INTERLOCUTOR	define parcialmente <i>ninguém</i> : são elementos pertencentes a um conjunto – <i>entre os que viram Lara</i> – são <i>poucos</i> e não determinados.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em dados de Flores et al. (2008).

Nesse sentido, o locutor define parcialmente que *ninguém* é **definido**, enquanto elemento pertencente **a um conjunto** – *entre os que viram Lara* –; é **indefinido**, porque *quase* introduz na expressão uma ideia de quantidade, que não é determinada.

Todas as vertentes enunciativas, ditas como interacionais, que tratam sobre os estudos linguísticos por meio da concepção de linguagem como interação, aqui apresentadas neste estudo, discutem a questão da indefinição cada vez menos do que a primeira abordagem prescritivista apresentada no início deste capítulo.

2.4 As contribuições das abordagens linguísticas para o ensino e aprendizagem de língua de herança

Nesta seção, iremos apresentar como as abordagens prescritivista, descritivista e interacionista contribuem para o ensino, demonstrando e analisando por meio de exemplos do Livro Didático (doravante LD)²².

O ensino de língua, ou mais especificamente o ensino de gramática, tradicionalmente, tem como parâmetro *a prescrição* e se fundamenta em um conjunto de normas para o bem falar e o bem escrever, ou seja, um conjunto de regras de bom uso. Pretende estabelecer as “regras” de uma língua e, por meio dela, ensinar a língua padrão àqueles que já dominam

²² Selecionamos a Coleção do 6º ao 9º ano de livros didáticos (LD) *Português Linguagens*, de William Cereja e Thereza Cochar, adotada na Escola Municipal “Luís Falcão”, escola da coleta de dados iniciais, desta pesquisa, situada na zona rural da cidade de Caxias-MA. Os LD fazem parte do PNLD (2017; 2018 a 2019), financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE. Os livros são divididos em quatro unidades, cada uma com três capítulos e estes divididos nas seguintes seções: Estudo do Texto; Produção de Texto; A Língua em Foco; De Olho na Escrita; e Divirta-Se.

outras variantes dessa língua. Esse tipo de ensino, desde sua origem, procurou estabelecer “as regras”, consideradas melhores para a língua escrita com base no uso daqueles que a sociedade considerava a elite intelectual.

Essa abordagem linguística serve de modelo para o ensino de língua até os dias atuais, como defende Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, que nasceu sob a égide do movimento renovador da gramática prescritiva. Bechara (2014, p. 30) questiona: “para que se faz uma gramática?”. Sua resposta é: “elabora-se uma gramática para preparar o usuário da língua, através dela, aperfeiçoar sua educação linguística”. Nesse sentido, o gramático quer dizer que a sua obra se faz para cada indivíduo que exerce seu papel na comunidade, aquele que usa a língua. Ele define que a abordagem prescritiva “tem por finalidade didática recomendar um modelo de língua, assinalando as construções ‘corretas’ e rejeitando as ‘incorretas’, ou não recomendadas pela tradição culta”.

Nessa perspectiva, vamos aqui demonstrar e analisar como essa abordagem trata a questão da determinação da definição-indefinição, em específico no livro didático, levando em consideração que os atuais livros didáticos buscam fazer referências às teorias linguísticas descritivas e interacionistas. Gostaríamos que essas reflexões significassem uma forma de buscar ferramentas de soluções das problemáticas para ensino, quanto aos usos e valores referencias das indefinições. De forma ampla, percebemos que nos instrumentos didáticos há caminhos para tratar essa questão.

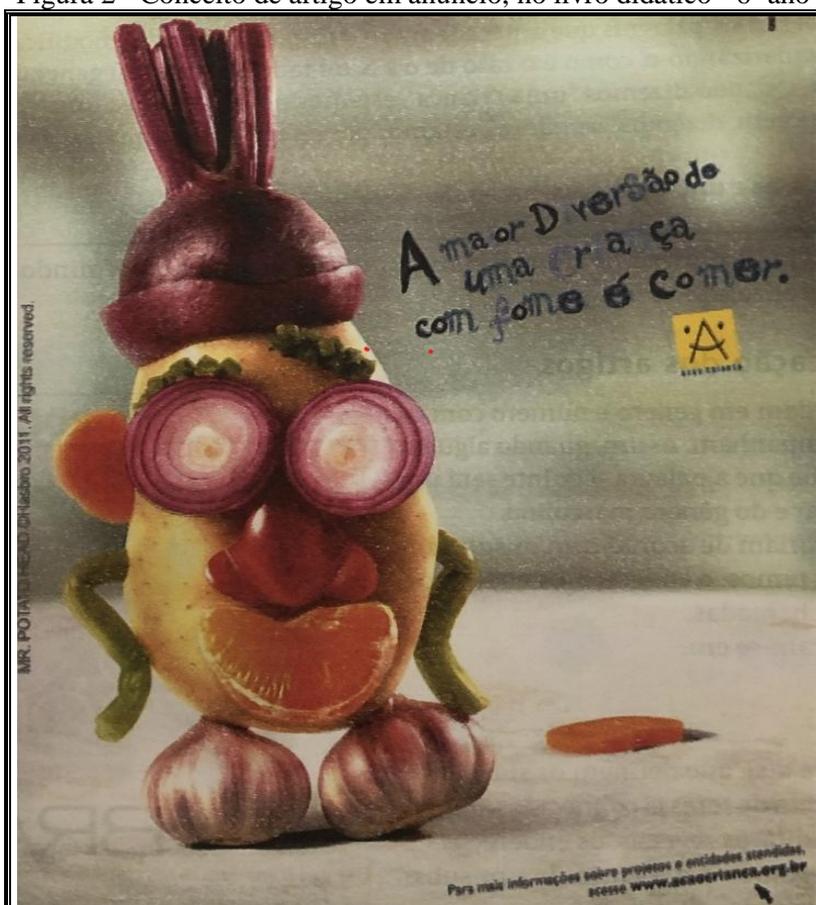
Ao observar nosso material didático, em relação ao ensino de gramática, é possível verificar e confirmar que essa abordagem linguística tem se mantido no ensino de língua. No LD²³ do 6º ano, identificamos três níveis de análises morfológico, sintático e semântico.

2.4.1 Os artigos definidos e indefinidos

A) Vejamos primeiro, *nível morfológico* em que o LD no tópico “A língua em foco”, construindo o conceito de artigo (Figura 2), apresenta o seguinte anúncio:

²³ Nosso objetivo, nesta pesquisa, é apenas demonstrar, avaliar e discutir como o LD apresentou para os alunos o conteúdo gramatical, com seus aspectos linguísticos de categorização e usos dos pronomes indefinidos.

Figura 2 - Conceito de artigo em anúncio, no livro didático - 6º ano



Fonte: Cereja e Cochar (2015a, p. 169).

Em relação ao anúncio acima, o LD estabelece uma leitura prévia na possibilidade de os alunos refletirem: *Quem é o enunciante? Qual a finalidade do anúncio? Qual é o seu público-alvo?* Estes são questionamentos para abrir os caminhos de uma postura enunciativa em perspectiva do diálogo, conduzindo o aluno a perceber quem são os enunciadores do texto. Muito válido e positivo. A seguir, o LD apresenta o item *conceituando* que remete aos enunciados do anúncio como exemplos, que nos demonstram uma posição de análise linguística apoiada no texto, do conceito de *artigo*, mediante o enunciado “A maior diversão de **uma** criança com fome é comer”, e estabelece algumas questões. Mas é a partir da 3ª questão (veremos a seguir), no seu item “c)”, que se faz um jogo na troca do artigo definido “a” pelo artigo indefinido “uma”, para motivar os alunos sobre o emprego e a reflexão da marca do artigo. O sentido do enunciado seria o mesmo?

Aqui o Professor de língua materna pode trabalhar com o epilinguismo linguístico, que dependerá logicamente de sua formação. Momentos como esses podem conduzir a diferença do apoio e suporte teórico da TOPE, pois a existência de um contínuo processo move-se para a criatividade e reformulações na linguagem. Como afirma Rezende (2008, p.

96) “ensinar o aluno a pensar o seu pensar, atividade esta que traz em seu bojo processos simultâneos de centralização (identidade e autoconhecimento) e descentralização (alteridade ou conhecimento do outro)”. Por fim, apresenta o conceito de artigo (Figura 3), como podemos observar a seguir:

Figura 3 - Conceito morfológico de artigo em enunciado, no livro didático - 6º ano

2. Que relação existe entre a linguagem verbal e a linguagem não verbal do anúncio?

3. No enunciado principal do anúncio, lemos: “A maior diversão de **uma** criança com fome é comer”.

a) A diversão a que o enunciado faz referência é uma diversão qualquer ou uma diversão específica?

b) E a criança: trata-se de uma criança qualquer ou de uma criança específica?

c) Se trocássemos a palavra **a** por **uma**, e vice-versa, o sentido do enunciado seria o mesmo?

CONCEITUANDO

Como você viu, algumas palavras que antecedem um substantivo podem modificar o seu sentido, definindo-o ou particularizando-o, como é o caso de **o** e **a**, ou indefinindo-o ou generalizando-o, como é o caso de **um**, **uma**. Quando dizemos “**uma** criança”, estamos nos referindo a uma criança qualquer, indefinida. Quando, porém, dizemos “**a** criança”, estamos nos referindo a uma criança determinada, definida.

As palavras **o**, **a**, **os**, **as** e **um**, **uma**, **uns**, **umas** são denominadas artigos.

Artigo é a palavra que antecede um substantivo, definindo-o ou indefinindo-o, particularizando-o ou generalizando-o.

Fonte: Cereja e Cochar (2015a, p. 170).

Em relação à classificação morfológica que foi apresentada no LD, notamos que nesta seção seguem as mesmas definições das gramáticas ditas prescritivistas ou filosóficas dessa classe de palavras, ou seja, que o artigo antecede um nome substantivo com a função de (in)definitude e de particularização e de generalização, entretanto, O LD criou uma seção (Figura 3).

Figura 4 - O artigo na construção do texto, no livro didático - 6º ano

O ARTIGO NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Lê este poema, de Mário Quintana:

VI

Na minha rua há um menininho doente.
Enquanto os outros partem para a escola,
Junto à janela, sonhadoramente,
Ele ouve o sapateiro bater sola.

Ouve também o carpinteiro, em frente,
Que uma canção napolitana engrola.
E pouco a pouco, gradativamente,
O sofrimento que ele tem se evolva...

Mas nesta rua há um operário triste:
Não canta nada na manhã sonora
E o menino nem sonha que ele existe.

Ele trabalha silenciosamente...
E está compondo este soneto agora,
Pra alminha boa do menino doente...



engrolar: pronunciar de maneira imperfeita, recitar mal.
evolar: evaporar, dissipar.
seeseta: tipo de poema formado por quatro estrofes, as duas primeiras com quatro versos e as duas últimas com três versos.
Procure no dicionário outras palavras que você desconheça.

(Br: A Rua dos Costa-ventos, São Paulo: Globo © by Elena Quintana.)

- Quando falamos ou escrevemos, as escolhas linguísticas que fazemos estão vinculadas ao sentido que pretendemos dar ao texto. Observe, por exemplo, o emprego dos artigos na primeira estrofe do poema.
 - Como se classificam os artigos em "um menininho doente" e em "os outros"?
 - Em "os outros", a palavra **outros** substitui um substantivo. Qual é ele?
 - Imagine como ficaria o poema se, em "um menininho doente", o autor empregasse "o menininho doente". Seria adequado o emprego do artigo definido nesse caso? Por quê?
 - Apesar de ter empregado o artigo **um** antes de **menininho**, o autor emprega artigos definidos em "o sapateiro" e "o carpinteiro". O que justifica o emprego de artigos definidos nesses casos?
 - Qual é a razão do emprego de artigo indefinido em "uma canção napolitana"?
- Na primeira estrofe, o autor emprega artigo indefinido em "um menininho doente". Na terceira e na quarta estrofes, entretanto, emprega artigos definidos em "o menino" e "do menino doente". O que justifica a mudança de tipo de artigo para acompanhar o substantivo **menininho** ou **menino**?

Fonte: Cereja e Cochar (2015a, p. 172).

A atividade sugerida para os alunos, primeiramente, se refere à leitura do Poema de Mario Quintana que sugere que as escolhas linguísticas, ou seja, as marcas linguísticas, "que fazemos estão vinculadas ao sentido que pretendemos dar". É solicitado ao aluno identificar a categoria dos artigos na primeira estrofe do poema, vejamos:

A questão 1 está dividida em 5 alternativas, em que: a) Como se **classificam** os artigos em indefinidos e definidos; b) é perguntado se é possível a construção textual de referenciação do pronome **outro** em substituição a um nominal substantivo; c) pede-se uma reflexão de sentido nos usos de "o" e "um" d) solicita-se aos alunos que justifiquem o emprego dos artigos definidos na construção do texto; e, por fim, e) requisita-se que se explique a escolha no texto de um artigo definido por outro indefinido. E o mesmo tipo de questionamento na questão 2, em que se esperam respostas mais ou menos assim: no início do texto, o menino não está identificado, é desconhecido, mas no desenvolvimento do poema, com as ações textuais, o menino será definido ou conhecido?

Podemos observar que há uma iniciativa de exercício de atividade epilinguística da linguagem, embora introdutória, mas há. Na alternativa, c) Imagine como ficaria o poema se, em:

“**um** menino doente”

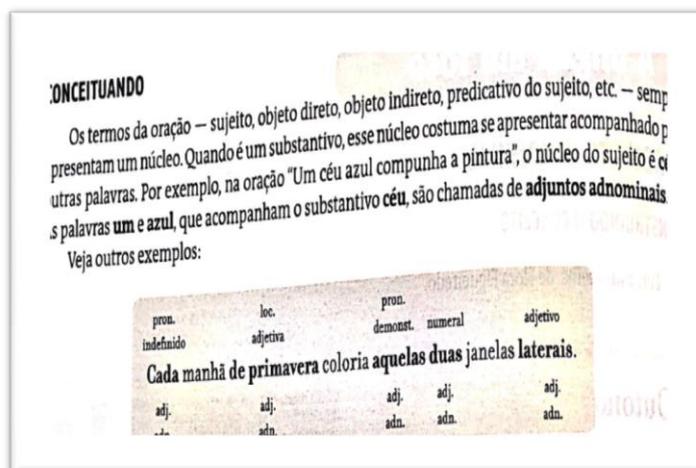
“**O** menino doente”

Há uma reflexão para o aluno pensar, na reformulação com as seguintes questões: “Seria adequado o emprego do artigo definido nesse caso? Por quê?” Não sabemos a indicação da resposta do LD, mas conforme a gramática tradicional não seria aceitável, porque não conhecemos ou identificamos quem é o menino. Na construção dos valores referenciais as parafrases possibilitam a variações dessas ocorrências como critério fundamental das operações de linguagem.

B) Continuamos nossa reflexão, agora, com destaque para o *nível sintático* no livro do 7º ano (CEREJA E COCHAR (2015b, p. 227-228), no item “A língua em foco” na construção do conceito de *Adjunto adnominal*, que foi apresentado com a leitura do Poema *Outono* de Flora Figueiredo, com questões do tipo “qual o sujeito? Qual é o núcleo do sujeito e qual é a classe gramatical que acompanha o núcleo do sujeito?”

No que se refere ao nível sintático, tanto os artigos (in)definidos quanto os pronomes indefinidos são classificados sintaticamente como *adjuntos adnominais*. Identifica-se no sintagma nominal o núcleo, que é o substantivo, sendo este acompanhado pelos adjuntos adnominais, com a função de termos acessórios da oração, que qualificam, especificam e determinam ou indeterminam um substantivo (Figura 5). Observemos:

Figura 5 - Função sintática dos artigos e dos pronomes indefinidos no livro didático - 7º ano



Fonte: Cereja e Cochar (2015b, p. 228).

De acordo com o que foi apresentado, a abordagem da gramática prescritivista ou filosófica ainda tem sua força marcante no ensino e ainda está presente nos instrumentais didáticos, como podemos observar acima. A gramática aqui é vista como admitindo os princípios de uma verdade imutável e de um uso universal.

C) No nível *semântico*, no item do LD “Semântica e discurso”:

Figura 6a - Semântica e discurso no livro didático - 6º ano



Fonte: Cereja e Cochar (2015a, p. 173).

Como podemos observar, o LD apresentou dois gêneros discursivos (Figuras 6a e 6b), a tira e o anúncio, articulando imagens e situações de interlocuções ao apresentar as categorias gramaticais dos artigos para classificá-los em uso. Muito válido, e ainda, o LD usa exemplos de contextuais atualizados e do cotidiano para os alunos, com temas de reflexão críticas e de humor. Tudo isso, nos mostra que o LD busca ser diferente da abordagem gramática tradicional. Há uma preocupação com a linguagem dirigida para os alunos (crianças/adolescentes) quanto a conteúdos informativos e não somente literários. Quanto a análise dos artigos na construção dos valores referenciais, observamos que ainda preza a categorização de uma certa classe de palavra. Na questão:

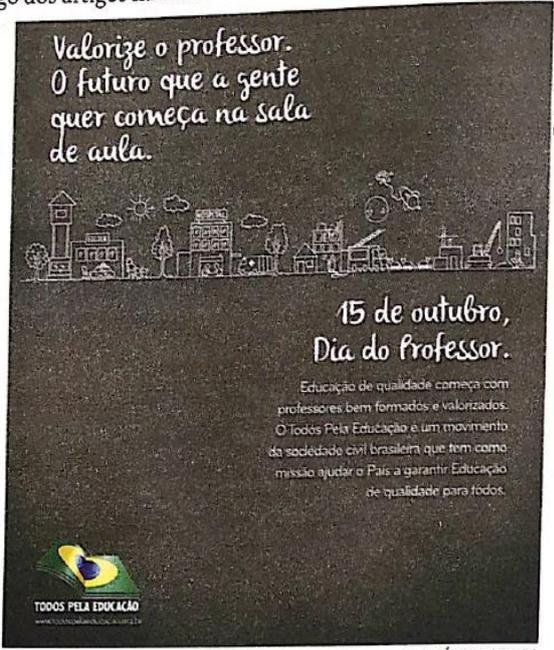
“a) Qual é o único artigo indefinido empregado na tira?”

“b) E quais são os artigos indefinidos?”

As questões têm a função de identificação da categoria no enunciado, simplesmente. Não houve um trabalho com a linguagem (parafraase e a desambiguação), quando fazemos mudanças sutis de expressão que pode nos oferecer não só o significado estável, mas o construído em uma interação de contexto específico, por exemplo:

Figura 6b - Anúncio publicitário - Semântica e discurso no livro didático - 6º ano

1. Observe o emprego dos artigos na tira.



2. Observe o anúncio.

- Qual é o único artigo indefinido empregado na tira?
- E quais são os artigos definidos?
- Considerando quem são os interlocutores e o local onde eles estão, justifique: Por que houve vários empregos de artigos definidos e apenas um emprego de artigo indefinido?

3. Você aprendeu que os artigos definidos, **o(s)** e **a(s)**, são empregados quando nos referimos a um substantivo específico, definido e particular; e os artigos indefinidos, **um(uns)** e **uma(s)**, quando nos referimos a um substantivo de sentido genérico, indefinido. Compare:

- "as ferraduras, as selas e a alfafa"
- "Valorize o professor."

Troque ideias com os colegas e com o professor e responda:

- Os substantivos **ferraduras**, **selas** e **alfafa**, acompanhados dos artigos definidos **as**, **as** e **a**, respectivamente, apresentam, na tira, um sentido particular e específico, ou um sentido genérico?
- O substantivo **professor**, acompanhado do artigo definido **o**, apresenta, no anúncio, um sentido particular e específico ou um sentido genérico?
- Como você justifica o sentido produzido na expressão "o professor", no anúncio? Dê outros exemplos em que isso também ocorre.

174

“**Um ladrão** de cavalos entrou no rancho...”

- “**Uns ladrões** de cavalos entrou no rancho...”
- “**O ladrão** de cavalos entrou no rancho...”
- “**Os ladrões** de cavalos entrou no rancho...”

A atividade epilinguística ganha toda uma importância, quando colocamos essas possibilidades de construção de experiências linguísticas, quando defendemos uma indeterminação da linguagem. Nessa medida o sujeito aciona seu lugar, ou seja, a reflexão aqui defendida nos leva ao movimento do diálogo entre o estável e o instável.

2.4.2 Pronome indefinido

A) Nível morfológico, na unidade 4, na seção “A língua em foco”, apresenta-se o conceito de pronome, tendo como texto de apoio “A conclusão do princípio de Wu”. Os autores afirmam que “Pronomes são palavras que substituem ou acompanham um nome, principalmente o substantivo” (CEREJA; COCHAR, 2015a, p. 210), a exemplo de definições propostas em gramáticas prescritivas. Estabelece-se, em seguida, a distinção entre pronomes substantivos e pronomes adjetivos; os primeiros conceituados como pronomes empregados no lugar dos substantivos, e os adjetivos como aqueles que transmitem noção de posse, de quantidade indeterminada, de localização espacial ou temporal, entre outras. Remete também à importância da relação dos pronomes de forma breve no item “Os pronomes e a coesão textual” como marcas para existência das conexões gramaticais que interligam as partes de um texto. De forma geral com usos dos pronomes, não foi demonstrado nenhum exemplo neste item com pronome indefinido.

No item classificação dos pronomes, relacionou a existência de seis tipos de pronomes: os pessoais, os possessivos, os demonstrativos, os indefinidos, os interrogativos e os relativos, enfatizando que “neste capítulo, trataremos dos cinco primeiros” (CEREJA; COCHAR, 2015a, p. 211).

Cereja e Cochar (2015a, p. 218) conceituam o *pronome indefinido* como “aqueles que se referem a um ser (3ª pessoa) de modo impreciso e genérico”. Iniciam a seção propondo a leitura da tira, de Laerte (Figura 7).

Figura 7 - Conceito morfológico de pronome indefinido em tirinha, no livro didático - 6º ano



Fonte: Cereja e Cochar (2015a, p. 217).

Após indicar a leitura da tira, sua parte verbal: ““Qualquer criança sabe’ menos eu tá?... vai explicando onde fica essa avenida!” desenvolve-se nos seguintes questionamentos:

1. Como a palavra **qualquer** faz referência à **criança**: de modo preciso ou de modo impreciso?
2. Por que a tira é engraçada?

Em seguida, o LD explica que a palavra **qualquer** se refere a um ser (3ª pessoa), de modo impreciso e genérico, indefinindo-o. A palavra **qualquer** e outras como **algum**, **alguém**, **tudo**, **nada** etc. são pronomes indefinidos.

Cumprir lembrar que alguns pronomes indefinidos são variáveis, isto é, sofrem flexão de gênero e número; outros são invariáveis. E, como a maior parte dos pronomes, os indefinidos também podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos. Os autores explicam com os exemplos:

Figura 8 - Pronomes indefinidos variáveis e invariáveis no livro didático - 6º ano

Algumas pessoas ficaram ofendidas, mas **ninguém** reclamou.

pronome indefinido adjetivo pronome indefinido substantivo

Quando temos um grupo de palavras com valor de pronome indefinido, nós o chamamos de **locução pronominal indefinida**. Veja:

Cada **um** dos convidados deverá trazer um prato.
Quem quer que vá ao baile, deverá usar traje a rigor.

Outras locuções: qualquer um, cada qual, seja qual for, seja quem for, todo o mundo, todo aquele que.

Quaisquer: plural por dentro?

Sim. **Qualquer** é a única palavra de nossa língua que forma o plural a partir de modificações internas: a sílaba **qual** passa a **quais**, formando **quaisquer**.

Qualquer candidato deverá chegar na hora, **quaisquer** que sejam suas dificuldades.

Fonte: Cereja e Cochar (2015a, p. 218).

Do exposto pelo LD para a construção do conceito de *pronomes indefinido*, ele buscou um contexto textual da Tira do Laerte, em se permeiam a linguagem verbal e não verbal na construção do humor. Os sujeitos em papéis diferentes, o Senhor (homem de terno, de óculos e bem sério) é o passageiro (possivelmente é um táxi, pois tem o velocímetro que marca a bandeira 01) e o motorista é uma criança (de fralda) que enuncia “**Qualquer** criança sabe’ menos eu tá?... vai explicando onde fica essa avenida!”. A seguir, o LD destaca “a palavra qualquer em que e refere a um ser (3ª pessoa), de modo impreciso e genérico, definindo-o. A palavra **qualquer** e outras como **algum, alguém, tudo, nada** etc. são **pronomes indefinidos**” (CEREJA E COCHAR 2015a, p. 218, grifos dos autores).

Logo, podemos refletir e discutir que o LD tem uma preocupação de trazer os exemplos dos usos dos pronomes indefinidos em usos textuais. É muito válido, por isso cabe mais uma vez a postura teórica do Professor para estabelecer as estratégias e defender que o estudo das línguas deve ser feito em articulação com a linguagem. Observamos que faltou o exercício no LD da atividade metalinguística não consciente e sem promover nada para ajudar o professor a fazê-lo, posto que o conceito de pronome indefinido foi apresentado de uma certa forma estática, embora no primeiro momento o LD tenha trazido o exemplo do pronome indefinido “qualquer” no enunciado em textualização, mas quando vai explicar que os pronomes indefinidos podem ser substantivos ou pronomes adjetivos, trouxe exemplos soltos, como podemos observar na Figura 8 acima.

Observamos que a *abordagem interacionista* também se faz presente nos LD na construção e produção de texto, no tocante às marcas de definição e indefinição, mas com a função de pronomes dando construção aos textos pelos critérios de textualidade, especificamente de coerência e coesão, como podemos observar no exercício do item “Para escrever com coesão: os pronomes e a coesão textual”. Neste exercício se enfatiza que os pronomes na sua totalidade contribuem para construir a coesão textual, exercendo a função de retomar ou refazer referência a termos já citados no enunciado e evitar a repetição de termos ou mesmo de frases inteiras (Figura 9).

Observe-se que não há uma especificação para os pronomes indefinidos. O exercício apenas tem o objetivo de identificar os pronomes de um modo geral. E, nas diversas atividades, no LD há muitos exercícios com pronomes demonstrativos. Tudo isso nos confirma o que estamos defendendo neste estudo: *as noções de indefinição não figuram nas mais analisadas*, por vezes ressaltadas ou não, geralmente acontecem fora das questões de diálogo; ou seja, quando analisadas, voltam-se para as questões de ensino sob a prescritivista de língua.

Figura 9 - Coesão e coerência em pronomes, no livro didático - 7º ano

5. Indique os pronomes que, entre os sugeridos, completam o texto a seguir, dando a ele coerência e coesão. Antes, porém, leia-o integralmente.

A toupeira

Eis a história da toupeira — animal cego — (cujo, qual, que) disse à mãe que estava enxergando. A mãe colocou- (lhe, a, nos) então à prova: deu- (lhe, a, te) um grão de incenso e perguntou- (te, vos, lhe) o (onde, que, qual) era.

— Um calhau — respondeu a filha.

— (Tua, Nossa, Minha) filha — disse a mãe —, além de cega, perdeste o olfato.

O impostor promete o impossível: basta um nada para confundi-lo.

(Esopo. *Fábulas*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 115.)



calhau: fragmento de rocha dura; pedra solta; seixo.

Fonte: Cereja e Cochar (2015b, p. 150).

b) NÍVEL SINTÁTICO

Como foi apresentado na Figura 6 no tópico do artigo, o pronome indefinido também tem a função de *adjunto adnominal*. O LD afirma que a morfossintaxe do adjunto adnominal “pode ser desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos (definidos e indefinidos), pronomes adjetivos (possessivos, demonstrativos, **indefinidos**, interrogativos) e numerais” (CEREJA E COCHAR, 2015b, p. 228). Apresentou apenas um exemplo com pronome indefinido, destacado a seguir:

“**Cada** manhã de primavera colorida aquelas duas janelas laterais”.

c) NÍVEL SEMÂNTICO

Por fim, a seção “Semântica e discurso” traz questões centradas, particularmente, na gramática tradicional. Observamos que o material tem uma inconsistência em relação a seus fundamentos de base teórica; oscila em posicionamentos. Por exemplo, no exercício abaixo (Figura 10), é solicitado ao aluno que ele estabeleça critérios para a correção, de acordo com a norma-padrão de usos dos pronomes, porém de uma forma bem ampla. Chama sempre para o uso de forma inadequada, com possibilidades de ambiguidade, aqui tratada como “erro”.

Figura 10 - Semântica e discurso, com ambiguidade, no livro didático - 6º ano

SEMÂNTICA E DISCURSO

1. As frases a seguir apresentam ambiguidade, isto é, duplo sentido, em razão do emprego inadequado de pronomes. Indique ao menos dois sentidos para cada enunciado e reescreva as frases, deixando-as com um único sentido.

a) Vi o ladrão que roubou a minha bolsa no ônibus. c) Os canavieiros se cortaram com a faca.
b) Flávia, eu vi o João na escola com a sua mãe.

2. Nas frases a seguir, alguns pronomes estão empregados em desacordo com as regras da norma-padrão. Reescreva as frases, empregando tais pronomes de acordo com a norma-padrão.

a) O livro não está comigo. Emprestei ele para minha prima.
b) A vovó trouxe um pedaço de bolo para eu e uns salgadinhos para você.
c) A vovó trouxe um pedaço de bolo para mim experimentar.
d) Você não vai acreditar no que aconteceu! Mas prometo te contar tudo com detalhes.
e) Eu não vi elas na festa. Será que elas não foram convidadas?

Fonte: Cereja e Cochar (2015a, p. 221).

Ao concluir este capítulo, podemos dizer que ele foi dedicado, de maneira pontual, a explorar diferentes abordagens que descrevem as classes *artigo definido/ indefinido* e *pronome indefinido* e quais são as concepções de linguagem adotadas por cada uma. Julgamos ser de grande relevância analisar o objeto da pesquisa sob a ótica de outras teorias e também o modo como abordam fenômenos que almejamos examinar, como, por exemplo, a questão da delimitação do que vem a ser: o termo quantificador e/ou determinantes, assim como são tratadas as questões relacionadas à semântica das indefinições e qual a sua contribuição para a construção do sentido dos enunciados em que estão inseridos etc. Dado o caráter preciso da investigação, como foi apresentado, focalizamos apenas os seguintes aspectos: a) descrição do que é uma expressão de indefinição; b) natureza do semantismo das expressões de indefinição; c) descrição do modo como se apresentam os termos que cercam uma expressão de definição.

O ponto-chave entre todas as abordagens apresentadas diz respeito a cada uma que perpassa por diferentes raciocínios: lógico, cognitivo, referencial ou denotativo, psicossociológico, empírico, normativo. Mas é do ponto de vista da linguagem que eles se encontram, nesses referenciais teóricos, em relação à exterioridade e interioridade como maior dilema em ação.

O critério de distinção entre *definição/indefinição* apoia-se em informações culturais (predicações dispensáveis, porque redundantes, ou indispensáveis à compreensão dos cotextos). Os critérios são assegurados pelas duas dimensões em análises, a universal e a particular, que, juntas, são condição para se realinhar o trabalho de análise linguística. Como já apresentado, os critérios mais conhecidos pela gramática tradicional para estabelecer a distinção entre os artigos definidos (o, a, os, as) e os indefinidos (um, uma, uns, umas) são os critérios da individualização, de forma precisa para os definidos e para a indeterminação, e de maneira vaga ou imprecisa para os indefinidos e para os substantivos, seja uma pessoa, objeto ou lugar (artigo indefinido, lugar ao qual não se fez menção anterior no texto). Por sua vez, os pronomes indefinidos são aqueles que se referem a substantivos de modo vago, impreciso ou genérico. Tanto um critério quanto o outro não passam de uma constatação e deixam os problemas linguísticos envolvidos.

Segundo Rezende (1992, p. 153), “há, sobretudo, uma reflexão mais ampla, de ordem teórica, que gera tanto a concepção de educação, quanto a concepção de linguagem, quanto o ensino de língua [...]”. Para a autora, são questões da ordem de processos teóricos e metodológicos entendidos como esquemas formais e operacionais, que permitem a configuração de um conteúdo nas formulações de planejamentos e métodos para o ensino.

Nesse sentido, as indignações, especificamente para o problema de (in)definição para as questões de ensino, tornam-se o nosso grande desafio. Então, todo professor precisa ser pesquisador para que saiba articular os conhecimentos formais, universais e particulares. Os valores culturais são cumulativos. As reflexões dos clássicos aristotélicos são validadas até os dias atuais. Port-Royal, por exemplo, influenciou nossas gramáticas pedagógicas. Os filósofos, em geral, têm relevância no ensino, com suas reflexões sobre a linguagem, dentre outros. Rezende ressalta a importância de o professor ser habilitado com essas reflexões em sua formação e assevera a necessária habilitação do professor com essas reflexões em sua formação. Podemos dizer que:

Os artigos definidos e indefinidos a marca de uma função presente em todas as línguas já estudadas (evidentemente sob forma diversa de nosso artigo, podendo ser um prefixo, uma desinência, uma entonação, uma inversão etc.) Trata-se, portanto, de um universo formal, e esse conhecimento não é apenas conquista da linguística do século XX. É, por exemplo, através dos artigos e da dêixis, em geral, que delimitamos os conceitos e os tomamos mais gerais ou mais particulares (REZENDE, 1992, p. 159).

Tendo em vista esses fundamentos tão importantes, é imperioso posicionar-se nas imbricações do ensino, pois se sabe que é um grande desafio, sendo que, infelizmente, há fatores econômicos e políticos, há relação particular e universal, que se fazem por caminhos

de interesses e, por isso, fazem o ensino não crítico, ou simplesmente omissivo, tornando-se apenas um acúmulo de informações desnecessárias.

Na teoria Culioliana, as entidades são dinâmicas (as operações do sujeito) e são responsáveis pelo processo de constituição de categorias gramaticais e das unidades lexicais. Em nossa abordagem, trabalha-se sobre “um mundo construído e sobre um mundo em construção”, conforme Rezende (2008, p. 53). Essa seria a grande distinção entre esta abordagem que defendemos neste estudo e as clássicas reflexões linguísticas. Ou seja, “os estudos linguísticos, ao organizar seus modelos para explicar o funcionamento das línguas, não conseguem sair das categorias prontas” (REZENDE, 2008, p. 52).

À luz desse entendimento, abordaremos no próximo capítulo a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de Antoine Culioli. Essa teoria trata do processo de categorização ao propor a articulação entre linguagem e línguas. Ela defende a ideia da gênese linguística para que possa ser encontrada em qualquer ponto espaço-temporal do desenvolvimento de uma língua (sincronia e diacronia) e também em qualquer ponto do aprendizado e domínio de uma língua; focaliza o que é dinâmico, lançando mão de um processo operatório de montagem e desmontagem de unidades, categorias e conseqüentemente de valores e significados.

Nesse plano, qual o lugar dos determinantes nessas abordagens e no ensino? Na perspectiva enunciativa de Fiorin, que trata das categorias do tempo, do espaço, não tem abertura para as classificações de (in)definição, e, com isso, os determinantes têm menor destaque em seus estudos, se aproximam da linguística textual, na elaboração do texto e construção de sentido, em relação aos elementos de textualidade, também dão pouca relevância a esses determinantes no ensino, a saber, na coesão e na coerência. Nas abordagens interacionais de cunho enunciativo há vários modelos que destacam seus marcadores sem ver o todo. Conforme apresentamos anteriormente, Benveniste afirma que se está trabalhando com língua desde Aristóteles; e, em menção à filosofia, lembra de que todo trabalho é feito sobre a língua. A Sociolinguística da variação, por sua vez, também trata suas pesquisas em uma dada língua no sistema de línguas e não na linguagem. Há pontos que essas teorias se aproximam quando se circunscrevem para as questões de ensino acerca da categoria do texto e outras do ponto de vista linguístico. Na perspectiva da TOPE, o lugar dos determinantes tomados por uma determinada “marca” tem seu valor, não há grau de hierarquia. Em toda marca linguística existem possibilidades de imbricação entre uma e outra, ou seja, a noção e a predicação. Culioli analisa, a partir das operações, sempre o diálogo posto na regulação. A linguagem não se deixa formalizar tentando mostrar o momento e suas possibilidades. A

linguagem, segundo o autor, é inacessível, e ele a defende como representação, como referenciação e como reformulação (regulação).

O que se pretende defender com este estudo é a constatação de que há vários modelos e abordagens em que a (in)definição têm papel menor. Estabelecido isso, seguiremos, agora, no próximo capítulo, a partir das fontes em que se orienta esta Tese, com uma apresentação mais detalhada do quadro teórico da TOPE como fundamento importante para os objetivos pretendidos.

3 PRINCÍPIOS TEÓRICOS DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

Nossa reflexão instaura um aparente paradoxo. A linguagem, concebida como um trabalho, uma atividade constitutiva quase estruturante, seria insuficientemente examinada pelas condições em que a linguagem se utiliza em uma “ação segunda” no exercício social. [...] Sobre que base se pode, então, atender às exigências de sair desse discurso retórico original para a construção de uma teoria da linguagem?

Franchi

Neste capítulo, abordamos a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) como fundamento para esta pesquisa. Iniciaremos com as questões de linguagem, de língua e as condições de uma linguística geral. Apresentamos a definição do objeto do programa de estudos de Antoine Culioli e os princípios teóricos de sua teoria, na busca de compreender os enunciados para além da sua materialidade linguística.

3.1 Linguagem e língua

Nosso estudo é permeado pela visão de língua como o sistema de representação linguística (produto) responsável por veicular as operações de linguagem (processo). A linguagem se constitui em uma forma de pensamento, relacionando-se assim a uma abordagem construtivista ou teoria do léxico, pois o sentido das unidades e os valores de elementos gramaticais não são dados, mas se constroem nos enunciados. O *enunciado*, por sua vez, é uma sequência estabilizada por um contexto.²⁴

Sobre isso, é válido ressaltar a afirmação de Franckel (2011, p. 18):

Os trabalhos situados numa perspectiva construtivista dizem respeito, principalmente, ao estudo, um a um, na sua singularidade irreduzível, mas também na diversidade de seus empregos, de unidades particulares de línguas particulares. Portanto, não partimos mais de grandes categorias totalmente construídas ou pelo menos construídas por representações independentes da linguagem, mas do funcionamento das unidades uma a uma e na sua singularidade.

²⁴ Contexto ou situação – o sentido só é determinado pelo material verbal que lhe dá corpo e o constrói; ou seja, não seguem e não podem ser entendidos na acepção das teorias pragmáticas. O contexto não é exterior ao enunciado.

O estruturalismo de Saussure reconhece a concepção da linguagem sendo multiforme e heteróclita. Estabelece como objeto de estudos Linguístico a língua; depreendeu três concepções para língua e Coseriu avalia essas concepções como correspondentes a três oposições:

- a) a língua como acervo linguístico x realidade psicofísica - realidade psíquica;
- b) a língua como instituição social x aspecto individual - aspecto social;
- c) a língua como realidade sistemática e funcional x concreto-abstrato ou realização-sistema.

Coseriu (1990 apud Neves, 2018b, p. 190) vai ao uso linguístico humano por via de um “poder falar” (competência comunicativa), de um “conhecer determinada língua historicamente inserida” (domínio do idioma) e de um “inserir-se em situação de interlocução” (participação de um evento comunicativo), dessa maneira configurando o uso linguístico como uma atividade:

- a. Suficientemente específica para que se mantenham e se reconheçam as particularidades dessa língua individual.
- b. Suficientemente geral, entretanto, para que sua descrição não possa ser indiferentemente aplicada a qualquer outra língua particular.

Neves (2018a, p. 17) delimita os três pontos centrais que embasam a gramática funcional:

- a. o uso (em relação ao sistema);
- b. o significado (em relação à forma);
- c. o social (em relação ao individual).

E, para o uso da língua materna, de modo algum ocorre que o falante primeiro precise estudar “regras” da disciplina gramatical encontrada em seus manuais de gramática (NEVES, 2017, p. 79). Nessa perspectiva, qualquer falante de uma língua é competente para produzir e entender enunciados da sua própria língua.

Para Neves (2017, p. 95), “o aparato funcionalista, que respalda essas indicações, sustenta também todas as reflexões que aqui se fizeram sobre o reconhecimento escolar”. O tratamento da língua-padrão, como qualquer modalidade, não pode ser ignorado na escola, por ser uma das variantes da língua em uso. A propósito, para Neves (2018b, p. 191), o que interessa são as línguas diversas, porque “captadas no seu uso – captadas funcionalmente – as línguas terão suas especificidades descritas de modo que possam ser relacionadas às de outras línguas”. Tudo isso é uma visão funcional das línguas.

São várias as teorias linguísticas, e cada uma defende seu posicionamento para a questão da língua(gem). Entretanto, para esta pesquisa, defenderemos e nos posicionaremos sobre linguagem de acordo com a abordagem enunciativa de Culioli (1999, p. 26), que a define como “uma atividade humana de construção de significação”. A *enunciação* consiste “não em veicular sentido, mas em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações”. Autores consagrados seguem este mesmo posicionamento. Segundo De Vogüé, Franckel e Paillard (2011, p. 11, grifo do autor):

Linguagem não é a reprodução, a transcrição ou codificação de um referente: ela *constrói valores referenciais* que, como construções enunciativas que não repousam em nenhum outro elemento de estabilidade além do que a enunciação pôde construir.

Dessas afirmações, podemos entender que a linguagem não reproduz um referente, mas constrói valores referenciais. E o que são esses valores referenciais para a TOPE? São as construções das relações estabelecidas em cada unidade pelos seus respectivos enunciados. Daí o *enunciado* ser o objeto da TOPE. Para Culioli (1999b), o enunciado é um construto teórico, que consiste, para o ser humano, em um construir textos, escritos ou orais, que utilizam marcadores que são traços de operações. Produzi-lo ou reconhecê-lo equivale a (re)construir agenciamentos de marcadores, pois “ajusta as representações de um locutor às de um interlocutor” (CULIOLI, 1999b, p. 9).

Segundo Onofre (2008, p. 22-42, grifo do autor):

É importante observar que o movimento de linguagem/língua se deixa modular em um constante jogo de *estabilização e desestabilização* de valores/significação. Paralelamente a uma dada *noção cristalizada*, há a possibilidade de se criarem outros diálogos a partir dos quais uma representação linguística pode ser nova, isto é, diferente de qualquer outro emprego já atribuído àquela noção, ou *pode dialogar com uma representação já dada, identificando-se com ela, ou contrapondo-se a ela*. Na atividade de linguagem uma nova significação pode impor-se, estabilizando-se, do mesmo modo que uma significação já estabilizada pode alterar-se, e até mesmo apagar-se.

Assim, a análise da linguagem será realizada por meio da atividade de paráfrase e de reformulação, ou seja, trata-se da atividade metalinguística, específica da linguagem humana. Sendo assim, a linguagem torna-se para Culioli o ponto central ou objeto da sua Teoria das Operações Enunciativas e Predicativas.

A linguagem foi estudada por muito tempo como *fala e língua*. Então reabilitar a linguagem como objeto de estudo passou por várias etapas. Nesse esteio, De Vogüé (2011) apresenta epistemologicamente a possível continuidade de Benveniste por Culioli, pois estes

primeiro trataram das questões de linguagem. Benveniste, a partir do quadro teórico saussuriano, desenvolveu um modelo de análise da língua voltado à enunciação e à subjetividade, mantendo-se fiel ao pensamento de Saussure. Em sua tese central, *o homem está na língua*, de base linguístico-antropológica, a linguagem é condição para que o homem exista. E afirmou: “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca a inventando. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro” (BENVENISTE, p. 1995, p. 285). Nesse sentido, o homem se constitui como sujeito e a subjetividade é decorrente das marcas da presença na língua por meio da linguagem, concebida como intersubjetividade.²⁵

Benveniste propõe o fenômeno de estabilização do sentido das unidades nos enunciados em termos de uma *função integrativa*. Assim é que:

Um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenche uma *função integrativa*. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível de puder identificar-se como “parte integrante” da unidade de nível superior, da qual se torna o *integrante* (BENVENISTE, 1995, p. 133, grifo do autor).

O sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, o autor pensou em encontrar o princípio racional que governa, nas unidades de níveis diferentes, a relação entre *forma e sentido*.

Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituente e integrante*. Quando reduzimos uma unidade aos seus constituintes, reduzimo-la aos seus elementos *formais*. [...] Tudo se resume nisso: a dissociação leva-nos à constituição formal; a integração leva-nos às unidades significantes. (BENVENISTE, 1995, p. 135, grifo do autor).

Vemos nessa dupla propriedade a condição que torna analisáveis as unidades significantes na língua, a começar pela aprendizagem de que a frase é uma unidade, na medida em que é um segmento de discurso, e não na medida em que poderia ser distintiva com relação a outras unidades do mesmo nível. É, porém, uma unidade complexa, que traz ao mesmo tempo sentido e referência, “sentido porque é informada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação”. Nessa assertiva, “os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como

²⁵ É uma “condição” da experiência humana inerente à linguagem. Essa experiência se reflete na língua (FLORES et al., 2009, p. 146).

tal não se opera, sendo inteligível o ‘sentido’, mas permanecendo desconhecida a ‘referência’ (BENVENISTE, 1995, p. 140).

O que destacamos de tudo apresentado é a posição do linguista, pois, quando tenta reconhecer os níveis de análises, sempre parte de unidades elementares até chegar ao último nível, que é a frase. Portanto o autor define que “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura” (BENVENISTE, 1995, p. 140).

Benveniste (1989, p. 82, grifo nosso), em seu artigo *Aparelho formal da enunciação*, afirma que “a enunciação é este colocar *a língua* em funcionamento por *um ato* individual de utilização”, ou seja, trata-se de um ato de apropriação da língua. Por sua vez, Culioli utiliza o termo enunciação, porém como **um processo** que se recupera a partir do enunciado, e reconhecemos que o autor estabelece ponto de convergência com Benveniste na relação da função integrativa na linguagem, porém há pontos divergentes.

Nessa perspectiva, há duas formas de conceber a enunciação: de um lado, a forma pela qual um sujeito se enuncia, de outro, a forma pela qual um enunciado se enuncia. De Vogüé (2011, p. 59, grifo nosso), nesse ponto, destaca:

O que está em jogo nessa distinção é importante: conforme seja um ato ou um processo de constituição de um objeto (o enunciado), a hipótese da enunciação não procede do mesmo movimento epistemológico. Em um caso, a análise toma por objeto o sujeito enunciando-se (para estudar a forma como ele se enuncia), e o enunciado é entendido como produto dessa enunciação do sujeito. Em outro, o objeto é o enunciado em sua materialidade formal: um arranjo de marcas a partir do qual se organiza um certo efeito significante.

Nesse sentido, a partir da base comum que o estudo da linguagem e das línguas em sua diversidade se constitui, os teóricos Benveniste e Culioli desenvolvem, cada um, sua própria problemática, pois elas procedem de pontos de vista diferentes sobre a linguagem.

É válido ressaltar que este trabalho teórico sobre a linguagem, que apresentamos aqui, tornou-se acessível a um público mais amplo com a publicação, entre 1990, 1999 e 2018, das coleções de artigos reunidos sob o título: *Pour une linguistique de L’énonciation, Tome I, II, III*, e também as suas entrevistas, em que Culioli especifica os vários aspectos e questões de sua teoria. Também em homenagem póstuma, a publicação do Tome IV, *Pour une linguistique de L’énonciation: tours et détours* (2018). Suas obras desempenham um papel importante na história da língua francesa; abriram novas perspectivas em outras áreas de pesquisa, Antropologia, Neurociência e todas as ciências humanas. Na Europa, temos como destaques Franckel, Paillard, De Vogüé, Durfrei, Valentim, Campos, dentre outros. No Brasil,

temos Rezende como pioneira, Romero e Onofre, dentre outros. No Nordeste do Brasil, especificamente no Estado do Piauí, tem-se Lima.²⁶

De acordo com Franckel e Paillard (2011, p. 87), a TOPE pode ser apresentada sob 3 (três) aspectos:

1. *Uma teoria da enunciação.*
2. *Natureza das operações: sistema de orientação [système de repérage] e domínios nocionais.*
3. *Uma teoria da invariância (e da variação).*

Há um sistema invariante em toda variação, um esquema de base que pode ser recuperado pelas operações, sustentando as sutilezas do significado, ou seja, as variações propiciadas pelo empírico que se manifestam em nível formal. No dizer de Culioli (1990, p. 179, grifo nosso), entendemos que:

Linguagem, que é uma atividade significativa de representação, torna-se somente acessível por meio de sequências de textos, ou seja, por meio de marcadores que são os traços de operações subjacentes. *O objetivo não é construir uma gramática universal. Mas, reconstruir, por um processo teórico e formal, as noções primitivas, operações elementares, regras e esquemas que geram categorias gramaticais e padrões específicos de cada língua. Em suma, o objetivo é encontrar as invariantes que fundamentam e regulam a atividade de linguagem em toda a sua riqueza e complexidade.*

Nesse contexto é que o seu modelo formal enunciativo, ao permitir uma visão teórica do funcionamento da linguagem, oferece uma teoria da gênese da linguagem. A linguagem é indeterminada e ambígua. Assim, os sentidos são construídos no momento da interação verbal e as significações determinadas, ao mesmo tempo em que abrem espaço para novas significações.

Uma teoria das invariâncias? Vamos aqui pensar um pouco mais sobre tal postulado culioliano, porque é sua grande questão buscar a invariância. Essa busca está vinculada à relação biunívoca entre os Níveis de representações I e II. A invariância é definida como “conjunto de relações (entre termos) que se mantêm estáveis sob diferentes línguas” (ROMERO, 2019, p. 193).

Na medida em que toma como objeto o enunciado, este deve ser entendido como uma organização de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos, que o constituem como

²⁶ A Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima foi a precursora da TOPE no Piauí, a quem dedicamos nossa homenagem e respeito por seu trabalho. Ela é modelo de dedicação e defensora da Linguística de Enunciação. Sendo assim, nós buscamos o seu exemplo na busca de uma formação da TOPE.

tal, podem ser analisados no quadro de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações²⁷ do qual ele é a marca (FRANCKEL; PAILLARD 2011, p. 88).

Culioli reconhece que “é óbvio que no domínio da psicologia, da sociologia, da antropologia a relação língua-linguagem é um problema”. Ela se organiza de tal maneira que existe um problema para se resolver e, sem dúvida, usamos a linguagem no sentido saussuriano para lidar com fenômenos que dizem respeito a toda a atividade da linguagem.

Culioli, ao fazer a reflexão da articulação da linguagem com as línguas naturais, define o objeto do seu programa de pesquisa e o projeto de linguística geral. Ele, assim, estabelece o objetivo da Linguística e a define como ciência que estuda a linguagem por meio das línguas naturais. Rezende (2009, p. 14-16) relata algumas consequências, apresentadas a seguir:

- a. O conceito de *regulação ou equilíbrio* não separa a Psicologia da Sociologia. É uma linguística de base antropológica e extremamente rica ao ensino de línguas.
- b. *A linguagem e as línguas* não podem ser definidas como meio de comunicação. O outro é fundamental, mas o próprio eu enquanto outro é igualmente importante (atividade epilinguística).
- c. As diferenças *intra*línguas e *inter*línguas seriam um agravamento da situação de interação verbal inicial e básica intrassujeito ou intersujeitos. A diferença é sempre de natureza experiencial (empírico) e não formal.
- d. *Léxico e gramática*, separados, como unidades ou em arranjos, constituindo-se em enunciadores, apontam apenas para uma grosseira direção de sentido e são constitutivamente indeterminados e ambíguos. Por isso, a atividade epilinguística (linguagem interna) é um trabalho constante de construção de enunciados em famílias parafrásticas e de desambiguação.
- e. *A tese da indeterminação da linguagem* e a defesa da linguagem como trabalho ou atividade garantem a fundamental liberdade ao sujeito e o insere no âmago do processo de atribuição de significados e valores às expressões linguísticas.
- f. *Definir a criatividade* apenas como arte, enfatizar o seu caráter divergente e visível, e separar expressão artística da não artística é não conseguir acessar a linguagem como trabalho fundador que permite ao sujeito se construir em uma singularidade,

²⁷ O termo operações se justifica pela hipótese de que o valor referencial desse enunciado não é dado, mas sim construído.

por meio de um autoconhecimento que necessariamente traz o conhecimento do outro (REZENDE, 2009, p. 16).

Nos pontos apresentados acima por Rezende (2009), em que o autor faz a relação da articulação entre linguagem e línguas naturais, o processo de apropriação defendido pela autora como “capacidade de se instaurar como origem do seu discurso é fundamental” (p. 16), ou seja, o processo de apropriação deve ser enfatizado na produção de texto realizada pelos alunos em salas de aula de ensino de língua materna para se tornarem também trabalhos artísticos. Rezende assevera: “Entre ser origem do seu próprio discurso (apropriação) e ser artista (criatividade) é uma questão de grau e não de natureza”.

Retomando o que Franchi (1991, p. 12) nos fala dessa relação *criatividade e linguagem*:

- a. O falante tem plena liberdade de construir as múltiplas formas.
- b. Pelo modo que cada um se coloca em relação a seu tema: nos diferentes pontos de vista.
- c. Nos processos pelos quais o falante estende, pela analogia ou pela metonímia, esquemas relacionais, sintáticos e semânticos, construídos para a representação de situações.
- d. Quando o falante ultrapassa os limites do “codificado” e manipula o próprio material da linguagem, investindo-o de significação própria.

Nessa medida, temos que estabelecer a distinção entre a atividade de linguagem, atividade epilinguística e atividade metalinguística, para melhor compreender o que vamos desenvolver como estratégia de ensino de Língua Portuguesa.

A *atividade linguística* é o exercício pleno das intenções significativas da própria linguagem. Segundo Franchi (1991, p. 35), “somente pode reproduzir-se, na escola, se esta se torna um espaço de rica interação social [...]”. A *atividade epilinguística* é a prática que opera sobre a própria linguagem, que compara as expressões, que as transforma, que experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações. A *atividade metalinguística* é a descrição da linguagem.

A relação existente entre essas atividades no ensino aprendizagem é questionável e é abordada de maneiras divergentes nos vários modelos teóricos; nosso propósito também é defender o ponto de vista abordado por Franchi (1991). As atividades linguísticas e atividades epilinguísticas devem estar presentes com maior intensidade nos anos iniciais do Ensino

Fundamental Menor, pois é um momento da aquisição da língua e da linguagem do aluno em formação, tendo em vista que o devido aluno já chega na escola com seu domínio de uso da linguagem, e ocorre somente o aprofundamento das atividades de metalinguagem nos anos finais.

A atividade de linguagem com a produção de texto, segundo Franchi, “é um exemplo de uma atividade epilinguística intensa, provocada e estimulada pelo professor”. Observamos que a concepção de ensino e de linguagem adotada pela posição do professor é de fundamental importância para o ensino e aprendizagem, sem contar que é a atividade epilinguística que abre as portas para o ensino de uma teoria gramatical.

3.2 A formalização em linguística

A teoria de Antoine Culioli (1999a, p. 19-20), apresentada e defendida por ele como a teoria dos observáveis, trata a formalização em linguística, conforme observamos em seu artigo “La Formalisation en Linguistique”:

Que a linguística deve ser sistemática, rigorosa, explícita, aberta à verificação, todo mundo está pronto a aceitar com entusiasmo um tal programa a supor que as boas intenções constituem um programa. Mas as resistências afloram rapidamente, e a partir do momento que se deseja se dar meios à medida das suas ambições.

Com base no exposto, para o autor a ciência da linguística deve ser questionada e aberta a verificações, deixando um pouco as resistências. Ele acrescenta a enumeração de alguns problemas que nós devemos, ao menos, refletir:

1. **Observáveis e modelos:** O problema da relação entre um modelo, objeto de observador, não é de forma alguma próprio à linguística! Mas tem para o linguista uma importância capital, pois, nos perigos habituais, vêm-se acrescentar às dificuldades suplementares. Tais como Culioli (1999a, p. 19-28) as classificou:
 - a) A *metalíngua* é a língua de uso (no melhor dos casos, será necessário sempre utilizar a língua U para falar sobre metalíngua ou o sistema formal; de fato, geralmente, a imbricação entre a terminologia e a língua de uso está tal como o linguista se encontra, preso à armadilha da qual ele desejava explorar o funcionamento).
 - b) A linguagem é uma atividade que supõe, ela mesma, uma perpétua *atividade epilinguística* (definida como “atividade metalinguística não consciente”), assim

como uma relação entre um modelo (a competência, ou seja, a apropriação e o domínio adquirido de um sistema de regras sobre as unidades) e sua realização (a performance) da qual nós temos o traço fônico ou gráfico, dos textos.²⁸

- c) *A atividade linguageira é significativa*: porque há, na comunicação, operações nas duas pontas que os enunciados denotam um sentido (operações complexas, pois todo emissor é, ao mesmo tempo, seja no mesmo momento, receptor, e reciprocamente), mas somente pode-se afirmar que as palavras têm um sentido sem ser levado a uma concepção utilitária de linguagem, concebido como um instrumento cuja finalidade explícita seria a comunicação entre sujeitos universais que, como sabemos, compartilham o bom sentido. Ora, pode-se mostrar que a linguagem não é exterior ao sujeito (termo empregado por falta de um melhor, para evitar locutor ou falador), mas sim uma relação complexa de exterioridade-interioridade.
- d) Saber-se-ia somente conduzir os problemas de *categorização a simples generalizações fundadas sobre a frequência*. Isso aqui foi claramente mostrado num estudo de D. McNeil sobre a aprendizagem do japonês por uma criança de dois anos: existe em japonês dois artigos pospostos: **wa** e **ga**, a primeira corresponde, grosso modo, a “quanto a X, ele ...” ou ainda “há X, e ele...”, a segunda a “isto é X que...” ou simplesmente “X é a origem de tal processo “. A mãe utiliza duas vezes mais **wa** que o **ga**, mas a criança emprega cem vezes mais **ga** por seis **wa** (sobre oito horas de gravação) e mostra que ela sabe utilizar **ga** com os seus dois valores (“este X que, este X que” de um lado, e “X sujeito”, de outro). Assim, a criança compreendeu o sistema, localizou essas duas partículas que correspondiam à função central de predicação, mesmo que ela seja a menos frequente e aprendeu o seu uso corretamente. Da mesma forma, nenhum estudo de frequência permitirá explicar o estatuto do masculino em relação ao feminino em várias línguas ou o animado em relação ao inanimado.

- 2. Conceitos, termos e símbolos**: há certa confusão em numerosos trabalhos, provocada pelo duplo estatuto da linguagem. É necessário lembrar aqui que se pode somente formalizar alguma coisa, tendo, por sua vez, a ausência de rigor que ameaça produzir um sistema de reescritura que se fecha em si mesmo. Assim, a

²⁸ Evitar-se-á aqui toda assimilação de competência à língua e a performance da fala. Chomsky, ele mesmo, é muito *circumspecto [prudente]* sobre este ponto (Notas explicativas de CULIOLI, 1999a, p. 19).

assimilação de “sintático ao formal”, de origem matemática e lícita em si é somente permitida em linguística a título de primeira aproximação.

3. Sintaxe e Semântica: vamos reunir aqui alguns problemas vistos anteriormente sobre forma de proposições:

- a) Nada permite levar a semântica das línguas naturais à semântica interpretativa dos sistemas formais.
- b) Todo signo pode ser utilizado como símbolo e os operadores sintáticos não escapam a esta regra: toda mudança sintática desencadeia uma mudança semântica (qualquer que seja a acepção deste adjetivo: regulação interindividual por uma comunidade, pragmática, retórica etc.). Dizer que uma frase e sua transformação sejam equivalentes não muda nada no problema: tudo reside na força de equivalência; sem dúvida, em termos de vizinhança/proximidade, poderá se estabelecer uma distância crescente, da transformação idêntica a uma frase profundamente reformulada, mas é difícil, exceto numa teoria (a explicitar) do bom sentido e da conservação do sentido, de apoiar que, sozinha, a estrutura profunda recebe uma interpretação semântica e as transformações não mudam nada. Ou talvez, a um tal grau de aproximação semelhante, a proposição possa ter um valor heurístico, mas não terá validade teórica.
- c) É permitido afirmar, ao contrário, apoiando-se na tese sobre os argumentos teóricos, que existe em um nível muito profundo (semelhantemente pré-lexical) uma gramática das relações primitivas em que a distinção entre sintaxe e semântica não tem nenhum sentido. Ter-se-á, em seguida, um filtro lexical, com certo número de regras sintáticas e semânticas, compreendendo a modulação retórica (metáforas, deslizos de sentido), que poderia ser levada à sintaxe. Nós estamos aqui, de fato, em permanente, e não no descontínuo, e nenhuma representação de tipo sintático (restrições distribucionais sobre a co-ocorrência; ordem parcial) não basta para tomar conta da linguagem poética, por exemplo, a menos que se tenha recorrido ao fraco argumento de desvio e da anomalia, que de toda maneira não resolve nada (CULIOLI, 1999a p.19-28).²⁹

²⁹ Texto traduzido pela Profa. Dra. Marlene Aparecida Viscardi Mantovani.

Buscamos apresentar o que define a postura epistemológica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), fundada há mais de quarenta anos pelo olhar do francês Antoine Culioli e seus sucessores. Este modelo teórico é norteador das nossas convicções e nos ajudará criticamente nas discussões dos fundamentos da Linguagem e da língua. No delinear da nossa pesquisa, é indispensável pensarmos um pouco sobre essas questões. É válido ressaltar que a enunciação para este estudo não é o ato de um sujeito que age sobre seus interlocutores, mas é um processo que restituímos a partir do enunciado enquanto agenciadores de formas, definidas como o produto das determinações de diferentes ordens que intervêm na elaboração de um enunciado.

É válido ressaltar as afirmações de Romero (2019, p. 176 apud CULIOLI, 1990, p.14):

[...] de um lado, estou dizendo que o objeto da linguística é a atividade da linguagem [...]; de outro, que só temos como apreender essa atividade, a fim de estudar o funcionamento, por meio de configurações específicas, agenciamentos em uma dada língua. A atividade de linguagem remete a uma atividade de produção e reconhecimento de formas; ora, essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos, não podem ser independentes das línguas.

Com base em Culioli (1990), Romero afirma que “decorrem daí duas questões norteadoras do programa culioliano”, que são: como acontece a articulação linguagem e línguas; como tratar da relação entre materialidade do texto e a materialidade das atividades significantes dos sujeitos. Nesse sentido, a língua é uma atividade simbólica de manifestações singulares das manifestações de linguagem. A linguagem é uma atividade da capacidade humana com a especificidade da reformulação que é constitutiva do fenômeno de proliferação criativa, entretanto a linguagem não é abstrata; ela existe por meio das línguas.

Franckel (2020) apresenta três características da atividade de linguagem, a propriedade de tradução, a aquisição de uma língua materna e a reformulação (o fato de ser um sistema de representações (sonhos, desenhos, gestos, esquemas etc.). Ela não explica tudo, por exemplo, não conseguimos explicar por telefone como dar um nó e nem ensinar a tricotar. Assim, o autor nos apresenta que a linguagem tem dois modos: *o objeto* (material verbal – texto, enunciado, palavras); a *atividade* decorrente de processos de produção, reprodução e compreensão (informação verbal).³⁰

Lógico que também temos nossos posicionamentos e inquietações sobre o olhar definidor das questões que são fundamentos para nossa pesquisa, e por isso determinamos aqui algumas questões da teoria de Culioli para esta Tese, dentre eles os processos de

³⁰ Informação coletada na aula do Curso “Atividade de linguagem, diversidade e singularidade das línguas em Antoine Culioli, realizada por videoconferência, entre os dias 06/10/2020 e 15/12/2020.

predicação que nos revelam os níveis de representação, invariância, noção e ocorrências, domínio nocional, atividades de linguagens.

3.3 Processos de predicação

O processo de construção do enunciado envolve três momentos: a relação *primitiva*, o momento da construção da *lexis*, a relação *predicativa* e a relação *enunciativa*. A relação desses três momentos é chamada por Culioli de operações de *repérage*, construto estabelecido sobre o seguinte princípio: um objeto só adquire um valor determinado graças a um sistema que, ao apreendê-lo necessariamente em uma relação, faz dele um termo *orientado* por um termo *orientador*. O *intersubjetivo* (tanto quanto *transindividual*) diz respeito ao jogo observado entre o Nível I (cognitivo) das representações mentais, que não é o primeiro, que não temos acesso, que precisamos de um suporte linguístico para ser formulável e só teremos acesso pelo nível II. O Nível II (linguístico) na produção e reconhecimento de formas verbais (textos/enunciados) são traços, vestígios ou rastros do Nível I em forma organizada e tangível. Os dois níveis existem um pelo outro em articulação. O Nível III é o metalinguístico, em que os traços vão adquirir a posição de marcadores nas análises das formas. Momento de reconstrução do que está em jogo, de articulação, de formalização, da aparente estabilização gramatical.

A *lexis*³¹ é uma relação primeira que resulta das noções que ainda não estão situadas em um espaço enunciativo de um referencial. A *lexis* garante a união sintática e semântica na predicação, ou seja, ela garante a plasticidade do enunciado e, ao mesmo tempo, a sua identidade. Esse esquema inicial é chamado *lexis* e tem a seguinte notação $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$.

Nela, temos a fórmula que associa uma relação primitiva entre os termos e um esquema vazio de relações, formulando as famílias parafrásticas. Segundo Culioli (1999a, p. 46), “Toda parafrase caracteriza-se por uma *invariante*; acontece que uma *invariante* é uma estrutura, quer dizer um conjunto de relações entre termos, estáveis sob transformações”. Diferenciando-se das *glosas*, para Culioli, seriam os “textos que um sujeito produz quando, de

³¹ Obtém-se uma *lexis* onde os termos estão/são compatíveis com uma ordem, mas não são ainda ordenados; de outro, a *lexis* é pré-assertiva e a passagem à asserção (no sentido de “enunciação por um sujeito”) implica uma modalização. Modalizar significa “se apossar de uma modalidade” e modalidade será aqui entendida em quatro sentidos: (1) afirmativo ou negativo, injuntivo etc. (2) certo, provável, necessário etc. (3) apreciativo: “ele está triste que..., felizmente” (4) pragmática, em particular, modo alocutório, causativo, em resumo, o que implica uma relação entre sujeitos. Outra, a modalização, a passagem à asserção acompanha-se de um segundo tipo de modulação, que se poderia chamar “estilística”, para distingui-lo do primeiro tipo, ou modulação retórica (CULIOLI, 1999b, p. 24).

modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente” (CULIOLI, 1999a, p. 74).

A glosa está ligada à atividade epilinguística e tem um papel muito importante no cotidiano dos locutores, pois vai fazê-los entender o sentido de uma frase em uma língua estrangeira ou desambiguar um enunciado mal interpretado. É importante ressaltar que as *glosas epilinguísticas* não são totalmente controláveis, pois constituem um sistema de representação interno à língua.

Segundo Culioli, o conjunto das operações enunciativas se resume a um operador único, representado por operador $\underline{\epsilon}$. A sequência, frase, unidade lexical é sempre tomada em relação ao outro termo dado previamente. O operador $\underline{\epsilon}$ relaciona dois termos (a e b) em uma relação de alteridade primeira: $a \underline{\epsilon} b$. De acordo com Franckel e Paillard (2011, p. 91):

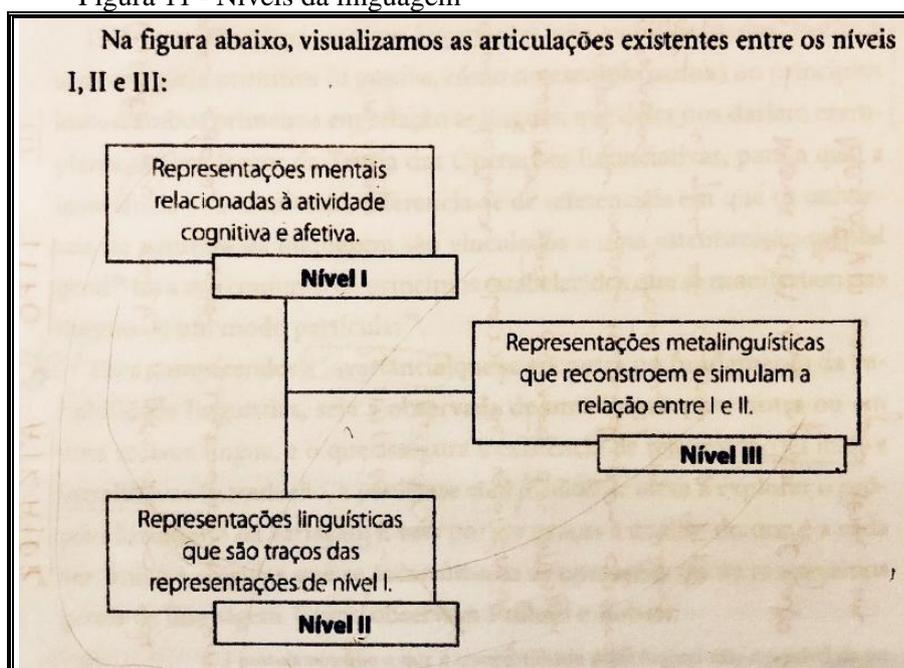
O operador $\underline{\epsilon}$ relaciona dois termos (a e b) em relação de alteridade primeira: $a \epsilon b$, e reformula essa alteridade primeira como uma relação assimétrica: a é orientação [*repéré*] por b . Ao mesmo tempo, essa orientação é indissociável das propriedades de a e b , que fazem com que o termo a tenha uma menor vocação, na relação, de ser orientado por b (em *o livro está sobre a mesa, livro e mesa* têm propriedades que tendem a fazer a *mesa* mais um termo orientador [*repère*] do que o inverso, visto que *mesa* não é evidentemente um termo orientador em si).

Do exposto, as propriedades dos termos a e b não são anteriores a sua instauração nas relações, ou seja, são as relações que as determinam. Na análise da diferença das sequências Culioli introduziu o operador $\underline{\epsilon}$ (épsilon espelhado), que permitiu a oposição entre relação determinista/não determinista.

A articulação entre linguagem e línguas é compreendida pela relação definida por Culioli entre três níveis de representações, o Nível I, o Nível II e o Nível III:

Mas é importante e oportuno entendermos o que o autor chamou de representação. Vejamos a Figura 11 apresentada por Romero (2019, p. 180):

Figura 11 - Níveis da linguagem



Fonte: Romero (2019, p. 180).

Conforme se nos apresenta a Figura 11, o Nível I ou nível nocional é aquele em que se representa a ordem cognitiva ou representações mentais. O nível remete ao conceito de noção. O Nível II é o nível linguístico, ou o meio como se acessa o Nível I de representações. Por fim, o Nível III é o sistema de representação metalinguístico, é o lugar de trabalho da linguística.

Culioli (1990, p. 25-28), em uma comunicação no dia 29 de novembro de 1983, apresentou seu conceito de *Noção*³² e *ocorrências da noção*. As noções são captadas por meio de palavras, mas não correspondem ao léxico em uma determinada língua, pois passam pela linguagem. Estabelecido isso, afirma:

No sistema de organização das propriedades físico-culturais, nós temos o não-generalizável. Se é para dizer que por trás dessas representações, existem propriedades generalizáveis: é do generalizável. Para gramática, é a mesma coisa: se estudamos as categorias, não é generalizável, se estudamos as noções gramaticais como as categorias fundadoras, é generalizável (CULIOLI, 1983, p. 25).³³

³² Os símbolos < > indicam que se trata da *noção*. “Propriedade” é, por vezes, empregado em lugar de *noção* (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 93).

³³ S’il s’agit, à un moment donné, de l’organisation du système le l’organisation de propriétés physicorelles, nous avons du non généralisable. S’il s’agit de dire que derrière ces représentations, il y a dès propriétés généralisables, c’est du généralisable. Pour la grammaire, c’est la même chose: si on étudie les catégories, ça n’est pas du généralisable; si on étudie les notions grammaticales en tant que fondant les catégories, c’est généralisable (CULIOLI, 1983, p. 25).

A noção não é verbal nem nominal. Culioli relaciona a uma ordem de existência que não é materializável. De acordo com Franckel e Paillard (2011, p. 92), “a noção é, em si própria, indivisível, sendo apreendida senão através das realizações particulares, que são suas ocorrências”. Vejamos, então, o conceito de noção dada por Culioli (1990, p. 52, grifo do autor):

Encontrar o problema da noção é encontrar de um lado, feixes de propriedades físico-culturais ou propriedades do objeto (de organização) e, de outro lado, pelo viés dos marcadores de asserção (“há”; “é... que”; etc.) de negação, de interrogação, o problema da construção de um complementar. E, desse modo, retorna-se ao problema do predicado, a saber, que, em todo caso, trata-se de trabalhar a partir de uma relação predicativa não saturada (p, p') que, somente, permite apreender o domínio nocional. As propriedades que regem o domínio sairão de diversas categorias “Vamos enumerar de maneira não exaustiva algumas categorias nocionais [...]. Sendo dada uma categoria nocional P, distingue-se uma propriedade “p” segundo o domínio: - semântico: /ser cão/, /ser líquido/, /ler/; - noção gramatical: aspectualidade, modalidade; - noção quantitativa/qualitativa: avaliação do grau de intensidade e de extensividade (acabamento).³⁴

Portanto, o autor não estuda a atividade cognitiva como ela pode parecer por meio de comportamentos não verbais, mas por meio de comportamentos que são sempre verbalizados. As noções surgem por meio de ocorrências. Isso quer dizer, que nós, falantes, percebemos que a cada momento do nosso discurso, nós temos as expressões de como: “Estou procurando as palavras que conteriam meu pensamento”, “se posso dizer” que marcam uma preocupação com o ajuste. Isso passa por *ocorrências da noção*. “Temos acesso à noção apenas por meio de texto e mais precisamente palavras, por outro lado, não há relação: uma noção, uma palavra. Sempre há *inadequação*”. Observaremos o exemplo:

- 1) “*Ao menos uma casa. Qualquer coisa: um chalé, um apartamento minúsculo, um porão que seja. Mas morrer *em casa*. No seu lar*”.

Culioli (1999a, p. 164) afirma o que vem a ser a noção, “propriedades formais invariantes”, ou seja, são as representações constitutivas do nível I, a noção de (SER CASA) de (SER LAR) é importante para o homem:

³⁴ Se heurter au problème de la notion c'est donc reconstruire, d'un cote, les faisceaux de propriétés physico-culturelles ou propriétés d'objet (d'organisation) et d'un autre cote, par le biais des marqueurs d'assertion ('il ya'; 'c'est... que'; etc.) de négation, d'interrogation, le problème de la construction d'un complémentaire. Et l'on retourne par là au problème du prédicat, à savoir que dans tous les cas il s'agit de travailler à partir d'une relation prédictive non saturée (p, p') qui, seule, permet d'appréhender le domaine notionnel. Les propriétés qui régissent le domaine se tireront de diverses catégories: “Énumérons de façon non exhaustive quelques-uns des domaines qui constituent les catégories notionnelles (...). Étant données une catégorie notionnelle P on distingue une propriété ‘p’ selon le domaine: -sémantique: /être chien/, /être liquide/, /lire/; - notion grammaticale: aspectualité, modalité; -notion quantitative/qualitative:évaluation du degré d'intensité ou extensité (achèvement)”.

A casa < uma casa< qualquer coisa< um chalé< um apartamento minúsculo< um porão que seja> <seu lar>

Os leitores do conto podem ter diversas noções de uma casa. Para alguns alunos, suas representações seriam:

loca> tapera> prédio> mansão> casarão de pedra> caverna< castelo >viaduto> pedaço de papelão, etc. porém o autor descreve <um velho **bangalô** de madeira>

A noção é inacessível, é algo virtual e produtivo, são representações por nós elaboradas desde criança, por meio das atividades simbólicas quanto ao meio físico-cultural.

Outra característica da noção é permitir à unidade linguística ser empregada pela criatividade e pela singularidade constitutiva. São marcas da deformabilidade da noção.

No que diz respeito à noção, a configuração indica o corpo ou um formato às entidades e a instanciação da noção define o que vem a ser a ocorrência, ou seja, a ocorrência seria a apreensão da noção por meio da unidade linguística, da integração da unidade dos enunciados.

Franckel e Paillard (2011, p. 93) afirmam que “uma ocorrência não tem relação estabilizada com a noção da qual constitui uma realização particular”. Os autores nos demonstram que a noção é determinada por passar pela instauração de dois polos organizadores:

- a) Um padrão de conformidade, que permite identificar uma ocorrência como um exemplar da noção: é o **tipo**.
- b) A noção fornece um segundo polo organizador, que é o **atrator**. O atrator estabelece uma dupla singularidade: a singularidade da noção, enquanto indizível; a singularidade dos indivíduos que somente são herdeiros da noção sob este ou aquele aspecto e que a dividem. Caso apenas se considere esse tipo de relação com a noção, têm-se indivíduos separados, singulares, incomparáveis.

Os autores em seus estudos chegaram a trabalhar a hipótese de que “as ocorrências de uma noção são elas próprias construídas e especificadas, por um lado, por orientação ao **tipo**, e por outro lado, ao **atrator**” (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 94).

A partir do conceito global de noção dado por Culioli (1990, p. 54), o autor construiu certo número de domínios nocionais (um domínio é um objeto que não é um campo semântico), ou seja, que se trabalhará nos espaços que têm propriedades seja de abertura, seja de fechamento, seja alguma coisa mais complexa.

O domínio nocional é associado a uma classe de ocorrências. Sobre um dos domínios vai poder se constituir o que Culioli chama de um “**atrator**”, depois um “**gradiente**” (que permite então a constituição de um campo). Esses domínios são somente apreendidos por meio das ocorrências que permitem sua constituição.

Culioli (1990, p. 55) afirma:

Tratar-se por meio da introdução destes diferentes conceitos de tomarem consideração o fato que a relação entre a linguagem e as línguas é um objeto que funciona às vezes em compreensão e em extensão (mesmo se isso não recobre a problemática lógica de intensão e da extensão).³⁵

O domínio se apresenta, pois, numa de suas partes como *um aberto* e se considerará que é organizado com um **Atrator**. Culioli cita os exemplos:

a) “*X faz a pintura*”

b) “*Ah, mas isso, isso **não** é muito exatamente uma pintura*”

Em a) se pode dizer ou apoiar ou aceitar que alguém defende que X faz bem a pintura, então X faz da pintura no sentido em que toda ocorrência de *lexis Sit* é validável. Em b) no **domínio quantitativo**, há um salto e o último ponto que seria *negativo* não faz parte de P, a passagem entre “é ainda a pintura” e “isso não é/mais a pintura” onde “mais” marca (como se tivéssemos uma métrica) que se situando no **interior do domínio** procura-se saber se há um ponto mais que poderia ser validável, e vê-se que se tem em “mais”, não faria (pelo marcador **ne** [não]) parte do domínio. Para o **domínio aspectual**, constata-se também que se alguém está fazendo alguma coisa pode-se dizer que a pessoa está necessariamente fazendo; ela poderá estar acabando de fazer, mas, quando se está no **interior**, ela está ainda fazendo; pois haverá um momento em que poderá se dizer:

a) “*Aqui está, acabou; está feito*”.

Estamos no outro lado, **no exterior**, mas não se pode, em nenhum caso, estar sobre a **fronteira**.

b) “*Difícilmente é pintura*”

No domínio quantitativo, pode-se ter e se encontrar a **fronteira** com a ambiguidade que supõe “apenas” que seja “e começa a ser”, e “isso se distancia do estado propriamente dito de pintura”.

³⁵ Il s’agira, à travers l’introduction de ces différents concepts de prendre en considération le fait que la relation entre le langage et les langues est un objet qui fonctionne à la fois en compréhension et en extension (même si cela ne recouvre pas la problématique logique de l’intension et l’extension).

O domínio nocional tem como fronteira o intervalo ou mesmo o campo vazio entre duas propriedades (p e p' , p e não p , verdadeiramente p e verdadeiramente não p); enquanto o *interior* dessa fronteira é tudo aquilo que é construído ao redor do alto grau da noção, o *exterior* é tudo que o interior não é.

Com esses fenômenos, somos obrigados a recorrer a um *gradiente* que mostra que *O atrator* é, pois, uma noção definidora de interior de um domínio estruturado e apreendido. Em algumas circunstâncias dadas pela localização de uma ocorrência (constituintes) em relação a ela própria, é isto que se nota: *pi E p,p'*. Pode-se então tomar conta dos fenômenos de alto grau: “para ser grande, ele é grande” onde “ele é grande” constrói-se uma ocorrência, pois é um termo localizado situacionalmente na Situação Singular; “para ser grande” marca a autolocalização (ou seja, o fato, pelo resultado da operação ser levado ao centro, no interior do domínio); E[épsilon] indica o localizador de “ele é grande” em relação à “para ser grande” (para estabelecer uma relação: ele é grande para sua idade) e “para ser grande, ele é grande” a um valor de alto grau.

O atrator tem uma operação que leva ao *interior* pelo fato de que toda ocorrência vai ser identificada. Os procedimentos faltantes nessa operação vão ser muito variáveis, mas todos são ligados à atração ao centro por identificação: “grande, grande”; “verdadeiramente grande”, (isto que permite ter por “verdadeiramente” uma definição metalinguística operatória); “muito” do inglês significa “em si mesmo”, “o mais/verdadeiro centro”; verdadeiro e muito que vem de “trans” e da imagem de percorrer por meio do centro.

Sendo dada a abertura do domínio, seu complementar linguístico tem as propriedades de fechado/fechamento.

Vamos aqui deixar clara a definição de *palavra* para Culioli, a de que “são apenas meios cômodos para designar construções teóricas, sempre submissas, enquanto construtos, aos procedimentos de validação do trabalho teórico”. Já percebemos que esse conceito é bem diferente de todas as vertentes que tentaram definir tal termo, mas os destaques importantes são as operações de construção da classe, que é em linguística uma operação de *qualificação e quantificação*;³⁶ necessariamente tem *individuação de ocorrências*.

A operação de determinação entra em jogo cada vez que se efetua uma operação de identificação/diferenciação, ou seja, são responsáveis pelos processos de determinação e de indeterminação que incidem sobre alguma coisa, e compreendem as operações de especificação (intensão-QLT) e de construção (extensão-QNT) que somente se constituem em

³⁶ QNT E QLT são metatermos usados como se eles estivessem munidos de um valor intrínseco, ainda que sejam apenas marcadores de operações (CULIOLI MODOS DE QUALIFICAR).

uma dada enunciação. A quantificação remete “à operação pela qual se constrói a representação de **alguma coisa** que se possa distinguir e situar em um espaço de referência” (CULIOLI, 1999b, p. 82). Essa *alguma coisa* não refere o inanimado (por oposição a algum qualquer), mas refere um estado interno ou externo do qual se pode dizer que outro estado dele se distingue que será levada a descontinuidade, que será localizado em domínios de representações.

A quantificação se refere a duas operações:

1. *Quantifiabilização ou fragmentação* é tripla e parte da noção “ser-P”.
 - a) *Nos possibilita passar de uma qualidade insecável/indivisível a uma qualidade fragmentada.*
 - b) *Possibilita a construção de todas as ocorrências.*
 - c) *Possibilita a construção de ocorrências diferenciadas (por exemplo, quando se consideram as relações de gênero, o caráter discreto ou não etc., que podem fazer emergir embreantes ou classificadores etc.).*
2. *A construção da existência*³⁷ de uma ocorrência, situando-a no espaço-tempo enunciativo que um sujeito constrói em relação a um enunciador.

Observemos os exemplos do conto “Uma casa”, de Moacyr Scliar:

“Um homem ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina no peito”.

“Ao menos uma casa” [...] Mas morrer em casa. No seu lar.

“Esta aqui. Fico com ela”. A fotografia mostra um velho bangalô de madeira.

“A casa, mesmo, está quase caindo”.

Vejamos em “*ainda não tinha comprado sua casa*” tem-se a noção que ao passar a ocorrência tem-se a quantificação QNT, sua existência ser casa. A inexistência é em relação à casa comprada. Não havia uma casa comprada. O homem queria comprar uma casa.

A Modalização, na tipologia de Culioli, é uma categoria gramatical que resulta de uma relação entre o enunciador com a relação predicativa ou do enunciador com o seu coenunciador, ou seja, é a atitude do sujeito enunciador frente ao que ele enuncia e frente ao

³⁷ *Construir a existência* consiste em passar da ocorrência de nada a alguma coisa no espaço de localização.

seu coenunciador. Com base nessa relação, Culioli (1990) concebe quatro grupos de operações modais:

- Modalidade 1

a) *Asserção (afirmativa/negativa)*: o sujeito enunciador dispõe de dois valores, verdadeiro/falso ou afirmativo/negativo para fazer a opção por um ou outro. É por meio da asserção que o sujeito enunciador indica que o que ele está predicando é ou não fato.

Um homem ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito.

<um homem sofreu um ataque de angina no peito>

<não tinha comprado sua casa>

Não há casas; pelo menos ele **não** as vê.

b) *Interrogação*: o sujeito enunciador dá ao seu coenunciador a opção de escolher um valor positivo ou negativo p/~p, ou seja, uma assertiva negativa ou positiva, por exemplo:

Um animal pula do terreno baldio para a estrada. É um ser exótico, parecido com um rato, mas quase do tamanho de um jumento. “Que bicho será?” ___ pergunta-se o homem.

No enunciado “*Que bicho será?*”, como é uma narrativa de conto fantástico, o questionamento é para imprimir nesse gênero, o suspense, o interesse do leitor em saber que tipo de bicho seria: <um ser exótico> <um rato> <um jumento>. Na existência natural da natureza, não há ser dessa forma, porém o conto provoca essa configuração dessas representações mentais para a forma desse bicho. A aspectualidade do verbo <ser> no futuro estabelece a dúvida/a possibilidade.

Outro exemplo:

*[...] Ao médico que o atendeu perguntou quanto tempo lhe restava de vida.
___ **Quem sabe?** ___ disse o doutor. ___ Talvez um dia, talvez dez anos.*

A interrogação veio aqui na resposta do doutor não como escolha de sim ou não, mas também de incerteza. Na resposta “ ___ **Talvez um dia, talvez dez anos**”, o marcador talvez remeta à possibilidade de acontecimentos, à dúvida gerada entre vida x morte.

c) *Injunção* (súplica, pedido, sugestão, algo que possa vir verdadeiro ou falso): o sujeito enunciador exerce sobre o coenunciador uma espécie de “pedido, ordem ou sugestão” para que este realize uma ação.

d) *Hipotético*.

- Modalidade 2: *Epistêmica*

Exprime uma **ausência de certeza** por parte do enunciador quanto à validação da relação predicativa; não se trata do falso ou verdadeiro, como ocorre na asserção, mas de uma avaliação essencialmente quantitativa, oscilando entre o provável, o improvável, o possível, o incerto. De um lado, o *necessário*, e a *possibilidade*; do outro lado, a *probabilidade e o provável*. No exemplo:

[...] *Mas, então, vê o homem sua vida extinguir-se. Lavando-se, observa a água escoar-se pelo ralo da pia: “É assim”. Enxuga o rosto, penteia-se com cuidado. “Ao menos uma casa”*.

O homem da narrativa, no conto, compara a vida à água. A vida passa como a água, escoar, e conclui que sua vida chegou ao fim, ou seja, a certeza da vida chega ao fim. Ao dizer *Enxuga o rosto, penteia-se com cuidado. “Ao menos uma casa”*, o necessário e o provável são que ele deveria morrer em sua própria casa.

- Modalidade 3: *Apreciação*: a posição do sujeito frente a um fato de natureza apreciativa envolvendo uma avaliação. A modalidade apreciativa não busca a “assunção da relação predicativa, mas a sua quantificação”, e nessa perspectiva, tem o propósito de realizar “uma apreciação sobre o caráter bom, ruim, infeliz, do conteúdo da proposição; a modalidade apreciativa se compõe, portanto, com a asserção para qualificar o validado, ou com o não certo para qualificar o valor distinto ou previsto (DOTA, 2006, p. 126). Observe-se:

“Ao menos uma casa”. Qualquer coisa: um chalé, um apartamento minúsculo, um porão que seja. Mas morrer em casa. No seu lar.

No exemplo acima, <qualquer coisa> modaliza uma apreciação de valores de casa.

- Modalidade 4 - *pragmática* (natureza *intersubjetiva*) determina uma relação direta entre sujeito enunciador e coenunciador (interlocutor):

a) ***Deôntico***: (Querer, ordem, permissão, desejo, sugestão, vontade, causação, possibilidade e capacidade) o sujeito do enunciado sofre uma pressão em relação à ocorrência que deve ou não se concretizar.

Para fins desta análise, observemos o especial exemplo do conto “Uma casa”:

De repente, encontra: “Esta aqui. Fico com ela”.

O personagem do conto tem o desejo de comprar uma casa, escolhe uma e compra a desejada casa, quando enuncia “Esta aqui. Fico com ela”.

- Noção de aspecto

A noção de *aspecto* caracteriza-se por marcar a relação *espaço-temporal* sobre a qual se instaura pela relação aqui e agora da enunciação. O *aspecto* é uma categoria pela qual o linguista propõe uma correspondência entre a noção gramatical e um jogo de marcadores (específicos em uma língua dada). A organização dessa correspondência define a categoria. Vejamos os exemplos do nosso conto:

Um homem ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito.

O ser humano tem a necessidade de ter seu próprio espaço para morar, viver. O domicílio é um espaço de localização de cada indivíduo. Assim, é importante a noção de casa, de lar. Há uma negação desse fato **ainda não**, cria-se a possibilidade de ainda comprá-la, ao menos para morrer. Ter, possuir uma casa é importante para o personagem, porém o fato que ocorreu “sofreu um ataque” o fez analisar a possibilidade de comprar uma casa.

Enfim, *os mecanismos enunciativos* apresentados aqui nesse capítulo como aporte teórico da TOPE não são considerados como etiquetas, estabelecendo o estatuto de um termo, mas como *traços* de operação que nos proporcionam, como metodologia, análise para este estudo. É preciso, então, reconstruir as operações que permitem a esses agenciamentos de marcadores de *expressões de indefinição* de como eles funcionam na atividade de linguagem. Trata-se, evidentemente, de uma “re-construção meta-linguística” do linguista, e não das operações que se passam no cérebro quando falamos.

No capítulo a seguir, buscaremos demonstrar como a TOPE trabalha com as operações de determinação, especificamente a nominal, com as marcas metalinguísticas das classes artigo e pronomes indefinidos.

4 A OPERAÇÃO DE DETERMINAÇÃO NOMINAL: O ARTIGO INDEFINIDO E O PRONOME INDEFINIDO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL

Já vimos que a Teoria das Operações Enunciativas parte das noções e as noções se submetem às operações de determinação e indeterminação em função de um processo de construção de referenciação.

Maria Auxiliadora Ferreira Lima

Neste capítulo propomos uma discussão da determinação nominal do artigo indefinido e os pronomes indefinidos, a partir de uma concepção de linguagem como atividade que permite a construção de representação, referenciação e regulação. De início, apresentaremos essas categorias nominais que operam no modelo culioliano, com exemplos que resultam dessas marcas morfológicas em que se articulam como determinação na construção dos valores referenciais nos enunciados, lugar do acontecimento linguístico.

4.1 Os modos de construção dos valores referenciais

Na teoria da TOPE tudo parte da “noção”, que é o conjunto de propriedades físico-culturais que entendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e compreensão de enunciados. As relações entre o intersubjetivo e o transindividual propõem conceitualizar a complexidade que sustenta a produção e o reconhecimento das formas, processo sempre permeado por ajustamentos e regulações que instauram relações de alteridade longe de serem simples. Então, por que é relevante e fundamental a apreensão desses conceitos? A noção apresentada na TOPE pode ser comparada a uma unidade lexical? A intersubjetividade é um processo de que tipo de atividade (cognitiva, linguística, epilinguística, metalinguística)? Essas reflexões são permeadas de interesses por nós nesta pesquisa para análises dos determinantes que marcam indefinição.

As formas invariantes e as formas deformáveis são próprias à natureza da linguagem, o ajustamento dessas formas dar-se-á pela capacidade de ajustamento entre os sujeitos, ou seja, há um jogo intersubjetivo. Ao falar de sujeito, aborda-se a relação entre o nível II, próprio a uma língua, e o nível I, específico à atividade de linguagem, que já apresentamos no capítulo anterior.

No modelo teórico de Culioli, as categorias nominais são recategorizadas³⁸ em três grupos: *discreto*, *denso* e *compacto*;³⁹ sua distribuição está dentro do domínio nocional, em que as ocorrências de noção distribuem-se. Por sua vez, há a inter-relação dos nomes com outras categorias gramaticais de número, de tempo e de aspecto.

Segundo Culioli (1999b, p. 14), o conceito de QNT tem afinidades com *o tipo*, e o de QLT, com *o atrator*. A construção de ocorrências passa por um esquema de individuação que põe em jogo ponderações variáveis sobre QNT e QLT. Afirma o autor: “no caso do *discreto*, o QNT (quantificação) é preponderante e o tipo é privilegiado em relação ao *atrator*”. Trata-se de um modo de construção de uma ocorrência tal que a delimitação de uma porção de espaço-tempo será privilegiada. A estabilidade da ocorrência se fundamenta sobre a relação com *o tipo*. “No *compacto*, o tipo não desempenha mais o papel preponderante, o fundamental é a construção de *um gradiente*”. Tem-se o homogêneo. A estabilidade vem do *atrator* e a única singularização possível é de ordem qualitativa (QLT). “O *denso* corresponde a um caso intermediário e instável. Nem QNT (quantificação) nem QLT (qualificação) são preponderantes”, conforme Culioli (1999b, p. 14).

<u>QNT</u> QLT	QLT	QNT QLT
<i>Discreto</i>	<i>compacto</i>	<i>denso</i>

Culioli (1999b, p. 9), no capítulo “Estruturação de uma noção e tipologia lexical. Sobre a distinção de denso, de discreto e de compacto”, afirma que “um enunciado é um evento que, através do traço que o materializa, ajusta as representações de um locutor às de um interlocutor”. Nesse sentido, a noção como representação mental, intangível ao passar por uma atividade que possibilita a referência, corresponde a uma <formação> da noção que observo (nível metalinguístico) o QNT. O autor ainda apresenta as várias maneiras da operação que marca o QNT. Ela é baseada em uma operação de construção ligada à predicação de existência, pode surgir de duas maneiras: passagem de nada para alguma coisa.

³⁸ Franckel e Paillard não aceitam que haja uma “recategorização” de nominais, mas configurações de ocorrências – tipo, isto é, denso, discreto e compacto não se referem a classes de unidades, mas sim a configurações de base de duas formas de delimitação de Qnt e Qlt de uma ocorrência de determinações interna e externa (CORREIA, 2002, p. 91).

³⁹ Os modos de construção do valor referencial DISCRETA (QNT e QLT), DENSA (QNT) e COMPACTA (QLT) são aprofundados em pesquisas por De Vogüé (1989) e na Tese de Romero-Lopes (2000, p. 74-100), em que passou a preferir o uso apenas das expressões QNT-QLT, QNT e QLT, para assinalar que se trata de diferentes articulações das quais se originam as ocorrências nocionais.

Não há grau de existência. Ex: quase morto *quase vivo; a forma de extração, ex: Os fantasmas existem.

O QNT corresponde à construção de uma ocorrência abstrata (portanto, por extensão). A ocorrência é um evento enunciativo que delimita uma parte do espaço/tempo específico pela propriedade P.

O QNT corresponde a um modo de apreensão de QLT através ou sob o modo de um agregado de ocorrências de P. Assim, estabelece uma relação de movimento entre o QLT (O primeiro QLT é <infranlinguístico> e tem um status diferente daquele que aparece no QNT QLT, onde o QNT QLT se observa um modo de apreensão QLT.

Nesse mesmo capítulo, o autor estabelece a relação do QNT e QLT com o tipo e o atrator do domínio nocional. O tipo – a construção de uma classe de ocorrências implica que se possa dizer se são ou não ocorrências da mesma propriedade, baseada em uma operação dupla de identificação/diferenciação, permite organizar a fragmentação da noção construindo uma ocorrência distinta e privilegiada, uma ocorrência representativa que possui duas propriedades:

- a) É definível, ou seja, exibível enunciativamente.
- b) Está em conformidade com uma representação. Estamos lidando com um processo: Prefere-se a *ser P*, ou seja, à QLT: a partir de uma experiência de mundo, isolamos suas propriedades que são fundidas em um representante exemplar.

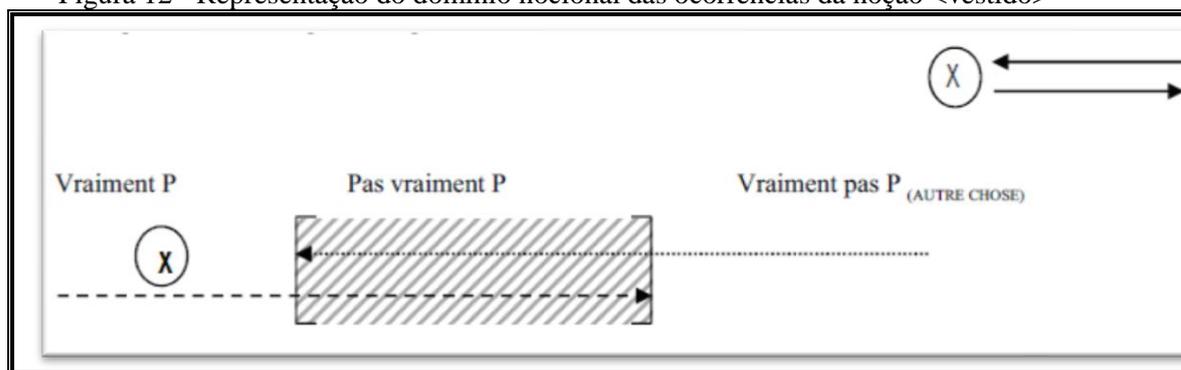
4.1.1 O nome discreto

No caso de discreto, o QNT é preponderante e o *tipo* é privilegiado em relação ao *atrator*. Trata-se um modo de construção de uma ocorrência, de modo que a delimitação de uma parte do tempo e do espaço é preferida. A estabilidade da ocorrência é baseada no relacionamento com o *tipo* (CULIOLI, 1999b, p. 14).⁴⁰

Na representação, por exemplo, do domínio nocional das ocorrências da noção <vestido> no *Interior*, há um centro que define verdadeiramente o vestido; no *Exterior*, o que não é vestido (Figura 12).

⁴⁰ Dans le cas du **discret**, QNT est prépondérant et le type est privilegie par rapport à l'attracteur. Il s'agit d'un mode de construction d'une occurrence tel que la délimitation d'une portion d'espace-temps soit privilégiée. La stabilité de l'occurrence se fonde sur la relation au type (CULIOLI, 1999b, p. 14).

Figura 12 - Representação do domínio nocional das ocorrências da noção <vestido>



Fonte: Culioli (1983, p. 35).

De acordo com a Figura 12, apresentada por Culioli, podemos esquematizar com a noção de <casa>. Vejamos a Figura 13 a seguir:

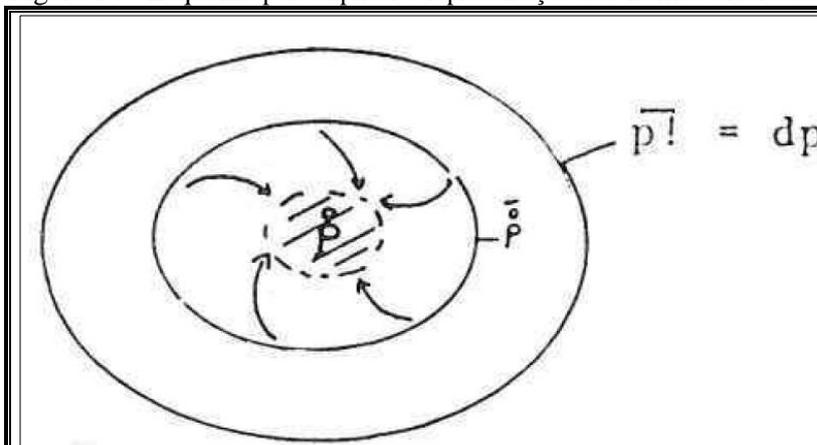
Figura 13 - Representação do domínio da noção <casa>



Fonte: De acordo com Culioli (1983, p. 35).

De Vogüé (1989, p. 20) também apresentou um esquema para explicar a representação dos nomes discretos (Figura 14), definindo o centro organizador do domínio (sombreado) que identifica em relação a um tipo, funcionando esse centro como atrator de todas as ocorrências validadas no Interior, na Fronteira ou no Exterior do domínio nocional.

Figura 14 - Esquema para explicar a representação dos nomes discretos



Fonte: De Vogüé (1989, p. 20).

Segundo Correia (2002) nos apresenta em seu trabalho “Estudo de determinação: a operação de quantificação e qualificação em sintagmas nominais”, qualquer determinante é permitido com nominais **discretos**. Os valores referenciais dos determinantes são diferentes: *Determinante definido* - a existência de uma operação de identificação QLT que relaciona essa ocorrência com um pré-construído (pode ser representado por uma oração relativa).

“Vi **o castor** de que me falaste no Jardim”

Falaste-me de **um castor (operação de extração)**

Quando os “falsos discretizadores” não existem, o artigo definido é o determinante preferencial dos nominais compactos.

“A Ana tem **muita paciência**”.

Admite o determinante indefinido “um”, mas impede o seu plural. Cria-se uma falsa enumeração. “Um” como determinante de um compacto não corresponde a uma enumeração, mas ao “ALTO GRAU” em que a ocorrência é localizada em relação à própria noção, coincidindo totalmente com ela.

“**Uma paciência** como esta, só de um santo!”

4.1.2 O nome compacto

No caso do **compacto**, o tipo não desempenha papel mais importante do que a construção de *um gradiente*, que é fundamental. Estamos lidando com o homogêneo. A estabilidade vem do *atrator*. A única singularização possível é *qualitativa*. Não há ocorrência, no sentido de que não há fragmentação de uma porção do espaço-tempo, mas podemos, sem contradição, falar em ocorrência, porque o compacto, referindo-se ao homogêneo, leva ao desencadeamento da fragmentação na comitiva, com restrições específicas (CULIOLI, 1999b, p. 14).⁴¹

la fragmentation sur l’entourage, avec des contraintes spécifiques.

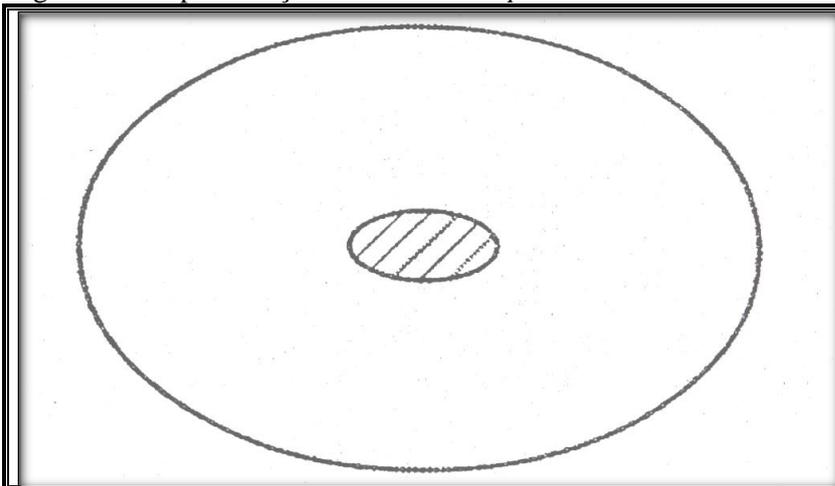
Os nomes compactos não admitem qualquer tipo de formatação, definindo-se como uma zona fechada. Segundo Correia (2002, p. 97), “os nomes como *felicidade, alegria, ódio,*

⁴¹ Dans le cas du **compact**, le type ne joue pas de rôle prépondérant c’est la construction d’un gradient qui est fondamentale. On a affaire à de l’homogène. La stabilité provient de l’attraceur. La seule singularisation possible est d’ordre qualitatif. Il n’y a pas occurrence, au sens où il n’y a pas fragmentation d’une portion d’une portion d’espace-temps, mais l’on peut sans contradiction parler d’occurrence, car le compact, en renvoyant à l’homogène reporte le déclenchement de la fragmentation sur l’entourage, avec des contraintes spécifiques (CULIOLI, 1999b, p. 14).

nojo, entre outros, necessitam, para serem discretizados, de um gradiente que funciona como um ‘falso discretizador’”. Seja o exemplo: “A *felicidade* dela não tinha limites”.

A Figura 15 demonstra a representação dos nomes *compactos* no domínio nocional, que se identifica com o centro *atrator*, justificando-se assim o seu caráter intrinsecamente qualitativo das ocorrências.

Figura 15 - Representação dos nomes *compactos* no domínio nocional



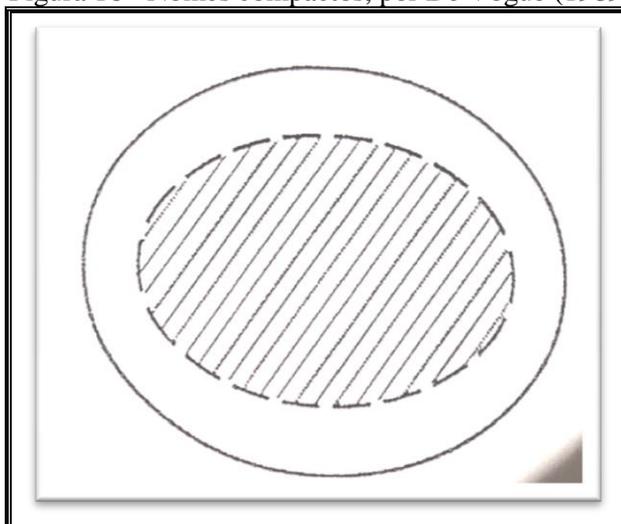
Fonte: De Vogüé (1989, p. 21).

4.1.3. O nome denso

O denso corresponde a um caso misto, intermediário e instável. Nem QNT nem QLT são preponderantes. Não existe forma tipo que se estabilize. Nesse caso, QNT corresponde a formas recorrentes. A operação de recorrência é realizada por uma quantidade não definível, independente desta operação.⁴² Ele não tem um formato intrínseco que lhe permita uma estabilização, sendo um nominal instável, e recorre a um suporte para que seja possível sua enumeração. Vejamos, na Figura 16, como se apresentam os nomes compactos por De Vogüé (1989):

⁴² Le **dense** correspnd à un mixte, um cas intermédiaire et instable. Ni QNT, ni QLT ne sont prépondérants. Il n’y a pas de forme type qui stabilise. Dans ce cas, QNT correspond à des formes de prélèvement. L’opération de prélèvement s’effectue par une quantité non définissable indépendamment de cette opération (CULIOLI, 1999b, p. 14).

Figura 16 - Nomes compactos, por De Vogüé (1989)



Fonte: De Vogüé (1989, p. 20).

Verifiquemos a predominância de QNT com nomes discretos, com os nomes densos, a indiferença de predominância dos operadores QNT e QLT e com os nomes compactos, quando a ocorrência da noção é exclusiva QLT. Discreto é contável; suas propriedades são inerentes. Ex: cão; Denso não contável (água) – marcador extrínseco (está fora) 1 copo de água – contável (porção, uma garrafa) e Compacto – ele não está no contável ou no incontável – Eu tenho uma noção (suporte) – se dá uma propriedade. Ex: Maria é bonita (qualifico Maria e não estou falando de Maria) (contável ou incontável). Há um conjunto de marcas que vão identificar os textos: Narração: discreto/compacto; descrição: compacto; dissertação: não se fecha, muito provável (mais denso).

Quadro 3 - Categorias para quantificação e qualificação

Discreto	quantificação (+)	mas há quantificação
Denso	qualificação (+)	mas há qualificação
Compacto	nem qualificação	nem quantificação, tem as duas coisas. Ex: Maria é bonita.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos do exposto, no discreto: QNT tem afinidade com o tipo. Trata-se de uma maneira de construir uma ocorrência de forma que delimite uma parte do espaço-tempo. Ex: Aqui está um; no compacto: é fundamental a construção de um gradiente, estabilidade vem do atrator, a única singularização possível é de ordem do QLT. Não há fragmentação de uma porção do espaço-tempo. Ex: Eu experimentei uma impressão de calma. Ele tem a paciência de um anjo; no denso: nem QNT e nem QLT são dominantes. Não há forma padrão que se estabilize. Ex: bebi leite. Apreendemos de tudo aqui apresentado pela operação determinação

QNT e QLT, que não podemos considerar a tripartição das classes nominais, como uma maneira fixa de uma estrutura pré-estabelecida, que não podem sofrer transformações; as unidades linguísticas dependem do seu funcionamento nos enunciados. Daí a importância da TOPE em designar o seu objeto de estudo, o enunciado, e tomando o cuidado de olhar para as noções como uma propriedade essencial da atividade simbólica, na qual o trabalho de ajuste intersubjetivo que supõe estabilidade e deformabilidade, jamais as coincidindo com unidades lexicais. O que destacaremos, de acordo com nossos objetivos, é que os determinantes também são permitidos com nominais densos. Só a formatação extrínseca (temporal e espacialmente pertinente) poderá delimitar a ocorrência, atribuindo-lhe uma qualidade quantificável. Por meio de um *discretizador*: “**Um quilo** de arroz”, “**Um copo** de água” e “**Uma fatia** de bolo”.

A atribuição de um valor referencial ao enunciado se dá no processo de produção e reconhecimento de formas, o que implica a atividade de linguagem em si, isto é, a análise dos textos próprios a cada língua de acordo com as configurações específicas. Um princípio geral de variação relacionada à questão da referência é o modo pelo qual se articulam QNT e QLT e que envolve operações de determinação das quais sua distribuição ocorre dentro de um domínio nocional. Sobre a tripartição das classes nominais, verifica-se existir predominância de quantificação QNT com nomes discretos, indiferença de predominância dos operadores de QNT e QLT com nomes densos. Quando a ocorrência é exclusivamente QLT são os nomes compactos.

Romero apresenta alguns exemplos. Destacamos estes para demonstrar como há um jogo de determinação QNT e QLT nos enunciados:

a) Acheque-se, meu **chocolate** (configuração QLT, instânciação QLT) *compact*; b) Um **chocolate**, por favor (configuração QNT, instânciação QNT) discreto; c) Odeio **chocolate** (configuração QLT, instânciação QNT) DENSO. Em “a)” atribui-se uma qualidade a um suporte que não possui nenhuma autonomia face a tal qualidade; b) tem-se um indivíduo (uma barra); c) não se tem mais um formato determinando um conjunto de qualidade. Romero demonstrou também as unidades linguísticas do campo verbal, considerando a sequência “Ele bebeu”, com destaque a verbalização: a) Que **ele já bebeu** muito quando era jovem, quem vai negar? Mas, te juro, hoje ele não bebe mais. COMPACTO= QLT “Ele é o suporte da propriedade”; <SER BEBUM> QLT; b) Pronto, **ele bebeu**. DISCRETO QNT; O que se tinha para beber foi bebido <BEBÍVEL>; c) Ontem **ele bebeu**, dançou, enfim, se divertiu como nunca. DENSO = QLT e QNT; o que importa aqui é que durante um determinado tempo, no tempo definido por ontem, ele realmente bebeu. No compacto, não se trata de localizar a

noção, pois não há indivíduo: ao suporte é atribuída uma QLT; no denso, as QLT da noção são verificadas por meio de um indivíduo, que apresenta todas as QLT da noção instanciada, agindo como mero localizador; no discreto, um indivíduo localiza a noção, valida o formato.

Na nossa pesquisa de doutorado, estamos analisando a determinação QNT e QLT da noção de *definição-indefinição* das classes “artigo definido e indefinido e dos pronomes indefinidos”, em contos fantásticos. Para Culioli (1990), a linguística não tem uma precisão no que se refere a uma definição de determinação, em razão da inexistência de uma explicitação satisfatória das operações que regem essa categoria. Apresentaremos no capítulo a seguir os caminhos “o como?” que são os aspectos da metodologia utilizados, segundo a TOPE, as informações sobre o *corpus*, o contexto da pesquisa e as análises do conto “Uma casa” a partir do “dado” que definimos como problemática, na busca de soluções e de fundamentos para a elaboração desta Tese, com objetivo ou finalidade no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

5 ANÁLISE DA NOÇÃO DA *DEFINIÇÃO/INDEFINIÇÃO* NO EXERCÍCIO DO ENSINO LÉXICO-GRAMATICAL

Neste artigo andamos pelos labirintos que nos levam à discussão entre linguística e lógica acerca dos enunciados que contenham indefinidos, porém não chegamos a um fim. Pudemos ver que nem sempre é a morfologia que nos fornece ajuda para decidir se um indefinido está sendo considerado pelo viés enunciativo ou existencial.

Mollina e Cumpri

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, com suas respectivas etapas, em que analisamos as marcas de definição e indefinição presentes em contos fantásticos, segundo a abordagem tradicional, e, em seguida, a análise conforme os fundamentos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas - TOPE.

5.1 Procedimentos metodológicos

Se pensarmos no encaminhamento dos livros didáticos atuais, eles não pedem predominantemente a identificação de formas categóricas em um texto.

Buscamos os procedimentos metodológicos visando contemplar o objetivo proposto desta Tese, que é analisar as noções de *indefinição* veiculadas por marcas linguísticas presentes no conto fantástico. Essa noção de indefinição é característica das classes de palavras identificadas na gramática como *Artigo indefinido* ou *Pronome indefinido*, segundo as classes morfológicas, e em nível sintático como *Adjunto adnominal*. O foco principal aqui são as relações léxico-gramaticais, seus valores referenciais que se constituem por meio das ocorrências dos artigos e pronomes indefinidos no texto.

Os contos fantásticos selecionados foram “Uma casa”, de Moacyr Scliar,⁴³ e o conto “O Espelho”, de Machado de Assis⁴⁴, seguindo os critérios de leitura no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, respectivamente, de acordo com as indicações curriculares para o ensino (Os contos completos seguem anexos).

⁴³ MOACYR SCLIAR foi colunista de jornais, escritor de textos adaptados para cinema, teatro, TV e rádio, inclusive no exterior. Em 2003, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em Porto Alegre em 1937 e faleceu em 27 de fevereiro de 2011.

⁴⁴ MACHADO DE ASSIS foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras.

Optamos por demonstrar duas análises. Fizemos a primeira análise segundo a *abordagem tradicional* que ainda se encontra na identificação e classificação das classes de palavras e função sintática do termo em nível de língua.

Na sequência, realizamos a análise de como se apresentam as marcas da noção de *definição/indefinição* dos contos em análises linguísticas léxico-gramaticais, com base na TOPE, concepção enunciativa em que tomamos por base as atividades propostas por Culioli, uma vez que, por esse caminho, é possível explorar as atividades epilinguísticas (ou diálogo interno que dá forma à linguagem), linguísticas e metalinguísticas.

Com efeito, realizamos a reflexão sobre as marcas gramaticais que veiculam a noção de *definição/indefinição* no conto fantástico “Uma casa”. Observamos a heterogeneidade semântica das marcas, evitando etiquetá-las como valores preestabelecidos, e analisamos como esses valores são construídos em atividade epilinguística, em manipulação.

A noção de *definição/indefinição* é a problemática central desta Tese, tendo em vista que envolve questões léxico-gramaticais, que, a nosso ver, são desconsideradas no âmbito de estudos linguísticos e no próprio ensino. As análises dos dados foram realizadas por meio da abordagem qualitativa de pesquisa. Observamos como a marca desencadeou uma série de mecanismos enunciativos no texto de apoio, em questão, o conto fantástico, que nos fez refletir como essa marca é importante para a construção textual e compreensão do texto, imprimindo suas características específicas. No ensino de gramática, a marca é identificada em uma classificação morfológica, em nível de classes de palavras e sintático como termo acessório, que pode ser retirado do texto sem importância. No nosso estudo, a noção de indefinição, de acordo com a TOPE, torna-se relevante para a interpretação de texto. A linguagem é vista como representação, referenciação e regulação dos mecanismos enunciativos. As análises são pautadas na perspectiva da enunciação em que temos a preocupação em explicar o processo de produção e reconhecimento dos enunciados como marcas de *definição/indefinição* na interação textual que envolve o sujeito enunciador e o sujeito coenunciador. Nesse ato de construção de enunciação está presente o que define Culioli como Sit (Situação de enunciação) em relações que marcam articulação com as categorias de tempo e de espaço e o léxico, constituindo o sistema de relações que envolvem o conceito de noção, de domínio nocional e as operações predicativas e enunciativas que Culioli chamou de operação de *repérage*.

A análise sob a perspectiva da TOPE se pauta pelas relações das *operações primitivas, predicativas e enunciativas*⁴⁵ responsáveis, respectivamente, pelas relações semânticas, de ordenação sintática e de mecanismos enunciativos. Para um efeito metodológico, apresentamos, como no exemplo, as tais relações a partir do título do texto conto fantástico “*Uma casa*”. Segue:

1. *Relação Primitiva* - diz respeito às noções semânticas em relação, observadas a partir das relações parafrásticas.

Em *Uma casa*, são estabelecidas as seguintes relações:

(X) ser casa < (casa) ser uma / certa casa / uma certa casa / uma casa qualquer /alguma casa;

2. *Relação Predicativa* – diz respeito à ordenação entre os termos em relação. Em **Uma casa** há seguinte ordenação:

(casa) ser (uma) < (Uma casa);

3. *Relação Enunciativa* - refere-se às marcas enunciativas de determinação de quantificação (QNT) e qualificação (QLT), de modalização, de Tempo – (T) e de Espaço – (E) instauradas a partir de uma situação de enunciação.

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ Uma casa; T₀ (), E₀ ()

Dadas as relações em (1), (2) e (3), em que se tem <casa> ser <uma>, têm-se <uma> com valor referencial de definição quanto às marcas de Qualificação/Quantificação, e de modalização assertivas e de indefinição quanto às marcas T e E, uma vez que se instauram as marcas, de T e de E, como 0.

A quantificação não remete à quantificação lógica. Pode ocorrer por meio das operações de *extração* que consistem em extrair do conjunto das ocorrências de casa que formam o domínio nocional da noção uma ocorrência específica, do conjunto de casa **há uma casa**. “Uma casa” em que o artigo indefinido “uma” é uma extração da classe de casa com valores de não especificações; não há marcas para definir que casa seria esta, ou seja, a noção de <ser CASA> trata-se de uma noção de cunho com valor QLT, topologicamente concebido como um **domínio** de propriedades. E a ocorrência da noção por instanciá-la é o QNT. À unidade linguística “casa” é apresentada no texto a noção <ser CASA>, pois é justamente a

⁴⁵ Os fundamentos dessas operações estão presentes no Capítulo 4 desta Tese.

figura nocional que diz esse entrelaçar ao ser definido como uma determinada configuração QNT/QLT.

Observando o título do conto fantástico a partir do nominal discreto “casa”, o sujeito enunciador teria várias possibilidades de escolhas de determinantes para acompanhar a formulação do enunciado conforme foi parafraseado linguisticamente, a seguir, como uma atividade de linguagem: uma casa, casa, a casa, uma certa casa.

A escolha enunciativa do sujeito enunciador foi “Uma casa”. Aqui o artigo indefinido faz uma extração da noção <ser CASA>. Dessa extração existe a marca de existência de uma casa a partir dessa enunciação. O valor do “uma” aqui está na generalização da noção <ser casa>.

Esse exercício de (re)construção parafrástica objetiva demonstrar, em espelhamento, as atividades epilinguísticas, linguísticas e metalinguísticas percorridas pelos sujeitos enunciadores no processo de produção e interpretação de texto. É desse lugar que reconhecemos as relações léxico-gramaticais instauradas.

5.2 Análise na perspectiva da abordagem tradicional

Na maioria das vezes, na abordagem tradicional, após a leitura do texto, geralmente, é solicitado aos alunos do ensino de língua materna que comentem um pouco o que entenderam sobre o texto lido, e, imediatamente, pede-se a identificação de formas categóricas, conforme objetivos linguísticos referentes aos aspectos morfológicos ou sintáticos das classes em destaques. Para efeito didático, dividiremos o conto fantástico “Uma casa”, de Moacyr Scliar, em sequências de enunciados e demonstraremos como as classes de artigos definidos/indefinidos e pronomes indefinidos são identificadas e classificadas em uma análise morfossintática de acordo com a abordagem da tradição. Vejamos:

(1) Uma casa (título)

No título, de acordo com a análise morfológica, temos que “Uma” se classifica como artigo indefinido “Uma casa”. “Uma” é um determinante seguido de nominal casa, que indetermina que casa é essa, isto é, indica uma casa não conhecida. Na análise sintática, “Uma” é um termo acessório⁴⁶ com função de adjunto adnominal.⁴⁷

⁴⁶ Termos acessórios, segundo a NGB são os termos nos quais não são essenciais, no entanto, auxiliam no acréscimo de informação.

⁴⁷ O adjunto adnominal é o termo que determina ou caracteriza um substantivo, independente da função que exerce na oração. Normalmente é representado por artigo, um pronome adjetivo, um numeral, um adjetivo ou locução adjetiva ou uma oração em função adjetiva (MESQUITA, 2007, p. 499).

(2) ***Um homem*** ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu ***um ataque*** de angina de peito.

Há no enunciado duas ocorrências de artigo indefinido, “um homem” e “um ataque”. No primeiro caso citado, o artigo indefinido indetermina com uma força generalizadora. De acordo com Cunha e Cintra (2013, p. 252), “o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie”. No outro emprego, o artigo indefinido, como bem definido pelos gramáticos Cunha e Cintra (2013, p. 251), “provém do numeral latino *unus, una, unum*, que exprime a unicidade. Esse valor numeral no emprego das formas do singular (um, uma)”. O que os gramáticos afirmam é que o artigo apresenta o *ser* ou o *objeto* expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

(03) *Mas, então, vê **o** homem sua vida extinguir-se. Lavando-se, observa **a** água escoar-se pelo ralo da pia: “É assim”. Enxuga **o** rosto, penteia-se com cuidado. “Ao menos **uma** casa.” **Qualquer** coisa: **um** chalé, **um** apartamento minúsculo, **um** porão que seja. Mas morrer **em casa**. No seu lar.*

Nestes trechos está presente o artigo definido: “vê **o** homem”; “observa **a** água escoar-se pelo ralo da pia”, como assevera Bechara (2002, p. 153). Para o autor, “chama-se *artigo definido* ou simplesmente artigo ***o, a, os, as*** que se antepõe a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos”. Em “Ao menos **uma** casa.” **Qualquer** coisa: **um** chalé, **um** apartamento minúsculo, **um** porão que seja”, segundo ainda Bechara (2002, p. 153), “os artigos indefinidos ***um, uns, uma, umas*** se assemelham aos definidos pela mera circunstância de funcionarem como adjunto de substantivo, mas diferem pela origem, tonicidade, comportamento de discurso, valor semântico e papéis gramaticais”. E há, ainda, os indefinidos representam emprego de generalização do numeral “um”. ***Qualquer*** tem por vezes, segundo a gramática normativa, sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido. A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa; também os indefinidos *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal. No enunciado do tipo “Mas morrer **em casa**”, a Gramática Tradicional não considera a marca zero do determinante “na=em +a” “na casa”.

Nos enunciados a seguir, todos são marcados pelo **artigo definido**.

1. Mas, então, vê ***o homem*** sua vida extinguir-se.

2. **O homem** olha perplexo. Não sabe escolher.
3. **O homem** sorri. Assina os papéis, pega a chave, toma nota do endereço e sai.
4. **O homem** conversa com um deles, acerta a mudança (um deles=carroceiros)
5. **O homem** viaja quieto.
6. **O homem** cochila: e tem sonhos, visões ou lembranças: antigas canções; a mãe chamando-o para tomar café; a sineta do colégio.
7. __ É aqui __ diz o carroceiro. **O homem** olha: é a mesma casa da fotografia.
8. **O homem** leva suas coisas para dentro, fecha a porta e dá duas voltas à chave.
9. Desconcertado, **o homem** insiste.
10. Desnortado, **o homem** resolve subir ao andar de cima para, de lá, situar-se melhor.
11. _ pensa **o homem**.
12. conclui **o homem**.
13. **O homem** começa tirando o sobretudo.

Os treze enunciados foram destacados porque são antecidos pelo artigo definido, que, segundo a abordagem tradicional, sempre limita a noção expressa pelo substantivo. Do que observamos dessas análises, verificamos que há uma diferença entre os conceitos gramaticais e o que realmente é produzido pelos enunciadores. Faltou uma articulação léxico-gramatical. Esse tipo de análise está relacionado aos aspectos do sistema de língua em uma visão estática sem preocupação com a função da linguagem.

Nos enunciados a seguir, estão os marcados pelas noções de indefinição que são as classes dos **pronomes indefinidos**:⁴⁸

- (1) *O homem se impressionou muito, coisa que não acontecia há longo tempo. Sua existência era tranquila. Estava aposentado; levantava-se, lia o jornal (apenas a seção de curiosidades e passatempos); ia para a Praça da Alfândega, conversava com os amigos, engraxava os sapatos. Almoçava, dormia um pouco, e, à tarde, ouvia rádio. À noite olhava televisão. **Todas estas coisas** embalavam suavemente seu espírito, sem mobilizá-lo em excesso. Órfão e solteiro, não tinha maiores cuidados; vivia num quarto de pensão e a senhoria __ boa mulher __ velava por tudo.*

Os pronomes indefinidos “todas”, de acordo com a Gramática, são totalizadores sintaticamente com a função de pronomes substantivos.

- (2) *O carroceiro leva **algum** tempo para ajeitar a bagagem.*

⁴⁸ Para esta análise, acrescentamos os enunciados do conto fantástico “O Espelho”, de Machado de Assis (Anexo segue o conto completo).

O pronome indefinido *algum* indica, de modo indeterminado, o substantivo *tempo* designando como indeterminado com função sintática de adjunto ou pronome adjetivo.

Na abordagem normativa, como já apresentamos, aplicam-se as regras de uma variedade padrão da língua. A gramática também dita como tradicional a que funciona como modelo quando temos a língua escrita. Assim, excluem de sua consideração todos os fatos que divergem da norma padrão, ou seja, não aceita ou considera qualquer tipo de variação linguística.

Essa análise da abordagem tradicional forma um quadro teórico (Quadro 4) que tentaremos apresentar de forma sintética.

Quadro 4 - Níveis morfológico e sintático dos artigos e pronomes indefinidos

MARCAS DE INDEFINIÇÃO	NÍVEL MORFOLÓGICO PODE ASSUMIR OS VALORES:	NÍVEL SINTÁTICO
Artigos definidos (o,a (s))	1) Unicidade 2) Identificação 3) Anafórico 4) Descritivo 5) Genérico 6) Marcador de totalidade de uma classe 7) Marcador de uma quantidade ou de uma qualidade de uma entidade específica Ex: a casa	ADJUNTO ADNOMINAL
Artigos indefinidos (um (a) (s))	1) <i>Especificidade</i> 2) <i>Não-especificidade</i> 3) <i>Genericidade</i> 4) <i>Numeral</i> 5) <i>Individualizante</i> Ex: uma casa	ADJUNTO ADNOMINAL
Pronomes indefinidos	São aqueles que apresentam, de um modo vago, os seres em terceira pessoa (ex.: alguém falou; qualquer lugar; certas questões...). O indefinido <i>algum</i> , quando posposto ao nome, assume valor negativo, equivalendo a nenhum. <i>Todo e toda</i> (no singular), quando desacompanhados de artigo, significam qualquer.	FUNÇÕES SINTÁTICAS DISTINTAS

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar o Quadro 4, observamos que existe um grande número de valores construídos nas relações enunciativas com o emprego das marcas de definição-indefinição. Nas práticas dessa problemática que se preenchem por quadro teórico dos estudos linguísticos e lógicos, não encontramos nenhuma explicação satisfatória dessas operações de determinação.

Tais como os artigos, os pronomes indefinidos funcionam como determinantes, ou seja, apresentam, mesmo que indeterminadamente, um nome. Dessa forma, eles não admitem um artigo antecedendo a palavra a qual acompanham (ex.: a alguém falou; um alguém falou).

Os pronomes indefinidos podem exercer funções sintáticas distintas, por exemplo: “Alguém passou lá na casa”. O termo “alguém” se classifica morfológicamente como um pronome indefinido, pois não sabemos com precisão quem é a pessoa que passou na casa, ou seja, passou uma pessoa, mas não sabemos identificá-la. Na função sintática que desempenha na frase, concluímos que se trata de um sujeito.

5.3 Análise sob a perspectiva da TOPE

O objetivo, agora, será uma análise dos observáveis. O nosso olhar será para o enunciado, levando-se em consideração o exercício da atividade linguística como jogo das construções dos artigos definido (o, a); indefinidos (um, uma) e pronomes indefinidos, observando a questão da indefinição como mecanismos para construção do texto (o conto fantástico, “Uma casa”, de Moacyr Scliar e “O Espelho”, de Machado de Assis).

Nesta análise nos delimitaremos na questão: qual o papel dos artigos definidos e indefinidos e dos pronomes indefinidos como operações de determinação para as construções dos valores referenciais? Partiremos de duas noções <ser CASA> e <ser HOMEM> presente em todo o conto, cada noção tem suas propriedades socio-psico-culturais para os enunciadores e as operações que irão sendo traçadas ao longo da narrativa.

5.3.1 A noção <ser CASA>

Uma casa

Um homem ainda não tinha comprado **sua casa** quando sofreu **um ataque** de angina de peito.

Nosso olhar agora será para as relações primitivas, predicativas e enunciativas,⁴⁹ sempre observando as marcas de determinação QNT e QLT, que não podemos considerar a tripartição das classes nominais como a maneira fixa de uma estrutura pré-estabelecida, que não podem sofrer transformações, pois as unidades linguísticas dependem do seu funcionamento nos enunciados e que, portanto, tentaremos demonstrar por meio desta análise.

⁴⁹ É importante considerar a representação que fizemos dessas relações, pois visa simular o possível exercício de leitura desenvolvida pelos enunciadores. Procuramos, assim, percorrer as operações linguísticas cognitivas aí envolvidas.

Daí a importância da TOPE em designar o seu objeto de estudo, o enunciado, além de tomar o cuidado em analisar as noções como uma propriedade essencial da atividade simbólica, na qual o trabalho de ajuste intersubjetivo supõe estabilidade e deformabilidade, jamais coincidindo com unidades lexicais.

A noção <ser CASA> no conto trata-se de uma construção marcada pelos determinantes em várias situações contextuais. Agora, vamos analisar tais ocorrências com a noção de <ser CASA⁵⁰> na construção da narrativa do conto fantástico, dentre elas destacamos os enunciados a seguir:

- (3) *Um homem ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito.*
- (4) *“Ao menos uma casa.” Qualquer coisa: um chalé, um apartamento minúsculo, um porão que seja. Mas morrer em casa. No seu lar.”*
- (5) *Há uma casa com ar-condicionado, mas será que ele viverá até o verão?*
- (6) *: “A casa mesmo está quase caindo.”*
- (7) *“Vai mudar-se para a sua casa”,*
- (8) *“O homem olha: é a mesma casa que via na fotografia.”*
- (9) *“venha tomar um café na minha casa.”*

No enunciado (1) “*Um homem ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito.*” Observemos:

Em **sua casa**, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação Primitiva

(X) ser (casa), (casa) ser (a casa/uma casa)

(a casa/ uma casa/ ser (sua), sua casa / casa do homem, ser sua casa / a própria casa / a casa dele /)

2. Relação Predicativa

(um homem) não ainda tinha comprado (sua casa) posição **não tematizada**.

2

r

⁵⁰ Análise proposta toma o enunciado em que se tem a ocorrência de casa considerando o seu contexto e cotexto. Assim, analisamos as relações estabelecidas com a noção casa.

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ sua casa; T₁ , E₁

S₁ < sua casa> a casa do homem S₂ <a casa>

T₁ imperfectivo <ainda não tinha comprado>

Perfectivo <quando teve um ataque>

E₁ = Espaço (do homem/ da casa)

Modalização = asserção, possibilidade

Dadas as relações (1), (2) e (3), tem-se <sua casa> com valor referencial *não estabilizado* quanto às noções de *definição/indefinição*, tendo em vista que se estabelece uma possibilidade quanto a <uma casa> ser <a casa do homem>, <a casa a ser comprada pelo homem>. Essa noção de não estabilização das noções de *definição/indefinição* pode ser vista pelas possibilidades parafrásticas demonstradas acima, não tem lugar em uma perspectiva gramatical que considere as classes morfológicas e as funções sintáticas desassociadas dos mecanismos enunciativos.

No enunciado (2) “**Ao menos uma casa.**” *Qualquer coisa: um chalé, um apartamento minúsculo, um porão que seja. **Mas morrer em casa.** No seu lar.*

Em *Ao menos uma casa* e *mas morrer em casa*, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação Primitiva

(X) haver casa, (casa) haver ao menos uma/ uma casa qualquer;

(X) haver uma casa qualquer/ (uma casa qualquer) em que morrer;

(X) morrer em uma casa, (uma casa) que ser a casa, (a casa) que ser sua para morrer.

2. Relação Predicativa

Ao menos **uma casa** < **uma casa qualquer** < desde que seja < **uma casa do tipo casa para morrer** < casa está aqui **tematizada**;

3. Relação Enunciativa

“**Ao menos uma casa.**” *Qualquer coisa: um chalé, um apartamento minúsculo, um porão que seja. **Mas morrer em casa.** No seu lar.*

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ Uma casa; S₁ ≠ S₀ em a casa;

T₁ ≠ T₀ (que haja uma casa/ a casa que seja sua para morrer), não perfectivo/futuro)

E₁ ≠ E₀ (a casa como o lar do homem/lugar que deseja morrer.)

Modalização= possibilidade, desejo.

Dadas as relações (1), (2) e (3), tem-se em <Ao menos uma casa> o emprego do artigo indefinido “uma” indicando uma noção **tipo** <uma casa que seja casa/ lar/ para morrer em>. Esse valor está modalizado pela ordem do possível. Assim, ao mesmo tempo, há uma **determinação qualitativa** do tipo <**casa que seja casa**>, tem-se uma **indeterminação quantitativa**, tendo em vista que a construção de <a casa> está marcada pela modalização da ordem do possível. O tipo <casa> passa pelas seguintes gradações de tipos possíveis de lar, como: “**um** chalé, **um** apartamento minúsculo, **um porão** que seja”. Todos determinados por “um” em extração das classes de chalé, de apartamento e de porão. Observamos que esse jogo de *definição/indefinição* difere do emprego anterior o enunciado (1), à medida que <uma casa>, <em casa>, nos contextos observados, apontam para a construção de uma noção tipo <casa>, modalizada na ordem do possível. Em síntese, <uma casa>, ainda que não seja <a casa>, mas que seja <casa>.

No enunciado (3), “**Há uma casa com ar-condicionado, mas será que ele viverá até o verão?**”

Em **uma casa com ar-condicionado**, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação Primitiva

<**Há uma casa com ar-condicionado**>

(X) haver casa < (uma casa especificada) haver uma certa casa / uma casa com ar-condicionado / existe uma casa com ar-condicionado.

2. Relação Predicativa

Há uma casa < *uma casa com* ar-condicionado >, *se morrer antes do verão?* <Uma casa para morrer não precisa de ar-condicionado>; <mas será que ele viverá até o verão? <casa aqui está aqui tematizada.

3. *Relação Enunciativa*

“*Há uma casa com* ar-condicionado, *mas será que ele viverá até o verão?*”

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ Uma casa;

T₀ ≠ T₁ < *Há uma casa com* ar-condicionado >/ *a casa que seja para morrer não precisa de* ar-condicionado.

T₁ não perfectivo futuro = <*mas será que ele viverá até o verão?*>

E₁ ≠ E₀ (casa como lar do homem/ casa para morrer não precisa de ar-condicionado).

Modalização: asserções afirmativa e interrogativa =questionamento =dúvida = possibilidade

Dadas as relações (1), (2) e (3), tem-se <uma casa com ar-condicionado> que junto com a modalização do “haver” como existência e da marca operacional “mas” estabelece no enunciado um julgamento de possibilidades no T₁ no futuro ‘será’ com a marca de delimitação “até o verão”, sugestão da possibilidade da morte do homem até esse tempo chegar na cronologia, essas são representações marcadas por um sentido estabelecido pelo contexto, pois se viver poderá utilizar o ar-condicionado no período do verão. Trata-se de uma interrogativa que se constrói sob a dúvida, incerteza da relação vida x morte do homem, sendo que a marca da negação gera a não necessidade da compra de uma casa com ar-condicionado, pois o homem poderá morrer.

(4) “**A casa mesmo** está quase caindo”.

Em *A Casa mesmo*, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. *Relação Primitiva*

(X) ser casa < (casa) ser a casa casa / a casa em si / a casa de fato/ casa propriamente/

2. *Relação Predicativa*

(casa) ser (a) <a casa mesmo> está quase caindo;

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ a casa mesmo; T₀ = T₁, E₀ ()

Modalização asserção afirmativa

Dadas as relações (1), (2) e (3), tem-se <**A casa mesmo** está quase caindo.> A casa está determinada pelo artigo definido “a” existindo uma flechagem; a predicação marca a existência da extração “Há uma casa” reforçada pela relação cotextual da marca ‘mesmo’ que demonstra <a casa ser a casa aquela>. Quanto ao T₁ há uma aspectualidade de continuação do estado físico da casa “caindo” e uma graduação do domínio nocional marcado por ‘quase’ que regula para o valor de menos, próximo, perto de cair. A casa é aquela, embora esteja caindo ou próxima a cair.

(5) “Vai mudar-se para **a sua casa**”.

Em, **a sua casa**, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação Primitiva

<**a sua casa**>

(X) ser casa < (casa) ser a casa/ a sua casa / casa dele / vai mudar-se para sua casa;

2. Relação Predicativa

<casa> ser <sua>; <sua casa> Ele (homem) vai mudar-se para a sua casa; O homem vai mudar para sua casa própria (a casa dele): O homem ele mesmo vai, irá para a sua casa.

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ sua casa; T₀ ≠ T₁, E₀ ()

Modalização possibilidade de auto grau (muito possível).

Dadas as relações (1), (2) e (3), <Vai mudar-se para **a sua casa**>, observamos a presença de dois determinantes antepostos ao nominal casa para descretizá-lo, o artigo estabelece a flechagem da existência de ‘há uma casa’ do conjunto de casas, o homem vai mudar para a sua casa e não qualquer casa, mas a própria casa, ainda determinada pela posse

<sua casa> que QLT com a propriedade de ser casa especificada e não generalizada. Modalizada ainda de incerteza de uma ação de ir realizar o ‘sonho ou desejo de possuir sua própria casa’, porque T_1 futuro, ainda estabelece uma modalização de possibilidades, provocando uma dúvida da realização desse ir.

(6) “O homem olha: é a mesma casa que via na fotografia.”

Em, *a mesma casa*, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação Primitiva

<*A mesma casa*>

(X) ser casa < (casa) ser a mesma / a casa / a casa igual / a casa idêntica / a casa semelhante ao que homem via na fotografia;

2. Relação Predicativa

(casa) ser (a mesma) <a mesma casa; *O homem olha: é a mesma casa que via na fotografia.*

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S_0 Eu; T_0 Agora; E_0 Aqui digo que <

Sit 1 ($S_1 \neq S_0$ a mesma casa; $T_0 \neq T_1$, $E_0 \neq E_1$

Modalização asserção

Dadas as relações (1), (2) e (3), <*O homem olha: é a mesma casa que via na fotografia*>. Podemos observar que os traços de operações dos mecanismos que determinam e indeterminam a noção de “ser casa” são deformidades ou invariâncias da linguagem e que são modeladas no jogo enunciativo: <*A casa mesma*> da relação <*A mesma casa*> e < a casa igual> da relação do desejo, que o homem tem de possuí-la < a sua casa> < em casa>. São as relações entre as unidades que vão se estabilizando no enunciado e construindo a significação. A invariância própria da linguagem consiste em um conjunto de relações entre os termos do enunciado que se mantém estáveis sob diferentes transformações.

T_0 <O homem olha: é...>

T_1 Imperfectivo <que via na fotografia>

Em < O homem olha> o determinante faz uma fechagem “Há um homem que olha...”

E_0 = uma casa é diferente E_1 = a casa, marca a relação que a casa indefinida agora é definida (a mesma casa da fotografia), foi localizada e identificada. Estabelecendo a operação de diferenciação.

(7) “venha tomar um café na minha casa.”

Em *Na minha casa*, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. *Relação Primitiva*

(X) ser casa < (casa) ser minha casa / na casa / a casa/ Venha tomar um café na minha casa;

2. *Relação Predicativa*

(casa) ser (minha) <minha casa;

3. *Relação Enunciativa*

Sit 0 (S_0 Eu; T_0 Agora; E_0 Aqui digo que <

Sit 1 ($S_1 \neq S_0$ na minha casa; T_0 (), $E_0 \neq E_1$

Modalização: asserção, possibilidade e desejo;

Dadas as relações (1), (2) e (3), <venha tomar um café na minha casa>, há na relação entre as operações dadas a relação enunciativa QNT e QLT, a quantidade foi determinada pelo termo preposição ‘na’ na perspectiva de lugar, ou seja, existe a casa e a qualificação foi determinada por minha, a posse de tê-la (O homem tem a casa dele), nesse sentido, a modalização de poder por possuir a casa leva a outra modalização enunciada pelo sujeito, o desejo de convidar ou a possibilidade de servir um café”. Em “um café” também existe uma extração dessa marca. O T_0 é um convite no presente <venha tomar>, quanto ao $E_0 \neq E_1$ pois é E_1 cria o valor referencial <na minha casa> diferente de <uma casa> sem determinação ou indefinição, ou seja, agora o E está identificado e definido.

Síntese

- a) <Uma casa> < Entre o conjunto de casa, há uma casa < **Extração** < +Quali, -Qnt < definido como Quali < Indefinido como Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço (0);
- b) <casa> < casa a ser sua < sua casa < possibilidade de uma casa definir-se como sua < **Flechagem** < **possibilidade de Flechagem** < +/-Quali, +/- Qnt <

- (in)definido como Quali, Qnt; Modal: possível; Tempo e Espaço (futuro-espço da casa que virá a ser)
- c) Ao menos <**uma casa**> < qualquer coisa que se qualifique como casa < uma casa, casa < **Tipo** < possibilidade de adquirir uma casa < **possibilidade de Tipo** < +/- Quali, +/- Qnt < (in)definido como Quali, Qnt; Modal: possível; Tempo e Espaço (futuro-espço da casa que virá a ser)
- d) Mas morrer em <**casa**> < casa que se qualifica como lar < **Tipo** < casa que se define como um lar p poder morrer < **possibilidade de Tipo**; +/-Quali, +/- Qnt, (in)definido como Quali, Qnt; Modal: possível; Tempo e Espaço (futuro-espço da casa p poder morrer)
- e) Há <**uma casa**> com ar-condicionado < Entre o conjunto de casa, há uma casa < **Extração** < +Quali, -Qnt < definido como Quali, Indefinido como Qnt < **uma casa com ar-condicionado** < **Flechagem** < +Quali, +Qnt, definido como Quali, definido como Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço (presente-espço da casa)
- f) <**A casa**>, mesmo está quase caindo. < casa que se qualifica e quantifica como aquela que está quase caindo < **Flechagem** < +Quali, +Qnt, definido como Quali, definido como Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço: (presente-espço da casa)
- g) A tarde vem caindo e o homem move-se entre as pessoas, bem contente. Vai mudar-se para sua <**casa**> < casa que ser sua < sua casa < **Flechagem** < +Quali, +Qnt < definido como Quali, Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço: (presente-espço da casa)
- h) O homem olha: é <**a mesma casa**> < a casa que via na fotografia < a casa que se qualifica e quantifica como aquela que via na fotografia < **Flechagem** < +Quali, +Qnt, definido como Quali, definido como Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço: (presente-espço da casa).

Num impulso, agarra a mão do carroceiro, agradece, deseja-lhe felicidades. Tem mesmo vontade de convidá-lo a entrar: venha tomar um chá em <minha <**casa**> < casa que se qualifica e quantifica como minha < **Flechagem** < +Quali, +Qnt, definido como Quali, definido como Qnt;

Das ocorrências observadas, é possível verificar que as marcas <a>, <uma> e <Zero>, dependendo do contexto/cotexto em que ocorrem, assumem valores referenciais diversos, mais ou menos estabilizados, tais como:

1. <uma>: extração, flechagem, tipo, valores + ou - estabilizados;
2. <zero>: flechagem; tipo, valores + ou – estabilizados;
3. <a>: flechagem.

Como nossas análises não foram exaustivas, não levantamos todos os valores possíveis desses marcadores. O nosso objetivo, por meio das nossas análises, foi demonstrar que não podemos atribuir valores determinados para os marcadores, a exemplo dos modelos prescritivos ou descritivos.

5.3.2 A noção <ser HOMEM>

O conto “Uma casa”, de Moacyr Scliar inicia-se com a noção <ser HOMEM> que gostaríamos de refletir ou discutir, segue a análise, por ser recorrente na narrativa do conto:

< ser HOMEM>

“Um homem ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito.”

Em **um homem** estão estabelecidas as seguintes relações:

1. *Relação Primitiva* – noções semânticas em relação, relações parafrásticas

Um homem

(X) ser homem < (homem) ser um / aquele homem / uma certa casa / um homem qualquer /alguma homem;

2. *Relação Predicativa* – ordenação entre os termos/ tema

(homem) ser (um) <Um homem;

3. *Relação Enunciativa* – marcas enunciativas de determinação QNT e QLT, modalização, Tempo – (T) e Espaço – (E).

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ Uma casa; T₀ (), E₀ ()

Para a TOPE, trata-se da extração de uma ocorrência da noção homem. De um lado, homem que tem sua casa e de outro lado homem que não tem casa, vejamos a seguir:

1. **Um homem** ainda *não* tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito.

Em “um homem” há uma operação de extração e em “o homem” há uma operação de flechagem, pois, anteriormente, já houve a existência de um homem. O conto inicia com “**um homem**” **indefinido** (não se sabe nada dele) no decorrer da narrativa foram construídos valores referenciais para sua identificação. Observemos a construção do conto com a repetição bem marcada do artigo definido em toda narrativa:

2. Mas, então, vê *o homem* sua vida extinguir-se.
3. *O homem* olha perplexo. Não sabe escolher.
4. *O homem* sorri. Assina os papéis, pega a chave, toma nota do endereço e sai.
5. *O homem* conversa com um deles, acerta a mudança (um deles=carroceiros).
6. *O homem* viaja quieto.
7. *O homem* cochila: e tem sonhos, visões ou lembranças: antigas canções; a mãe chamando-o para tomar café; a sineta do colégio.
8. __ É aqui __ diz o carroceiro. *O homem* olha: é a mesma casa da fotografia.
9. *O homem* leva suas coisas para dentro, fecha a porta e dá duas voltas à chave.
10. Desconcertado, *o homem* insiste.
11. Desnortado, *o homem* resolve subir ao andar de cima para, de lá, situar-se melhor.
12. _ pensa *o homem*.
13. conclui *o homem*.
14. *O homem* começa tirando o sobretudo.

Há várias ocorrências que estão sendo identificadas como ocorrências idênticas a uma ocorrência “**Um homem** ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito” que constroem valores referenciais; essas repetições do determinante “o” nas construções textuais foi uma escolha do autor, pois marca no texto narrativo as relações entre

os artigos “o” e “um” como determinantes que vão QNT e QLT os nominais em seus cotextos enunciativos, conforme mostra o Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 - Determinação do artigo definido

<i>O homem</i>	Vê
<i>O homem</i>	Olha
<i>O homem</i>	Sorri
<i>O homem</i>	Conversa
<i>O homem</i>	Viaja
<i>O homem</i>	Cochila
<i>O homem</i>	Leva
<i>O homem</i>	Insiste
<i>O homem</i>	Resolve subir
<i>O homem</i>	Pensa
<i>O homem</i>	Conclui
<i>O homem</i>	Começa tirando o sobretudo

Fonte: Elaborado pela autora.

Em todos os enunciados, podemos observar que o verbo assume um valor, tornando possível a presença de um nome discreto, ‘homem’, responsável pelas ações (sorrir, olhar, conversar, viajar cochilar, levar etc.).

É possível que a presença do *artigo indefinido* no início e o uso do *artigo definido* ao longo do texto sejam uma forma de indeterminação ou indefinição dessa personagem que não tem nome próprio. Essa presença do artigo indefinido logo no início como também no título do conto “Uma casa” resulta de operações enunciativas que servem de mecanismos para a construção da tematização do conto fantástico.

Há sempre uma operação de localização *pré-construída* marcada pelo artigo definido, provocando uma indefinição desse homem em um jogo enunciativo da narrativa do conto.

A presença do artigo definido ao longo da narrativa ‘o homem’ identifica a totalidade do homem que vivia uma vida tranquila até sofrer um ataque de angina de peito, sem preocupações em ter uma casa para morrer. A presença do **artigo definido** marca **operação de diferenciação e identificação**. Uma operação de identificação com caracterização qualitativa abre a possibilidade para uma operação de diferenciação em que “homem com casa” se opõe a “homem sem casa”; de um lado, temos uma ocorrência linguística na qual se dá a atribuição de uma propriedade a “homem” no qual resulta “homem saudável”; do outro, temos ocorrências metalinguísticas abstratas apresentando propriedades diferentes de homem como “homem doente” “fraco” “solitário”. Isso ocorre em função do centro organizador de

um domínio nocional **p** que envolve propriedades capazes de estabelecerem relações de alteridade entre as ocorrências dessa noção.

Dando continuidade às análises, observamos o exemplo seguinte:

1) **O homem** se impressionou muito, coisa que não acontecia há longo tempo.

O artigo definido marca uma operação de flechagem anafórica implícita – “Há um homem” – que foi especificada no início do conto, pois dentre o conjunto de homens foi ‘um homem’ que sofreu um ataque de angina de peito, que ao mesmo tempo está QNT e QLT. A marca de aspectualidade pontual com o artigo definido ao nominal ‘O homem se impressionou’ tem na noção traços de propriedade de ser mortal, construindo valores referenciais de particularidade, a marca ‘muito’ estabelece um alto grau desta noção.

Vamos analisar como a relativa restritiva por meio das operações de determinação apresenta-se no enunciado, haja vista que a gramática normativa tem sempre uma visão estática na construção das relativas. Então, tomemos o exemplo e vamos parafrasear por:

O homem se impressionou muito, coisa que não acontecia há longo tempo.

O homem não se impressionou muito, coisa que acontecia há longo tempo.

Há alguns homens que se impressionam.

Há outros homens que não se impressionam.

A noção da predicação () ser homem e () não ser *homem* efetua a construção sobre a classe, ou seja, uma parte dos homens – aqueles que são – se impressionam e constituem uma subclasse. O objeto linguístico *o homem* não está construído. É por meio da atribuição de uma série de propriedades que vamos construí-lo e será construído por meio da atribuição das propriedades que são selecionadas no processo. Temos como resultado as marcas de quantificação (classe e subclasses). Entretanto, neste contexto linguístico, a noção <ser HOMEM> é um conjunto de propriedades definidas em um universo cultural dado pela enunciação.

5.4 As marcas das noções de indefinição com pronomes indefinidos

Para estas análises, selecionamos enunciados de dois contos “Uma casa”, de Moacyr Scliar e “O espelho”, de Machado de Assis,⁵¹ vejamos:

⁵¹ Por razões metodológicas, os enunciados serão identificados com as iniciais de seus respectivos autores, por exemplo: (M. A.) = Moacyr Scliar e (M. A.) = Machado de Assis.

(1) *O homem se impressionou muito, coisa que não acontecia há longo tempo. Sua existência era tranquila. Estava aposentado; levantava-se, lia o jornal (apenas a seção de curiosidades e passatempos); ia para a Praça da Alfândega, conversava com os amigos, engraxava os sapatos. Almoçava, dormia um pouco, e, à tarde, ouvia rádio. À noite olhava televisão. **Todas estas coisas** embalavam suavemente seu espírito, sem mobilizá-lo em excesso. Órfão e solteiro, não tinha maiores cuidados; vivia num quarto de pensão e a senhoria ___ boa mulher ___ velava por tudo. (M.S)*

Em **todas estas coisas** estão estabelecidas as seguintes relações:

1. *Relação Primitiva*

(X) ser coisas < (todas) quaisquer/ inteiro/totalidade

2. *Relação Predicativa*

(coisas) ser (todas) < todas essas coisas;

3. *Relação Enunciativa*

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ pensão; T₁ ≠ T₀, E₁ ≠ E₀

Modalização asserção

Dadas as relações (1), (2) e (3), em ‘Todas estas coisas’ ocorre uma operação de varredura (*parcours*) que percorre um conjunto de ocorrências sem selecionar este ou aquele elemento, aqui observamos que, enquanto as operações de extração e de flechagem operam sobre um ponto da ocorrência no sentido de selecionar uma ocorrência X, a varredura se caracteriza por não se deter em uma ocorrência X.

(2) *Mas, então, vê o homem sua vida extinguir-se. Lavando-se, observa a água escoar-se pelo ralo da pia: “É assim”. Enxuga o rosto, penteia-se com cuidado. “Ao menos uma casa.” **Qualquer coisa**: um chalé, um apartamento minúsculo, um porão que seja. Mas morrer em casa. No seu lar. (M.S)*

Em **qualquer coisa** estão estabelecidas as seguintes relações:

1. *Relação Primitiva*

(X) ser Ao menos uma casa < (qualquer) ser qualquer coisa (casa sem valor/nenhuma casa/ seja qual for a casa).

2. Relação Predicativa

(Ao menos uma casa) ser (qualquer coisa) <ser seu lar < morrer em sua casa> <um chalé, < um apartamento minúsculo, < um porão que seja;

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ a casa qualquer; T₀ ≠ T₁, E₀ ≠ E₁

Modalização asserção

A partir do exposto, tomaremos as relações (1), (2) e (3), que QNT/ QLT as operações dos valores indeterminados trazidos por “qualquer” e graduados modalizações de possibilidades para se cumprir o desejo do <homem> possuir uma casa/ uma casa qualquer. Essa graduação chega a possibilidades mínimas e pejorativas de condições de “ao menos uma casa” = “seu lar”, não possui especificações e nem determinações.

(3) *O carroceiro leva algum tempo para ajeitar a bagagem. É noite fechada quando se põem a caminho. O homem viaja quieto. Não se despediu da dona da pensão. Deu o endereço ao carroceiro e não proferiu mais palavra.*

Em *algum tempo*, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação Primitiva

(X) ser tempo < (algum) nenhum tempo/ sem tempo/ tempo algum;

2. Relação Predicativa

<tempo> ser <algum>; <algum tempo>; *O carroceiro leva algum tempo para ajeitar a bagagem;*

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ tempo; T₀ ≠ T₁, E₀ ≠ E₁

Modalização asserção

Dadas as relações (1), (2) e (3), a noção ‘algum’ marca uma imprecisão, uma não delimitação do tempo gasto no ajeitar a bagagem, ou seja existe uma indefinição na determinação do nominal “tempo”, este tem traços de compacto (nem QNT e nem QLT), não podendo ser nem quantificável e nem enumerável.

(4) *“Um animal pula do terreno baldio para a estrada. É um ser exótico, parecido com um rato, mas quase do tamanho de um jumento. “Que bicho será?” ___ pergunta-se o homem. No ginásio, gostava muito de zoologia. Estudava em detalhe o ornitorrinco e a zebra; os roedores também. Desejara ser zoólogo, mas amigos de bom senso dissuadiram-no de seguir uma profissão que, diziam, até prova em contrário, não existe. Mesmo assim, a visão do curioso espécime é um choque. E nem bem o homem se recupera, quando ouve alguém assobiando.”*

Em *Alguém assobiando*, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação Primitiva

(X) ser alguém que assobia < (alguém); pessoa assobiar/ alguma pessoa/.

2. Relação Predicativa

<assobiar> ser <alguém>; alguém preenche o lugar de assobiador.

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ na rua da casa; T₀ ≠ T₁, E₀ ≠ E₁

Modalização asserção

Dadas as relações (1), (2) e (3), há uma pessoa que assobia, observamos que há uma extração do grupo de pessoas que assobia que pontualmente se ouve, porém continua na continuidade de permanecer assobiando uma pessoa indefinida que está QNT/QLT ação de que o homem nem bem se recupera e já aparece algo a mais que QNT as noções.

(5) *“E o que é que ele vê? Rios brilhando ao longo de planícies, é o que ele vê; lagos piscosos, florestas imensas, picos nevados, vulcões. Vê o mar, muito longe: e nos portos, caravelas atracadas. Até os marinheiros ele pode ver, subindo nos mastros e soltando as bujarronas.*

___ Sim, é outro país ___ concluiu o homem. ___ E tenho de começar tudo de novo.

No enunciado “ ___ Sim, é outro país ___ concluiu o homem. ___ E tenho de começar tudo de novo”. Há nesta construção duas noções de indefinição com “outro” marca uma operação de diferenciação, com a marca “tudo”. Observaremos as operações:

Em *Outro país*, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. *Relação Primitiva* – noções semânticas em relação, relações parafrásticas

(X) ser outro < (país) ser diferente país / diverso país / distinto país /um país/ algum país.

2. *Relação Predicativa* – ordenação entre os termos/ tema

<país> ser <outro>; <outro país>;

3. *Relação Enunciativa* – marcas enunciativas de determinação QNT e QLT, modalização, Tempo – (T) e Espaço – (E).

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ ≠ S₀ um outro país; T₀ (), E₀ ()

Há uma diferenciação entre os tipos de países. De um lado, homem que está em um país diferente do que ele conheceu e vivem gerando uma ambiguidade entre vida x morte; observamos que há presença da operação de varredura que perpassa uma ação no enunciado em que chega a uma conclusão *com aspectualidade perfectiva*.

Descreveremos, a seguir, o conto fantástico “O Espelho”, de Machado de Assis, mediante a seleção de enunciados com predominância da classe pronome indefinidos.

— *Ouçam-me. Na manhã seguinte <achei-me só>. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram.< Achei-me só, sem mais ninguém>, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada (espaço grande). <Nenhum fôlego humano>. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. <Nenhum ente humano>. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. <Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas>. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa.*

(1) *Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. (M.A.)*

1. *Relação Primitiva* – noções semânticas em relação, relações parafrásticas.

Em, *Não senti nada*, estão estabelecidas as seguintes relações:

(X) sentir nada < (nada) ser não medo/não solidão/ não morte/ não tristeza

2. *Relação Predicativa* – ordenação entre os termos/ tema

<nada> ser <medo>; <nada senti>;

3. *Relação Enunciativa* – marcas enunciativas de determinação QNT e QLT, modalização, Tempo – (T) e Espaço – (E).

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ = S₀ sentir nada T₀ (), E₀ ()

modalização assertiva

Dadas as relações (1), (2) e (3), em que se tem <nada> ser <não sentir> <Achei-me tão só que esse sentir nada> do que morrer com valor referencial de definição quanto às marcas de Qualificação/Quantificação, e de definição quanto às marcas de Modalização, T e E, uma vez que se instauram as marcas Modais.

As análises da abordagem da TOPE formam um quadro teórico (Quadro 6) que tentaremos apresentar de forma sintética.

Quadro 6 - Sequências de relações observadas

SEQUÊNCIAS DE RELAÇÕES OBSERVADAS
<i>SEMÂNTICA PELA RELAÇÃO PRIMITIVA</i>
<i>ORDENAÇÃO DO TEXTO PELA RELAÇÃO PREDICATIVA</i>
<i>MARCAS ENUNCIATIVAS PELA RELAÇÃO ENUNCIATIVA</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Síntese

- a) <**toda**> < estas coisas < percorre um conjunto de ocorrências sem selecionar determinado elemento como uma operação de < **varredura** < +/-Quali, +/- Qnt < (in)definido como Quali, Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço (passado-espço quarto).

- b) <**qualquer** coisa que se qualifique como casa < uma casa, casa < **Tipo** < possibilidade de adquirir uma casa < **possibilidade de Tipo** < +/-Quali, +/- Qnt < (in)definido como Quali, Qnt; Modal: possível; Tempo e Espaço (futuro-espço da casa que virá a ser); graduação mínima pejorativa.
- c) <**algum tempo**> imprecisão, não delimitação do tempo;
- d) < **alguém** assobiando> < há um assobiador < **Extração** < do grupo de pessoas que assobiam; +/-Quali, +/- Qnt, (in)definido como Quali, Qnt; Modal: asserção;
- e) Há <**outro país**> que é diferente < Entre o conjunto de países, há outro país < **Extração** < +Quali, -Qnt < definido como Quali, Indefinido como Qnt < **é outro país** < **Flechagem** < +Quali, +Qnt, definido como Quali, definido como Qnt; Modal: assertiva;
- f) <**ninguém**>, eu sem ninguém < ninguém predição eu que se qualifica e quantifica < **Varredura** < +Quali, -Qnt < tudo,nada,ninguém. <um molequinho que fosse < **Flechagem** definido como Quali, definido como Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço: (presente-espço da casa)

Das ocorrências observadas, é possível verificar que as marcas <toda>, <qualquer>, <alguém>,<outro> e <ninguém> dependendo do contexto/cotexto em que ocorrem, assumem valores referenciais diversos, mais ou menos estabilizados, tais como:

- 1) <toda>: varredura; tipo, valores + ou – estabilizados
- 2) <qualquer>: flechagem
- 3) <algum>: gradação do tempo
- 4) <alguém>: extração
- 5) <outro>: extração e flechagem
- 6) <ninguém>varredura, flechagem
- 7) <nada> varredura

Quais os mecanismos enunciativos envolvidos na *definição-indefinição*? Culioli nos apresenta uma análise de operações de determinação de quantificação QNT e de qualificação QLT com definição em traços de **extração** e de **flechagem**. Em alguns pronomes indefinidos observamos uma frequência da operação de **varredura**.

Como afirmamos anteriormente nas análises com os artigos indefinidos, aqui com os pronomes também não foram exaustivas, não levantamos todos os valores possíveis desses marcadores. O nosso objetivo, por meio das nossas análises, foi demonstrar que não podemos atribuir valores determinados para os marcadores, a exemplo dos modelos prescritivos ou descritivos. Observamos que os pronomes indefinidos são marcadores que operam da mesma forma que os marcadores de artigos, eles tem a mesma natureza enunciativa.

No quadro teórico de Culioli, a determinação se constrói em uma representação das operações com os artigos quando acompanham nomes discretos (descontínuos) surgem mais com o definido, ex: o homem, a casa; nomes densos (contínuos) surgem com o indeterminado, ex: um ataque de angina de peito, pois está associado ao neutro e ao indeterminado. “Uns homens” e “uns ataques de angina de peito” a marca de plural *a priori* tem valor de indeterminado em relação ao singular “um homem” e “um ataque de angina de peito”. Culioli nos faz perceber que a expressão no plural se torna uma aceção do substantivo confunde os “limites da referência semântica”.

No quadro das relações observadas, realizou-se uma análise em três passos em relação ao valor do marcador e que assumem valores enunciativos por meio desses três passos: primitivo, predicativo e enunciativo, responsáveis, respectivamente, pelas relações semânticas, ordenação sintática e mecanismos enunciativos que nos mostrou operações que o texto demonstra. O conto é construído com a marca de indefinição, por meio das operações de possibilidade diversas, de correspondências parafrásticas “uma”, “certa” “alguma” “uma qualquer” na construção das noções que são preenchidas por meio de manipulações com mesmo sentido que são preenchidas as ocorrências semânticas no jogo parafrástico que é um movimento.

Na relação de ordenação entre os termos que são sintáticos, o movimento (X ser) o X deve ser preenchido pela noção. Na relação enunciativa temos as marcas enunciativas de modalização, de tempo e de espaço. Dependendo como essas marcas se organizaram entra a determinação QNT e QLT; nesta relação observam-se as situações enunciativas (eu aqui agora digo) em que se instauram os enunciadores, análises realizadas nos Sits de possibilidade que podem ou não estarem marcadas, as faltas dessas marcas dadas pelas relações primitiva, predicativa e enunciativa apresentaram diversidades de noções de valores referenciais da indefinição, uma vez que se instauram as marcas modais de tempo e de espaço e de determinação.

Nessa marca de indefinição observamos, em sentido amplo, entre as duas abordagens, tanto a tradicional como a TOPE, que as questões léxico-gramaticais com a noção de

indefinição são marcadores relevantes para o ensino na produção e interpretação. O gênero conto fantástico é um contexto favorável para as questões de indefinição.

A Gramática Tradicional identifica as marcas de *indefinição* de artigo e pronomes indefinidos, mas no olhar da TOPE chamar *as marcas de artigo, pronome ou adjunto adnominal* tanto faz, porque a indefinição opera nas duas classes. Então, tem-se o mesmo papel conforme as análises de *adjetivo*, de *adjunto* e de *indefinição* na estabilização do mesmo valor referencial de uma mesma noção em relação ao processo parafrástico (nível metalinguístico). Culioli sugere o espelhamento dentre as relações, pois como analistas vamos trabalhar com paráfrase, mas como sujeito operamos com glosas (inconscientemente).

Esses movimentos estão presentes nas três relações: primitiva, predicativa e enunciativa. Neste sentido, para a TOPE as marcas de indefinição deixam de ser observadas separadamente, como demonstramos, diferentemente do que ocorre na abordagem Tradicional de classes morfológicas de artigo ou pronome indefinido.

Na abordagem da TOPE temos as operações de determinação ou a indeterminação que ocorrem a QNT/QLT ou não QNT/QLT observadas pelas relações parafrásticas, podendo em um enunciado ser marcado pela QLT e não ser discretizado pela QNT. Observamos que as marcas de indefinição também não estão marcadas em um tempo e em um espaço, pois não temos marcas de onde e de quando, porque está indefinida na relação enunciativa. A questão (X ser) pode ser determinada ou indeterminada pela QNT e/ou QLT.

Das noções que definimos <casa> e <homem> para análises, conseguimos demonstrar como as operações são manipuladas em contextos diferentes e como essa organização da manipulação de dados se realiza com todas as ocorrências presentes no conto fantástico, por exemplo “casas” no plural, a Gramática Tradicional não reserva um lugar de determinação para esse marcador, mas na TOPE essa marca é significativa, pois entra com a noção de definição e indefinição.

Por fim, há muitas análises a serem feitas, haja vista que uma Tese não termina. Há também muitos estudos e pesquisas e análises a serem feitas, segundo a TOPE, pois a atividade de linguagem é rica em detalhes. Principalmente pelo aspecto físico-cultural do sujeito enunciativo, visualizamos que a definição e a indefinição são uma marca presente no conto fantástico, porém nos comprometemos em continuar à busca de uma contínua pesquisa com essa questão que julgamos ser relevante para a problemática do ensino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] é no dom da linguagem que reside toda a realidade, pois é pela vida desse dom que toda a realidade vem aos homens e às mulheres e é pelo acto continuado desse dom que a realidade se mantém.

Helena Topa Valentim

Este trabalho resultou de uma inquietação acerca de nossas práticas de ensino, envolvendo o ensino de língua materna, para o qual sempre procurávamos encontrar caminhos, de modo a não nos limitarmos às práticas tradicionais à medida que tal perspectiva não visava promover o desenvolvimento da competência discursiva, tal como se objetiva no ensino.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, proposta pelo linguista Antoine Culioli, trouxe-nos o viés de trabalho com a gramática. A TOPE ressalta a articulação léxico-gramatical, o que significa que os tradicionais campos linguísticos fono-morfo-sintático-semântico-enunciativos são reconhecidos em articulação. Embora essa teoria não trate especificamente das questões de ensino, seus pressupostos estabelecem um diálogo com a abordagem *construtivista*, porém nos deu suporte para desenvolver o objeto da nossa escolha pelas noções de *definição/indefinição* veiculadas pelos *artigos definidos, zero, e indefinidos, e pelos pronomes indefinidos*, por apresentarem mecanismos enunciativos pouco explorados no ensino foi o nosso ponto alto.

Há três momentos importantes na nossa Tese, um olhar panorâmico de como as gramáticas cuidam da questão da *definição/indefinição*, que se nos revelou como a problemática da indefinição precisa de estudos e pesquisas. Inicialmente, retomamos como as abordagens de gramáticas prescritivista e descritivista tratam essa questão. Sendo assim, demonstramos no Capítulo I desta Tese que consiste em um viés estático, somando-se às abordagens interacionistas. Desta forma, o parâmetro utilizado foi o tratamento dado à questão da *definição/indefinição* como um sistema de língua em suas especificidades. Entretanto, ainda, nessa abordagem de fundamentos enunciativos sob a perspectiva da TOPE, propõe-se um trabalho voltado para as *noções* de pessoa, espaço e tempo, veiculadas por diferentes marcadores enunciativos, pois não se consideram categorias preestabelecidas.

Ainda no primeiro Capítulo, estabelecemos uma seção intitulada: *As contribuições das abordagens linguísticas para o ensino-aprendizagem de língua de materna*. Nessa seção, apresentamos como as abordagens prescritivista, descritivista e interacionista contribuem para o ensino, demonstrando por meio de exemplos do Livro Didático (doravante LD) adotado na

escola pública em que os dados foram coletados. O resultado do estudo foi a constatação de que há vários modelos e abordagens em que os determinantes, nessa perspectiva de *definição/indefinição*, têm papel menor conforme apresentado.

No segundo momento, vê-se o aprofundamento teórico da TOPE com leituras que nos fundamentaram para refletir sobre a problemática: – Como a indefinição é abordada no ensino? Como também já afirmamos, a TOPE não trata especificamente das questões de ensino, porém encontramos nesta teoria um diálogo com a abordagem construtivista que foi elemento-chave para se pensar o ensino em que montamos os capítulos II e III.

Para dar sustentação aos propósitos dessa investigação, seguindo uma análise da noção de *definição/indefinição* no exercício do ensino, primeiro, mostramos como se apresenta uma análise na perspectiva da abordagem tradicional, com as marcas da noção de *definição-indefinição*, no conto fantástico “Uma casa”, com o destaque da posição de determinantes nominais das classes dos artigos definido e indefinido e do pronome indefinido, nos níveis morfológicos e sintáticos, no destaque dessas marcas classificado ou categorizado como adjunto adnominal e termos acessórios como são assim definidos na Gramática Tradicional.

Por que fizemos essa análise? Para tentar demonstrar como nós professores trabalhamos essas marcas no ensino de sala de aula. E também para destacar que há critérios e fundamentos da lógica, da gramática e da enunciação, na medida em que são apresentados como mecanismos linguísticos. Entretanto, como afirmamos desde o início desta Tese, são questões problemáticas que julgamos ser revisitadas, como, por exemplo, discordar que são termos acessórios, pois tudo depende da tipologia do texto, da consideração da situação enunciativa como ponto de partida do enunciador com seu coenunciador. E, a seguir, outra análise com o mesmo conto “Uma casa”, de Moacyr Scliar e “O espelho”, de Machado de Assis, em uma abordagem da TOPE, observando a heterogeneidade semântica das marcas, evitando etiquetá-las com valores preestabelecidos, mas sim analisando como esses valores são construídos em atividade epilinguística, mostrando em manipulação.

De acordo com nossos dados das marcas *definição/indefinição*, chegamos às seguintes considerações:

- i. Observamos que, com o *artigo definido* que há no conto “Uma casa”, existe uma operação de repetição, porém foi um recurso utilizado para estabilizar as relações de alteridade na construção do texto. A marca de definição motiva a indefinições de ações que proporcionam ao leitor chegar em compreensões fantásticas na elaboração da tipologia do gênero, o mistério. A classificação ou categorização tradicional não é

suficiente como classificação. Exemplificamos com os enunciados do conto fantástico “Uma casa”:

<i>O homem</i>	Vê
<i>O homem</i>	Olha
<i>O homem</i>	Sorri
<i>O homem</i>	Conversa
<i>O homem</i>	Viaja
<i>O homem</i>	Cochila
<i>O homem</i>	Leva
<i>O homem</i>	Insiste
<i>O homem</i>	resolve subir
<i>O homem</i>	Pensa
<i>O homem</i>	Conclui
<i>O homem</i>	Começa tirando o sobretudo.

Ressalte-se que não se trata de localizar uma invariância da unidade sob a forma de um conteúdo, mas de demonstrar como a variação de sentido é regida por uma organização regular. A partir de um mesmo núcleo invariante, podemos ter ocorrências, por exemplo, nas categorias da quantificação, do aspecto, da modalidade, do tempo. Desse modo, ocorrem por meio das múltiplas variações de significação e dos modos de construção envolvendo a marca da indefinição.

- ii. Os *pronomes indefinidos* têm o mesmo papel de construção de valor referencial como o artigo nos textos. E que não precisariam estar em classes distintas de palavras morfológicas como nos é apresentado na Gramática Tradicional. Na TOPE tanto os artigos quanto os pronomes indefinidos são marcas da mesma natureza enunciativa em que operam os movimentos entre a *definição*, a fronteira *definição/indefinição* e a *indefinição*; ou seja, as mesmas noções podem construir os mesmos valores referenciais, podemos ter um substantivo fazendo esta operação de definição e/ou todas as classes são passíveis de gerar essas noções de definição/indefinição nos textos.

- iii. São movimentos léxico-gramaticais que permeiam a modalização, que é uma operação importante na relação intersubjetiva, o sujeito enunciador é considerado o centro organizador do enunciado, remete ao interlocutor por meio do seu dizer e, assim, a relação intersubjetiva entra em jogo, implicando uma distância em relação ao que é visado, como, por exemplo, situações de desejo, de vontade, de ordem, presentes no texto. A modalização pode ser definida como asserção, a modalização indefinida é da ordem do possível, pouco possível e muito possível, do provável ficando na fronteira entre *definição* e *indefinição*.
- iv. As operações *aspectuais* apresentam o meio que o sujeito enunciador indica o ‘estado de coisas’ expresso no enunciado e como se desenrola no tempo. Observamos que esses marcadores nas operações de determinação têm uma relação sobre os valores dos determinantes artigos definidos e indefinidos e os pronomes indefinidos na construção dos valores referenciais nos enunciados, ora definindo-os, ora indefinidos.
- v. O que faz um artigo definido deixar de ser definido e ficar na fronteira entre a fechagem e a varredura é a indefinição da modalização ou ausência da marca aspecto temporal.
- vi. Tudo isso nos levou a observar que todas as noções léxico-gramaticais, na abordagem tradicional, são chamadas de classes. Nas análises são possíveis ter a marca de *definição*, fronteira *definição/indefinição* e a *indefinição*.

Como conclusão de nosso trabalho e, conforme os Parâmetros Curriculares, encontramos uma valorização da linguagem e da atividade epilinguística:

A atividade mais importante [...] é a de criar situações em que os alunos possam operar a própria linguagem, construindo pouco a pouco, no curso dos vários anos de escolaridade, paradigmas próprios da fala de sua comunidade, colocando atenção sobre as condições e diferenças de formas e de usos linguísticos, levando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais em que se dão. É a partir do que os alunos conseguem intuir nesse trabalho epilinguístico, tanto sobre os textos que produzem como sobre os textos que escutam e leem, que poderão falar sobre a linguagem, registrando e organizando essas intuições (PCN, 1998, p. 28).

É na prática de reflexão sobre a língua e a linguagem que pode ocorrer a construção de instrumentos que permitem ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler nas diversas situações de interação de linguagem. De acordo com Rezende (1988, p. 18):

Uma atitude corretiva e preconceituosa em relação às formas não canônicas de expressão linguística, as propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino que tanto do ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem. Pode-se dizer que hoje é praticamente consensual que as práticas devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas, particularmente daquelas associadas aos padrões da escrita (REZENDE, 1988, p. 18).

Na nossa pesquisa, o processo de reconhecimento de textos ocorreu por meio de operações de indeterminação e determinação da noção de *indefinição*, pois o sujeito, no momento da indeterminação, encontra-se diante de um leque de possibilidades de construção no movimento de fechamento da determinação. Sendo assim, seleciona-se o significado que melhor se ajuste ao que se quer representar. Com esta atividade, o sujeito encontra-se diante de toda a liberdade de representação oferecida pela linguagem e toda a necessidade de ajustamentos colocados em jogo pelas relações de alteridade entre enunciadores no momento da enunciação.

No final, as análises demonstram que a noção de *definição/indefinição* é uma marca de construção de enunciação que está presente *nos dois contos fantásticos*, analisados como uma marca tipológica para motivar as características desse gênero. Nessa observação, faltou-nos um aprofundamento da pesquisa na natureza de criação e produção textual dos alunos com modulação/reformulação que os sujeitos são capazes de construir em seus textos e que não são devidamente levados em conta, tendo em vista que se trata de um processo de operações utilizadas pelos alunos na construção de seus textos.

Deste modo, observamos os determinantes: artigo definido e artigo indefinido na busca da construção dos valores referenciais em uma dimensão de uma linguística dinâmica. Eles sozinhos não definem nem indefinem. Por sua vez, a determinação é um resultado de operações com outras marcas sobre uma determinada noção. A determinação e a quantificação das expressões classificadas pela gramática tradicional, como pronomes indefinidos, são determinações ora de especificidades ou generalizações com traços de operações de varreduras das ocorrências. A marca ‘algum’, ‘alguma’, determina a operação de extração dos nomes com traços discretos. A marca ‘ninguém’, ‘alguém’, embora com traço de *indefinição* nas operações enunciativas e predicativas são determinadas pelos cotextos.

A indeterminação da linguagem implica diretamente no que propomos como questões linguísticas da *definição/indefinição*. Isso se pauta em um contexto de ensino aprendizagem, análises direcionadas aos fatos de língua mais reflexivas e dinâmicas, que levem os alunos a perceberem por meio de manipulações dirigidas.

Com efeito, as reflexões sobre a linguagem em operações ocorrem por meio de manipulações, nas quais o professor é o mediador responsável por evidenciar as várias possibilidades linguísticas, ajudando a trazer certa organização a vários valores até então desordenados, orientando, ainda, os alunos a terem uma postura reflexiva sobre os fatos de língua. Esse tipo de atividade deve levar a um olhar diferenciado sobre a enunciação. Concebe-se ainda que, para se efetivar tal postura, a problematização de conceitos tradicionalmente abordados nos livros didáticos é fundamental, porque se buscará a ativação desta aprendizagem, que passa pelo caminho interno próprio que cada aluno (considerado autor) possui e que nenhuma gramática pode proporcionar.

Nessa perspectiva, a natureza do ensino da aprendizagem de língua materna é a de promover a oportunidade de reflexão acerca dos fenômenos linguísticos observados, das relações léxico-gramaticais e enunciação. A relevância deste trabalho deve centrar-se com as noções e não com classe de palavras, pois essa é uma grande diferença, haja vista que as noções são geradas e operadas no enunciado em que são observadas no texto, envolvendo marcas que caracterizam os textos. Dessa forma, nessa pesquisa, visualizamos uma abordagem de ensino conduzindo espaços para a atividade epilinguística. Também verificamos que se faz necessária a elaboração e interpretação de textos, para a análise linguística.

Observamos, ainda, que o enfoque dado ao ensino da língua materna, por se pautar em categorizações e definições prontas, não contempla as relações que permeiam os enunciados e seus elementos constitutivos, não leva em consideração as intenções dos enunciadores presentes nas escolhas de determinadas construções utilizadas na enunciação, tampouco a relação estabelecida entre os enunciadores no momento do ato enunciativo. Ao contrário, analisam o enunciado desprovido de qualquer relação com seu contexto de produção.

Por fim, apesar de a TOPE ter sua base na França, e ter também algumas pesquisas desenvolvidas em Portugal e no Brasil, falta ainda muita divulgação desta teoria, e principalmente na problemática da *definição/indefinição* em que reconhecemos que não conseguimos ir além das relações léxico-gramaticais, falta-nos um estudo da questão na produção do texto do aluno, que será objeto de nossa continuada pesquisa. E por falta de fontes de pesquisa, julgamos que nossa Tese será de grande importância, posto que contribua de forma significativa para as questões de ensino léxico-gramatical.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ações**. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.
- ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. Tradução de Bruno Fregni Basseto, Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Clássicos).
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail [1992]. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, Evanildo. Para quem se faz uma gramática? In: NEVES, Maria H. de Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Gramáticas contemporâneas do português**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I** [1966]. 4. ed. Tradução Maira da Glória Novak e Maria Luísa Néri. Campinas-SP: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. **Problema de linguística Geral II** [1974]. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, 1989.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 22 jun. 2000.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 35. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. **Dever e poder: um subsistema modal do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 1998.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português e linguagens**. 6º ano. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015a.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português e linguagens**. 7º ano. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015b.

CORREIA, Clara Nunes. **Estudos de determinação**: a operação de quantificação-qualificação em sintagmas nominais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CULIOLI, Antoine ; NORMAND, Claudine. **Onze rencontres sur le langage e les langues**. Paris: Ophrys, 2005.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Formalismo et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a, Tome II.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b, Tome III.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: tour et détour. Paris: Ophrys, 2018, Tome IV.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990, Tome I.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 40. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

DE VOGÜÉ, Sarah. Discret, dense, compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale. In: FRANCKEL, Jean-Jacques (ed.). **La notion de prédicat**. Paris: Université de Paris 7, p. 1-38, 1989. (Collection ERA - 642).

DE VOGÜÉ, Sarah. Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, interação. In: DE VOGÜÉ, Sarah. FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 57-85.

DE VOGÜÉ, Sarah. FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

DOTA, Maria Inês Mateus. A subjetividade da linguagem na construção de textos jornalísticos. In: REZENDE, Leticia Marcondes; ONOFRE, Marília Blundi. **Linguagem e línguas naturais**: diversidades experiencial e linguística. São Carlos: Pedro & João, 2006.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas-SP: Pontes, 1987.

FACUNDES, Leonildes Pessoa. **Sufixo - (z)inho, -ão e -ona em português**: uma perspectiva enunciativa. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (Org.). **Dicionário da linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (Org.). **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FRANCHI, Carlos et al. **Linguagem**: atividade constitutiva: teoria e poesia. São Paulo: Parábola, 2011.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP, 1991.

FRANCKEL, Jean-Jaques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOUGÜÉ, S. FRANCKEL, Jean-Jaques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

FUCHS, Catherine. **As problemáticas enunciativas**: esboço de uma apresentação histórica e crítica. São Paulo: Alfa, 1985.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2001.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

INTRODUÇÃO. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística aplicada ao Português**: Morfologia. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. **Artigo no processo de construção referencial**: as operações de determinação e indeterminação. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1997.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

LYONS, John. **Língua(gem) e linguística**: uma introdução. Tradução Marilda W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos, v. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018b.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018a.

OLIVEIRA, Roberta Pires. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ONOFRE, Blundi Marília. **A indeterminação na linguagem**: inconsciência e manipulação. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

ONOFRE, Blundi Marília. **Abordagens enunciativas e ensino-aprendizagem de línguas**. In: ONOFRE, Blundi Marília. O processo de predicação no ensino de língua. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**, Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2239-2244.

ONOFRE, Blundi Marília. **Implicações enunciativas da marca “se”**. In: ONOFRE, Marília Blundi; REZENDE, Letícia Marcondes (Org.). **Linguagem e línguas naturais**: diversidade experiencial e linguística. São Carlos: Pedro & João, 2006.

ONOFRE, Blundi Marília. Sobre o sentido e a referência por Frege: um exercício de leitura. **Revista Brasileira de Letras**, v. 5, n. 1, p. 67-74, 2008.

ONOFRE, Marília Blundi; REZENDE, Letícia Marcondes (Org.). **Linguagem e línguas naturais**: clivagem entre o enunciado e a enunciação. São Carlos: Pedro & João, 2009.

PAES, José Paulo (Org.). **Histórias fantásticas**. 5. ed. Coleção para Gostar de Ler. São Paulo: Ática, 2006.

PERINI, Mário Alberto. **Princípios da linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 2.

REZENDE, Letícia Marcondes. A indeterminação da linguagem e o conceito de atividade no ensino de língua materna. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 40, v. 2, p. 707-714, maio/ago. 2011.

REZENDE, Letícia Marcondes. Educação e sociedade: o ensino de línguas. **Didática**, São Paulo, n. 28, p. 151-172, 1992.

REZENDE, Letícia Marcondes. Estudo de “O instrumento de avaliação: prova de comunicação e expressão do concurso vestibular-1987 VUNESP”. **Pesquisa**, São Paulo, n. 1, v. 203, p. 1-99; 1988.

REZENDE, Letícia Marcondes. Teorias das operações enunciativas: as construções comparativas. **Revista Versão Beta**, ano IV, n. 38, 2006b.

REZENDE, Letícia Marcondes. Teorias das operações enunciativas: as construções relativas. **Revista Versão Beta**, ano IV, n. 39, 2006c.

REZENDE, Letícia Marcondes. Teorias das operações enunciativas: o ensino de línguas. **Revista Versão Beta**, ano IV, n. 40, 2006d.

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL**, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.

ROMERO, Márcia; VÓVIO, Cláudia. Da criatividade do falar do jovem às práticas pedagógicas criadoras. **Interações**, n. 17, p. 72-95, 2011. Disponível em: <http://eses.pt/interações>. Acesso em: 7 dez. 2019.

ROMERO, Márcia. Teoria das operações enunciativas. In: ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; FLORES, Valdir do Nascimento. **Manual de Linguística: semântica, pragmática e enunciação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 175-237.

ROMERO-LOPES, Márcia Cristina. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **ReVEL**, v. 9, n. 16, p. 152-163, 2011.

ROMERO-LOPES, Márcia Cristina. A significação vista por Emile Benveniste. **Cadernos**, v. 9, n. 1, p. 48-56, 2003.

ROMERO-LOPES, Márcia Cristina. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada**. Estudo dos verbos *jouer* e *changer*. 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000.

SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: UnB, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 32. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2006.

VALENTIM, Helena Topa. **Predicação de existência e operações enunciativas**. Lisboa: Colibri, 1998.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS: ESTUDO DOS MARCADORES DE DETERMINAÇÃO E INDETERMINAÇÃO EM PRODUÇÃO TEXTUAL

Pesquisador: LEONILDES PESSOA FACUNDES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81125317.1.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.671.288

Apresentação do Projeto:

O projeto foi reapresentado após os ajustes sugeridos pelo CEP, quando da primeira avaliação documental.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão adequadamente apresentados:

Objetivo Primário:

Analisar as práticas linguísticas a serem aplicadas no exercício da produção textual de contos fantásticos, observando, os valores de construção referencial de indeterminação, das marcas dos pronomes indefinidos, produzidos por alunos do ensino fundamental.

Objetivo Secundário:

Fazer uma coletânea de diferentes contos fantásticos e atividades de identificação de elementos linguístico para a construção do fantástico;

Apresentar aos alunos de educação básica o conto fantástico, e a seguir aplicar as atividades; Orientar os alunos a produção textual de contos

fantásticos; Observar no conto fantástico produzido pelos alunos, se as relações semânticas/valores semânticos influenciam as diferentes

configurações sintáticas que são construídas em torno desse marcador; Analisar a estrutura

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-0683 E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 2.671.288

atípica/inversa de enunciados que envolvem as marcas de indeterminação sob a ótica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram ajustadas as declarações sobre os riscos, sendo que nesta versão a proponente escreve que "Este estudo apresenta risco mínimo, pois possíveis desconfortos podem ocorrer emocionalmente como insegurança e/ou dúvida no momento de realização das atividades, no entanto ressaltamos que você não será obrigado(a) a responder todas as questões e/ou produzir os textos. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa."

Sobre os benefícios, ela apresenta que "por se tratar de uma pesquisa no trato das questões do ensino aprendizagem será de grande relevância para a prática de professores de Letras. E, também, com a multiplicidade de papéis exercidos pela pesquisadora: atuação como professora/formadora e como pesquisadora sobre os dados gerados, e sobre a observação do cenário de pesquisa (de dentro e de fora), embora simultâneo no momento da formação pelo que o encaminhamento das aulas suscitem, e para o desenvolvimento das atividades relacionadas à pesquisa da tese."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante para a área de linguística.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram ajustados como a proponente apresenta: "Resolver a incongruência sobre os riscos presentes no documento de informações básicas e no TCLE, em que se lê "riscos mínimos" e "nenhum risco", respectivamente." E, "Anexar o TALE, uma vez que a pesquisa será feita com menores de idade." Portanto, as correções apontadas pelo CEP foram realizadas.

Recomendações:

Não há mais recomendações, uma vez que os ajustes foram feitos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências, uma vez que os ajustes foram feitos.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-0683 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2671288

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1043138.pdf	02/04/2018 16:39:01		Aceito
Outros	CARTA_DE_ESCLARECIMENTO_LEONILDES.pdf	02/04/2018 16:37:15	LEONILDES PESSOA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_ao_aluno.doc	02/04/2018 16:08:39	LEONILDES PESSOA FACUNDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_ao_responsavel.doc	02/04/2018 16:07:52	LEONILDES PESSOA FACUNDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto detalhado.pdf	30/11/2017 16:10:50	LEONILDES PESSOA FACUNDES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	30/11/2017 15:53:38	LEONILDES PESSOA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 23 de Maio de 2018

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)335-10683 E-mail: cephumanos@ufscar.br

ANEXO B - CONTO "UMA CASA"

Uma casa

Moacyr Scllar

Um homem ainda não tinha comprado sua casa quando sofreu um ataque de angina de peito. A dor foi muito forte e ele teve, como é habitual nestes casos, a sensação da morte iminente. Ao médico que o atendeu perguntou quanto tempo lhe restava de vida.

— Quem sabe? — disse o doutor. — Talvez um dia, talvez dez anos.

O homem se impressionou muito, coisa que não acontecia há longo tempo. Sua existência era tranqüila. Estava aposentado; levantava-se, lia o jornal (apenas a seção de curiosidades e passatempos); ia para a Praça da Alfândega, conversava com os amigos, engraxava os sapatos. Almoçava, dormia um pouco, e, à tarde, ouvia rádio. À noite olhava televisão. Todas estas coisas embalavam suavemente seu espírito, sem mobilizá-lo em excesso. Órfão e solteiro, não tinha maiores cuidados; vivia num quarto de pensão e a senhoria — boa mulher — velava por tudo.

Mas, então, vê o homem sua vida extinguir-se. Lavando-se, observa a água escoar-se pelo ralo da pia: "É assim". Enxuga o rosto, penteia-se com cuidado. "Ao menos uma casa." Qualquer coisa: um chalé, um apartamento minúsculo, um porão que seja. Mas morrer em casa. No seu lar.

Procura uma imobiliária. O corretor mostra-lhe plantas e fotografias. O homem olha, perplexo. Não sabe escolher. Ignora se precisa de dois quartos ou de três. Há uma casa com ar condicionado, mas será que ele viverá até o verão?

De repente, encontra: "Esta aqui. Fico com ela". A fotografia mostra um velho bangalô de madeira, com beiradas coloniais e pintura desbotada. "Esta nós anunciamos pelo terreno" — explica o corretor. "A casa, mesmo, está quase caindo." "Não faz mal." O corretor ainda pondera: "Olhe que é longe...". Longe!... O homem sorri. Assina os papéis, pega a chave, toma nota do endereço e sai.

A tarde vem caindo e o homem move-se entre as pessoas, bem contente. Vai mudar-se para a sua casa! Perto da pensão, numa praça, há carroceiros à espera de serviço. O homem conversa com um deles, acerta a mudança.

O carroceiro leva algum tempo para ajeitar a bagagem. É noite fechada quando se põem a caminho. O homem viaja quieto. Não se despediu da dona da pensão. Deu o endereço ao carroceiro e não proferiu mais palavra.

A carroça avança devagar pelas ruas desertas. Embalado pelo movimento, o homem cochila: e tem sonhos, visões, ou lembranças: antigas canções; a mãe chamando-o para tomar café; a sineta do colégio.

— É aqui — diz o carroceiro. O homem olha: é a mesma casa que via na fotografia. Num impulso, agarra a mão do carroceiro, agradece, deseja-lhe felicidades. Tem mesmo vontade de convidá-lo a entrar: venha tomar um chá em minha casa. Mas não há chá. O carroceiro recebe o pagamento e se vai, tossindo.

O homem leva suas coisas para dentro, fecha a porta e dá duas voltas à chave. Acende uma vela. Olha ao redor: o chão juncado de insetos mortos e farrapos de papel, as paredes sujas. Está muito cansado. Estende no chão um cobertor e deita-se, enrolado no sobretudo.

As tábuas estalam, e ele ouve sussurros; são vozes conhecidas: pai, mãe, tia Rafaela, estão todos aqui — até mesmo o avô, com seu risinho irônico.

Não, o homem não se assusta. Seu coração — um pedaço de couro seco, ele imagina — bate no ritmo de sempre. Ele dorme, a vida se apaga, e já é de manhã.

É de manhã, mas o sol não surgiu. O homem se levanta e abre a janela; uma luz fria e cinzenta infiltra-se na sala. Não é luz do sol, nem é luz da lua. E é a esta luz que ele vê a rua que passa diante da casa. Um pedaço de rua, surgindo do nevoeiro e terminando nele. Não há casas; pelo menos ele não as vê. Bem diante do bangalô há um terreno baldio e nele, meio coberto pela vegetação, o esqueleto enferrujado de um velho Packard¹.

Um animal pula do terreno baldio para a estrada. É um ser exótico, parecido com um rato, mas quase do tamanho de um jumento. "Que bicho será?" — pergunta-se o homem. No ginásio, gostara muito de zoologia. Estudava em detalhe o ornitorrinco e a zebra; os roedores também. Desejara ser zoólogo, mas amigos de bom senso dissuadiram-no de seguir uma profissão que, diziam, até prova em contrário, não existe. Mesmo assim, a visão do curioso espécime é um choque. E nem bem o homem se recupera, quando ouve alguém assobiando.

Da cerração vem saindo um homem. Um homem baixo e moreno, com cara de índio. Caminha devagar, batendo nas pedras com um cajado; e assobiando sempre.

— Bom dia!

O nativo não responde. Pára. Fica olhando e sorrindo. Desconcertado, o homem insiste.

— Mora por aqui?

Sorrindo sempre, o andarilho murmura algumas palavras em idioma bizarro e desaparece.

"É um idioma bizarro" — pensa o homem. Logo, um país distante. Bem que o corretor lhe avisara! Mas isto fora há longo tempo. Desnorteadado, o homem resolve subir ao andar de cima para, de lá, situar-se melhor. Corre para a escada, galga os degraus de dois em dois (e não me dá angina!), chega a uma espécie de torreão, cuja janelinha ele abre. A névoa se dissipa e ele pode ver.

¹ Packard: antigo modelo de automóvel. (N.A.)

E o que é que ele vê? Rios brilhando ao longo de planícies, é o que ele vê; lagos piscosos, florestas imensas, picos nevados, vulcões. Vê o mar, muito longe: e nos portos, caravelas atracadas. Até os marinheiros ele pode ver, subindo nos mastros e soltando as bujarronas.

— Sim, é outro país — conclui o homem. — E tenho de começar tudo de novo.

Seriam dez horas da manhã — se é que as horas ainda existiam — e a temperatura poderia ser considerada agradável. O homem começa tirando o sobretudo.

ANEXO C - CONTO “O ESPELHO” - MACHADO DE ASSIS

O ESPELHO

ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião — uma conjectura, ao menos.

— Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterra no coração.” Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

— Não?

— Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora — na verdade, gentilíssima — que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a Rua do Ouvidor, Petrópolis...

— Perdão; essa senhora quem é?

— Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a ama da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

— Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-

me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

— Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

— Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos; os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. * Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes.

Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

— Matá-lo?

— Antes assim fosse.

— Coisa pior?

— Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? Era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinham saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde comeci a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abraçou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, tic-tac tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: Never, for ever! — For ever, never! confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: — Never, forever! — Forever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

— Sim, parece que tinha um pouco de medo.

— Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: — o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono, a consciência do meu ser novo e único — porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir? * Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia Marcolina, deixava-se estar. Soeur Anne, soeur Anne... Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

— Mas não comia?

— Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, líras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tic-tac, tic-tac...

— Na verdade, era de enlouquecer.

— Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. — Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

— Diga.

— Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

— Mas, diga, diga.

— Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

MACHADO DE ASSIS